Vitor Barletta Machado

Agentes Religiosos, Motivação Política

A influência da Igreja Católica na organização do movimento dos
trabalhadores rurais sem-terra do Assentamento II de Sumaré no estado
de São Paulo

Dissertação de mestrado apresentada a
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo –
Departamento de Ciências Sociais (Área de
Sociologia), sob orientação do Professor
Doutor Lísias Nogueira Negrão.

Banca:

Prof. Dr. Lísias Nogueira Negrão (orientador)

Prof.a Dra. Heloisa Helena Teixeira de Souza Martins

Prof. Dr. Luiz Roberto Benedetti

Prof. Dr. José Geraldo Alberto B. Poker (suplente)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Março de 2002

“A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes. Por isso, em qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgatar a terra.”
Lv. 25, 23-24

Para minha família.

Índice

Resumo 02

Abstract 03

Introdução 04

Agradecimentos 15

1. Perspectiva Teórica 16

1.1. Gramsci - Hegemonia e Intelectuais Orgânicos 16

1.2. Pensando a Esfera Religiosa 23

1.3. Reprodução Institucional e Mercado Religioso 39

2. Histórico do Assentamento II de Sumaré 52

3. Conversando com os agentes da minha pesquisa 64

3.1. Ângelo 67

3.2. Segura e Cida 73

3.3. Trapolim 90

3.4. Uma budista entre os católicos 96

3.5. Sr. Sidiney 99

3.6. Sr. Alcindo 109

3.7. Dona Tereza e seu filho Ciro 117

3.8. Conflito religioso em família 123

3.9. Encontro com dois dirigentes atuais: Luizão e Luiz 127

4. Os assentados atuando dentro da esfera religiosa 132

5 Conclusão 156

Bibliografia 175

Resumo

A Igreja Católica esteve presente em diferentes movimentos sociais ao longo da história brasileira, particularmente aqueles voltados para a questão rural. A dissertação analisa um destes movimentos, o dos sem-terra do Assentamento II de Sumaré, no estado de São Paulo, partindo de uma perspectiva teórica que discute conceitos amplamente difundidos entre os que estudam a esfera religiosa brasileira. O objetivo é empreender uma análise que ressalte a maneira como a doutrina religiosa católica, especialmente a defendida pela Teologia da Libertação, auxiliou no processo de organização do movimento aqui enfocado, não encarada apenas como estratégia de reprodução institucional desta Igreja visando sua sobrevivência em um competitivo mercado religioso. Todo trabalho realizado pelos agentes religiosos contribuiu para uma mudança efetiva no projeto de vida dos assentados, na maneira como interpretam os valores da doutrina católica, em uma ação que vai muito além dos limites desta instituição. Da análise dos relatos obtidos durante as entrevistas surge uma história de resistência, de um povo que se recusou a permanecer vivendo na miséria.

Palavras chave: Igreja Católica; Sumaré; trabalhadores sem-terra; Comunidade Eclesial de Base (CEB); Teologia da Libertação.

Abstract

The Catholic Church has been present in different social moments through Brazilian history, especially those related to rural matters. The work analyses one of these movements, the one from the Settlement II from Sumaré, in São Paulo State, from a theoretical perspectiva which has as an objective to discuss concepts broadly known among the ones who study the Brazilian religious sphere. The objective is to show the way the Catholic religious doctrine, specifically the one defended by the Theology of Freedom, helped in the process of the movement organization here focused, not faced only as reproduction of this Church aiming at its surviving in a competitive religious business. All the work done by the religious agents contributed for an effective change in the project of life of the landless people in the Settlement, in the way they interpret the values of the catholic doctrine in a way that goes beyond the limits of this institution. From the analysis of the facts gotten during the interviews, it arises a history of resistance of people who refused to live in a miserable way.

Key words: Catholic Church; Sumaré; landless rural workers; Base Ecclesiastical Community; Theology of Freedom.

Introdução

Muitas vezes a percepção de um problema social é o ponto de partida para a formulação de um problema de investigação científica. Foi este o caso do meu projeto de mestrado, fruto de diversas discussões realizadas em meus anos como estudante de graduação, das quais esta dissertação surge como resultado final. Muito já foi escrito sobre o MST, trabalhos científicos que analisaram sua gênese, os conflitos dentro do movimento, seus desdobramentos e implicações políticas e econômicas, mas os Sem-terra também são presença constante nos jornais e revistas, meios de comunicação nos quais o rigor da pesquisa nem sempre é uma regra, onde a orientação política dos patrocinadores exige um certo tipo de posicionamento, determinando a emissão de um juízo de valor. Quem procura realizar um trabalho científico deve evitar tais julgamentos morais em seu texto, buscando apresentar uma questão de investigação, que pode até ter sido inspirada por um grave problema social, mas será sempre um problema de conhecimento, necessariamente conduzido dentro das normas definidas pelo campo da ciência. No caso da minha pesquisa a motivação dada pelo conhecimento da grave realidade social do nosso país, marcado pela desigualdade de acesso às necessidades mais elementares, como a alimentação e a moradia, foi muito forte, principalmente após o meu primeiro contato com a realidade dos assentamentos rurais que depois acabei estudando. Mas como sociólogo redimensionei as sensações que o conhecimento desta realidade social me trouxe, em termos de um projeto científico de pesquisa.

As discussões sobre o tema da reforma agrária no Brasil, remetendo à sua necessidade, das ações do Movimento Sem-terra (MST), da reação do governo e de setores da sociedade brasileira, costumam prender minha atenção. Vários são os motivos, desde um sentimento, que algumas pessoas podem achar juvenil, da urgente necessidade de uma reforma social no Brasil, o

tão propalado combate à pobreza, que passaram por uma reformulação direcionada para o campo da investigação sociológica, através de uma pergunta inquietante e nada original¹: o que motiva um grupo de pessoas a lutarem pela obtenção e cumprimento de seus direitos como seres humanos e cidadãos, dentro das condições vigentes em nossa sociedade? Procurando uma resposta inicial para esta indagação é que procurei realizar meu primeiro contato com os membros do MST, visitando o Assentamento I de Sumaré, localizado no estado de São Paulo, no ano de 1996. A conversa com um de seus moradores veio ao encontro de diversas outras questões, a principal delas relacionada ao envolvimento da Igreja Católica nas lutas destes trabalhadores. A maneira como a religiosidade apareceu, muito marcante no discurso do morador, suscitou um outro conjunto de questões, versando sobre as formas como tal relacionamento com a religiosidade é encarado e incorporado pelos membros do movimento, tanto como sobre o tipo de convivência que estabelecem com a instituição Igreja e seus representantes.

Meu primeiro passo foi começar a familiarizar-me com o tema em questão, através da bibliografia disponível, produzida por agentes do movimento e por pesquisadores. Ao longo do texto terei a oportunidade para comentá-los mais apropriadamente, no momento convém continuar com as minhas digressões iniciais.

Todo pesquisador também está, evidentemente, inserido em uma certa realidade social. Nossa realidade imediata é aquela que nos obriga a começarmos buscar condições para a satisfação das necessidades mais elementares, comuns a todos os animais, como alimentação e abrigo. Minha situação pessoal, aliada à crise econômica e social do país, bem como da crise de financiamento que o meio da pesquisa acadêmica vive, levou-me inevitavelmente ao mercado de trabalho. Tive a felicidade, considerando tal quadro, de conseguir a oportunidade de lecionar em uma escola de rede particular de ensino fundamental, isto no ano de 1998. Em 2001, ano que foi

¹ Nada original na medida em que diversos trabalhos já procuraram responder diferentes aspectos desta mesma

dedicado à redação deste texto, somei outra escola à minha rotina de trabalho. Até o momento tem sido agradáveis, nem por isso menos trabalhosos, anos de atividade docente, que também auxiliaram no direcionamento das minhas preocupações de pesquisa, considerando que meu ano de ingresso no programa de mestrado em sociologia da Universidade de São Paulo foi também o de minha estréia como professor. O fato de lecionar as disciplinas de história e sociologia proporcionou-me o contato com um outro tipo de literatura que provavelmente eu teria colocado de lado, visando favorecer as leituras dos cursos obrigatórios, bem como da bibliografia específica sobre minha área e tema de pesquisa. Retomar a história brasileira, assim como alguns eventos da chamada história geral, deram-me um outro tipo de clareza sobre as características do meu objeto de pesquisa, se é que posso classificar os agentes humanos que tanto me ensinaram e com certeza ainda vão ensinar, como “objetos”. Acredito que o mais apropriado seria classificá-los como os meus “agentes”, uma vez que procuro conhecer e analisar a dinâmica de certos aspectos das suas histórias pessoais e cotidianas. De qualquer forma pude resgatar fragmentos de um pressuposto teórico, fortemente marcado pelas características do processo histórico da nossa constituição enquanto nação. A análise sociológica da religião assume outro aspecto, nem melhor nem pior, apenas diferente, quando em paralelo com uma fundamentação histórica, o mesmo devendo ser dito sobre a análise da questão rural brasileira. Este aspecto acabou fundamentando minha primeira questão, que já não pode mais ser encarada como tal, mas sim como um posicionamento efetivo, uma hipótese primordial de meu trabalho de pesquisa, refletindo sobre a urgência de uma verdadeira reforma social no Brasil, com o estabelecimento de uma distribuição mais decente dos meios de sobrevivência.

Mas se as necessidades imediatas de todo ser humano me proporcionaram tais reflexões, também impuseram seu preço. Descobri-me, diversas vezes, totalmente imerso em minhas

questão, mas o enfoque dado aqui irá revelar a especificidade desta pesquisa.

obrigações como profissional da área de educação, já por demais desprestigiada para que não sentisse o dever e a vontade de realizar um bom trabalho, atrasando minhas leituras teóricas e a pesquisa de campo. Precisei então adaptar meu cronograma e expectativas de pesquisa à realidade dos meus prazos. Por isto deixei para um outro momento a análise e o confronto, que defendi como necessários em meu projeto de pesquisa original, dos documentos emitidos pela Vaticano, pela Igreja Católica brasileira (representada oficialmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB) e pelo próprio MST. Uma análise realmente efetiva e profunda destes documentos e textos demandaria um tempo que não disponho, por envolverem também outras questões, ligadas ao campo específico da teologia, por exemplo. Meu trabalho junto aos assentados ficaria extremamente prejudicado se tivesse que dividir meu já tão escasso “tempo livre”, com outras análises teóricas e documentais, além daquelas que já devo realizar dentro de minha área de pesquisa.

Meu projeto assumiu então uma outra dimensão, talvez até mesmo mais factível, diante das condições do trabalho de pesquisa acadêmica em nosso país. Centralizei minha atenção nos agentes envolvidos diretamente no processo de conquista da terra, neste caso os moradores do Assentamento II de Sumaré, no Estado de São Paulo. Limitei o número de questionamentos que procuraria resolver com meu trabalho, deixando os restantes, além dos outros que foram surgindo, para um momento futuro que espero não estar muito distante. Por isto reformulei meus objetivos, procurando focalizar as diferentes trajetórias pessoais dos assentados, colocando a opção religiosa como eixo destes relatos. A intenção fundamental é compreender como a religião entra no cotidiano destas pessoas, passando por uma série de constatações e questionamentos, os quais apresento em seqüência.

Um primeiro ponto a destacar é meu posicionamento com relação à literatura que já foi produzida sobre o tema em questão, da ação da Igreja Católica junto aos movimentos de

trabalhadores rurais. Parece ponto comum para boa parte dos autores uma posição que denomino de “reprodutivista” sobre a atuação da Igreja, onde ela aparece como somente interessada em sua sobrevivência enquanto instituição, competindo com as demais alternativas religiosas pela crença dos seus fiéis². Meu posicionamento possui outras preocupações e direcionamentos, partindo de conversas preliminares que tive com os assentados e outros trabalhos com os quais também tive contato. Através deste referencial, deixo de lado a análise puramente institucional da ação da Igreja junto aos movimentos sociais rurais, preocupando-me com o como a sua doutrina chega às pessoas que tomam parte nesta luta, motivando-os a partirem para a conquista da terra. Pretendo fornecer uma análise das relações destas pessoas com os agentes diretamente ligados com a instituição Igreja, bem como com os aspectos principais da sua doutrina, condicionada pela Teologia da Libertação. Concentro-me no fato de que não podemos limitar a atuação dos indivíduos envolvidos no processo, pois eles não recebem passivamente aquilo que lhes é passado e, de certa forma, imposto. A sua experiência de mobilização influencia, também, o modo como vão se relacionar com os agentes religiosos dentro do assentamento, passando por um processo de reavaliação dos seus interesses, de como a sua religião vai ser encaixada neste novo momento de sua vida, que é a situação de assentado. Enfim, acredito que não é possível considerar que a reprodução da instituição Igreja ocorre mecanicamente, como se ela apenas utilizasse o movimento dentro de uma estratégia de dominação, pois tal situação de utilização também ocorre quando olhamos pelo prisma dos assentados. Faço tal afirmação considerando os seguintes fatos, levantados no contato com o Assentamento II de Sumaré: nem todos os assentados professam a fé da Igreja Católica, preferindo aderir a outras práticas religiosas, sendo

² Cito alguns trabalhos como referências de tais posturas: PAIVA, José Maria de. **A Imagem que a Igreja Tem da Realidade Brasileira - Um Estudo Através das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's**. Campinas, 1985. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja Contra Estado (Crítica ao Populismo Católico)**. 1.ed. São Paulo: Kaíros, 1979. SANTIAGO, Gabriel Lomba. **As CEB's Frente ao Estado e a Igreja**. Campinas, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. TEIXEIRA, Faustino L. C. **A Gênese das CEB's no Brasil - Elementos Explicativos**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

que, mesmo entre os que se proclamam católicos, existe uma ruptura dentro da comunidade, onde um grupo de assentados desenvolveu uma organização própria para as suas atividades religiosas, devido a uma briga com o padre da região³, que os proibiu de participarem da organização dos eventos da comunidade. Atualmente o grupo conta com o apoio do novo padre de Sumaré, que realiza uma celebração mensal no assentamento. Várias hipóteses surgem daí, ressaltando principalmente a questão das trajetórias individuais com respeito à opção religiosa. Fica colocado o questionamento sobre as formas como cada pessoa, envolvida no processo de formação do assentamento, encara o suposto utilitarismo, por parte da Instituição Igreja procurando reproduzir-se, assim como dos assentados, que uma vez que satisfazem seus interesses mais imediatos procuram, ou quem sabe retomam, outras formas de vivência religiosa, mais condicionada às novas expectativas que criou. Ao longo do texto discuto alguns destes autores⁴ com mais profundidade, aqui apenas forneço um panorama geral do percurso da pesquisa até o momento. É importante salientar que a maior parte da bibliografia trata da atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o que é justificável dentro desta pesquisa pois os assentamentos de Sumaré surgiram diretamente da atuação da Igreja Católica local, através da constituição e do trabalho das CEBs, que forneceram a base para a estruturação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) no estado de São Paulo⁵.

A formação dos assentamentos de Sumaré pode ser buscada no ano de 1982, ano em que o centro comunitário Nossa Senhora de Fátima estava organizando um horta comunitária, partindo

³ As particularidades do que aconteceu entre estas pessoas e o padre serão devidamente exploradas mais adiante.

⁴ Que foram a base fundamental para a elaboração do projeto de mestrado, sendo o mesmo baseado em minha monografia: **Da Crença à Ação Política (Revisão Bibliográfica, Sobre a Atuação da Igreja Junto aos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Brasileiros)**, sob orientação do professor Fernando Antônio Lourenço, apresentada à Universidade Estadual de Campinas, em 1997.

⁵ Para um histórico destes Assentamentos, consultar as obras de: FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST formação e territorialização**, 2^a ed., São Paulo: Hucitec, 1999, e de TARELHO, Luiz Carlos. **Da Consciência dos Direitos à Identidade Social: Os Sem-terra de Sumaré**. São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

de experiências anteriores de mobilização pela obtenção de água, luz e asfalto. O trabalho na horta acabou relembrando as origens rurais da maioria dos moradores dos bairros populares daquela cidade, começando com as reuniões de preparação para a primeira ocupação em janeiro de 1983, através de um processo de leitura e reflexão de textos bíblicos e de relatos de lutas históricas pela terra em nosso país, como o Contestado e as Ligas Camponesas. Finalmente, no dia 03 de novembro de 1983, a ocupação é realizada, em terras da Usina Tamoio, na cidade de Araraquara, mas foi somente a primeira de uma seqüência, devido as expulsões que eram efetuadas tanto por jagunços como pela Polícia Militar. No dia 04 de janeiro de 1984 é realizada a reunião definitiva com o governador do estado no período, Franco Montoro, que lhes concede uma área do Horto Florestal de Hortolândia, pertencente à FEPASA (Ferrovia Paulista Sociedade Anônima), onde hoje é o Assentamento I. O chamado grupo II, enfocado em minha pesquisa, nasceu do processo de luta do primeiro, tendo sido formado conjuntamente à fundação do MST.

“Algumas lideranças do Movimento dos Sem-Terra de Sumaré participaram da articulação estadual, coordenada pela CPT e, em janeiro de 1984, estiveram presentes no Primeiro Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, em Cascavel-PR.” (Fernandes, 1999, pág. 122)⁶

Realizaram a primeira ocupação no Horto Florestal Boa Vista, também de propriedade da FEPASA em Sumaré, no dia 17 de maio de 1985, mas também foram despejados pela Polícia Militar, como tinha acontecido com o grupo I. Foi preciso muita negociação e diversas idas e vindas para conseguirem, em 18 de agosto de 1985, o assentamento emergencial no horto ocupado primeiramente. Em 1988 terminou o contrato de arrendamento da área do Horto Florestal de Sumaré pela Usina Santa Bárbara, marcando então a conquista de mais esta área pelos moradores do Assentamento II. Houve ainda a formação de um terceiro grupo, durante a

⁶ CPT, Comissão Pastoral da Terra, órgão ligado à CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

luta do segundo, que começou as suas reuniões em abril de 1985, conseguindo o assentamento definitivo no dia 19 de março de 1986, na área da Fazenda Jupira, em Porto Feliz.

Partindo destes pressupostos iniciais algumas questões podem ser formuladas, todas relacionadas com as diferentes trajetórias de cada assentado. Quando lidamos com este tipo de problema, das opções que são feitas no decorrer da vida de um indivíduo, estamos diante de uma gama muito diversa de possibilidades. Tentar determinar os interesses que motivam a ação é algo sempre difícil, o impulso inicial que aparece como homogêneo pode revelar, futuramente, um leque tamanho de situações que, considerando o tema em questão, podem ter em comum apenas o fato de procurarem uma solução mais eficiente para as suas carências econômicas. Esta é uma questão sempre presente para os dirigentes do MST: como manter as pessoas unidas aos ideais do movimento depois que elas já conseguiram o seu objetivo imediato, que é a terra? Como trabalhar com os membros dos diversos assentamentos, de modo que abandonem o desejo de serem proprietários únicos de uma área, na qual consigam plantar para o próprio sustento, não mais se preocupando com os demais companheiros de luta, que em tal altura já se transformaram em simples vizinhos?⁷ Surge o problema de definir a origem deste desejo de ser dono da terra, que pode indicar a tentativa de retornar ao modelo de vida rural que já possuíram, marcado pela agricultura que era realizada na propriedade familiar. Mas também poderia surgir de uma outra situação, na qual reside a lembrança de que a situação que viveram na terra era precária, assim como as condições em que vivem na cidade, sendo a conquista da terra, da sua propriedade, a grande solução para a questão que os estimulou a sair do campo, que é justamente a exploração da sua mão-de-obra. A resolução para o mesmo problema no ambiente urbano passa por caminhos diversos, difíceis de controlar, não sendo uma possibilidade concreta que todos se

⁷ Uma questão atual que se impõe é qual será a forma de enfrentamento da política do Governo Federal, que aprova leis impedindo a vistoria em terras invadidas, estimulando o cadastramento nos projetos oficiais com a promessa do título da terra.

tornem patrões, donos de alguma pequena empresa. Mas ser dono de um pedaço de terra, onde seja possível plantar para obter a subsistência familiar, é algo plausível, uma atividade para a qual já contam com uma experiência anterior, além de fazer parte das aspirações tradicionais de famílias de origem camponesa. De qualquer forma a propriedade da terra acabaria surgindo, nesta perspectiva, como a resolução de um problema que possui as mesmas características para a vida rural ou urbana, com a diferença de que se torna possível encontrar uma solução concreta para as dificuldades vividas no trabalho com a terra. Como podemos pensar tal ideologia individualista, uma marca da sociedade capitalista que já está presente nos envolvidos com o movimento de conquista da terra, louvada constantemente em todos os meios, através dos casos exemplares de *self made man*, daqueles que “venceram pelas próprias forças”, “que merecem pois trabalharam”? As mídias começam a destacar nos últimos tempos estas questões, enfatizando-as como sendo o lado negativo do MST. Como verificar a veracidade de tais divulgações? Mais importante, como tais discussões são percebidas, considerando que o sejam, pelos assentados? Como elas interferem no seu cotidiano? E voltando diretamente para a minha questão, estará a opção religiosa ainda influenciando a ação dos assentados? Qual é o seu peso real? Ela é determinante de um certo tipo de postura ou é mais comum que seja um acessório da mesma?

O assentamento II de Sumaré é um bom lugar para tentar começar a responder tais questionamentos, pois ele é colocado, conforme declarações dos seus moradores, à margem das decisões e manifestações do MST, pois são acusados pelas lideranças de terem se distanciado da luta e dos objetivos do movimento. Neste sentido a pesquisa pode apresentar subsídios para um entendimento mais sistemático desta problemática, que não é verdadeira apenas dentro do Assentamento II de Sumaré, ocorrendo também em outros assentamentos. É a questão sobre como manter os membros do movimento mobilizados depois de efetuada a conquista.

Durante o trabalho de campo foi inevitável manter uma postura de alguém que se encantou com seus “agentes”, desenvolvendo uma atitude que Boaventura de Sousa Santos denominou de como sendo de verdadeira “contemplação” do seu “objeto de estudo”, entendendo tal como o encantamento com a construção do conhecimento que o objeto em estudo nos proporciona, assumindo sua postura de que o cientista deve ficar encantado pelo seu trabalho, tendo com ele a mesma atitude respeitosa daquele religioso que contempla seu deus⁸. Nada mais dentro de meu tema de pesquisa.

⁸ Ele também se refere à incerteza do conhecimento, que torna-se a “...chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado.”, SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso Sobre as Ciências**, 6^a edição, Portugal: Afrontamento, 1993. Pág. 53.

Agradecimentos

Todo trabalho de pesquisa sempre traz uma série de agradecimentos, confirmando a idéia de que apesar da solidão da escrita, aquilo que estamos produzindo é resultado da interação que temos com o nosso próprio meio. Os primeiros agradecimentos devem ir para os protagonistas da luta que irei descrever, pela experiência de vida que me proporcionaram. Tenho também muitas pessoas para lembrar neste momento, a começar pela minha companheira Katia, que vivenciou comigo os momentos dos bastidores desta dissertação, sempre paciente. Meu orientador, professor doutor Lísias Nogueira Negrão, com todo seu apoio e leitura sempre atenta, que muito me ajudou na reelaboração das minhas idéias. Aos professores doutores José Geraldo Alberto B. Poker e Luiz Roberto Benedetti, pelos comentários realizados durante a qualificação deste trabalho. Também gostaria de agradecer ao professor doutor Fernando Antônio Lourenço, da UNICAMP, pelas discussões que acabaram gerando meu projeto inicial de mestrado. Contando ainda com o suporte da minha família, dos amigos e amigas, cujo apoio e palavras de confiança contribuíram muito para superar os momentos de dúvidas e de desabafos. Espero corresponder às expectativas de todos.

1. Perspectiva teórica

Antes de começar a tratar da bibliografia mais específica sobre o tema da Igreja e dos movimentos sociais rurais, ou camponeses como preferem alguns autores, um posicionamento e discussão sobre os autores que serviram como meu embasamento teórico deve ter seu lugar primeiramente. Apesar de meu caminho ter sido inverso, tendo primeiramente tomado contato com os textos ligados ao meu tema do que com os teóricos da sociologia da religião, percebo agora que muitos questionamentos teriam sido melhor orientados se tivesse seguido o rumo que agora me coloco.

Alguns autores clássicos não poderiam deixar de ser mencionados, como Durkheim, Max Weber, Eliade, Gramsci. Tais autores influenciaram alguns de meus questionamentos, outros apontaram formas de colocar estas interrogações e de encarar o campo religioso que procurei não descartar mas colocar em um plano apenas acessório.

1.1. Gramsci – Hegemonia e intelectuais orgânicos

O referencial de Gramsci para se trabalhar a questão do campo religioso, liga-se aos aspectos da Igreja italiana, mas as suas afirmações refletem uma opinião sobre toda a Instituição, pois fala da sede do papado, Roma na Itália, que controla todas as Igrejas Católicas no mundo⁹. Mostra que enquanto instituição a Igreja não é um todo ideológico homogêneo, aparecendo a questão da religião como o ópio do povo, que é comparada, desta forma, ao jogo, que seria o ópio

⁹ Sobre a questão do controle institucional feito pela Igreja Católica em todo o mundo, José Maria de Paiva afirma que é na sua opção preferencial pelos pobres que a Igreja constrói a sua imagem da nossa realidade. O autor distingue duas dimensões da Igreja: uma institucional, do sistema eclesial baseado no eixo sacramento/clero; outra comunitária, baseada no eixo Evangelho/Povo de Deus. Mostra como a dimensão institucional é prevalecente dentro das atitudes da Igreja: 'Nem tudo que se faz na Igreja é comandado pela hierarquia, mas é ela quem sempre avalia,

da miséria¹⁰, “...há uma estreita ligação entre o loto e a religião: quando alguém acerta, sente que foi ‘eleito’, que recebeu uma particular graça de um Santo ou de Nossa Senhora.” (Idem, pág. 348). Procura ressaltar a permanência do catolicismo na linguagem e no modo de pensar da população, especialmente dos camponeses. Entretanto, discuto a sua afirmação que liga a preservação da sua ordem simbólica, necessariamente, à manutenção da ordem política, pois acaba considerando que não há possibilidade de inovação na atuação da Igreja junto ao povo, dizendo que sempre buscará a reprodução da ordem dominante, através da perpetuação da instituição. Discutirei tal afirmação, através da análise de textos que tratam de casos concretos da realidade brasileira.

“Deve-se notar que todas as inovações no seio da Igreja, quando não são devidas à iniciativa do centro, tem em si algo de herético e terminam assumindo este caráter, até que o centro reage energeticamente, desbaratando as forças inovadoras, reabsorvendo os vacilantes e excluindo os refratários.” (Idem, pág. 284).

Essa é uma ação repressora valorizada por Gramsci em seu texto, reforçada particularmente quando distingue a ação dos jesuítas em países de maioria católica ou em países de maioria não-católica, nos últimos a Igreja Católica prega a tolerância religiosa e a existência de instituições amorfas, preceitos indispensáveis para o seu crescimento, enquanto nos primeiros luta contra essas mesmas instituições que facilitariam a penetração de não-católicos (Idem, pág. 418).

“É notável que a Igreja jamais tenha muito o sentido da autocrítica como função central; não obstante a sua alardeada ligação às massas de fiéis. Por isso as inovações sempre

quem chancela e autentica, quem oficializa ou proíbe.” (Paiva, 1985, pág. 04).

¹⁰ Gramsci discute esses termos procurando ressaltar a passagem da definição de Balzac sobre o jogo como ópio da miséria, para a definição de Hegel da religião como ópio do povo. GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. (Perspectivas do Homem, v. 35, Série

foram impostas, e não propostas e acolhidas só *abtorto collo*. O desenvolvimento histórico da Igreja verificou-se por fracionamento (as diversas companhias religiosas são, na realidade, frações absorvidas e disciplinadas como ‘ordens religiosas’).” (Idem, págs. 284 e 285).

A idéia da Igreja cooptando as frações que desenvolvem outro tipo de prática junto ao povo é presente em muitos autores, implicando na ausência de possibilidade contestadora dentro dos quadros dessa instituição, por valorizar grandemente sua ação domesticadora, quer seja dos seus fiéis ou de seus agentes eclesiais. É uma postura em grande parte justificável e verdadeira, principalmente pensando nos fatos históricos analisados por Gramsci¹¹. Seu texto possui um alcance muito específico, para o período e as condições em que estava produzindo. Entretanto ele ressalta a capacidade que a Igreja Católica possui de reunir várias tendências, muitas delas com posturas opostas em certas temáticas, sobre uma mesma autoridade, mantendo uma unidade enquanto instituição. Mas Gramsci ressalta que:

“...a força de coesão da Igreja é muito menor do que se pensa, não só pelo fato de que a crescente indiferença da massa dos fiéis pelas questões puramente religiosas e eclesiásticas dá um valor muito relativo à superficial e aparente homogeneidade ideológica; mas em virtude do fato bem mais grave de que o centro eclesiástico é impotente para aniquilar as forças organizadas que lutam conscientemente no seio da Igreja.” (Idem, pág. 319).

Sua preocupação é mostrar como uma instituição pôde manter seu poder por tantos séculos, mesmo enfrentando combates internos constantes, entre diversas tendências, que nos casos mais extremos acabaram conduzindo ao rompimento com a Igreja Católica, como durante o

Política). Págs. 346 e 347.

¹¹ Fala da questão do surgimento da Ação Católica e das concordatas na Itália, no final do século XIX e começo do século XX.

período da Reforma Protestante, revelando que a capacidade de adaptação desta instituição não é inesgotável¹². Exatamente por estes motivos é que Gramsci vai analisar os meios utilizados pela Igreja Católica para permanecer como fonte de um poder secular, sendo a educação o mecanismo principal pelo qual ela atinge sua meta, com a expansão de uma rede de escolas e universidades, de tal maneira que: “A nova estrutura educacional permite a imissão entre o pessoal leigo de células católicas que se reforçarão, cada vez mais, de elementos que deverão a sua posição somente à Igreja.” (Idem, pág. 307). Estabelecendo-se como centro de acesso à educação a Igreja garante a formação dos seus novos quadros, quer seja de novos fiéis, que podem vir a ocupar cargos importantes nos governos, até os que servirão para a manutenção do seu próprio quadro hierárquico, como os padres, bispos, arcebispos e outros. Tal atuação educacional, aliada à divulgação da sua suposta unidade ideológica, garante a sua perpetuação na sociedade, resultando que: “O clero deve ser sempre levado em conta como tipo de estratificação social, ao analisar-se a composição das classes possuidoras e dirigentes.” (Idem, pág. 355).

Podemos pensar a Igreja Católica latino-americana partindo dos mesmos princípios ressaltados por Gramsci, lembrando que ela não é uma instituição sem contradições internas, possuindo diferentes tendências, sendo a Teologia da Libertação uma delas dentro da América Latina. Michael Löwy identificou quatro tendências na Igreja na América Latina: a primeira, integrista e ultra-reacionária, semi-facista, identificada com grupos como a TFP (Tradição Família e Propriedade); a segunda, tradicionalista e conservadora, hostil à Teologia da Libertação, ligada organicamente às classes dominantes e à Cúria Romana, como a direção do CELAM (Conferência dos Bispos da América Latina); a terceira, reformista e modernista, tendo certa autonomia intelectual com relação à Roma, defende os direitos dos homens e certas

¹² Ver Gramsci, 1984, pág. 323. Também é interessante a seguinte observação feita pelo autor: “...cada Papa morto poderia oferecer terreno para a organização de uma seita ligada a uma sua atitude particular.”, Gramsci, 1984, pág. 324.

reivindicações dos pobres, ligada a Conferência de Puebla; e a quarta, radicais próximos à Teologia da Libertação, capazes de solidariedade ativa com os movimentos populares, trabalhadores e camponeses, identificando-se a atuação de vários padres e bispos, como Dom Pedro Casaldàglia e Dom Paulo Evaristo Arns, aqui no Brasil¹³. A existência dessas tendências confirma que não podemos conceber a Igreja de forma homogênea, mas que é necessário perceber as suas diferenças internas, bem como a influência das experiências anteriores de cada agente religioso, ligadas às origens sociais destes. O fato de não considerar a Igreja como instituição homogênea, reforça um dos posicionamentos essenciais desta dissertação, que é o de não se deixar levar apenas pelas implicações da ação reprodutora da instituição religiosa católica, mas pensar nas reelaborações da sua doutrina, que são realizadas pelos diferentes agentes envolvidos na questão da conquista e permanência na terra. Afinal não se trata apenas da defesa dos interesses da Igreja Católica, mas de uma participação efetiva na luta destes setores da população, marcada fortemente pela presença da Teologia da Libertação, no trabalho realizado nas Comunidades Eclesiais de Base, de onde saíram pessoas que acabaram atuando em partidos políticos e sindicatos, contribuindo para o seu surgimento e fortalecimento. Não é simplesmente a defesa dos interesses da instituição Igreja.

‘Para compreender bem a posição da Igreja na sociedade moderna, é preciso compreender que ela está disposta a lutar só para defender as suas liberdades corporativas particulares (de Igreja como Igreja, organização eclesiástica), os privilégios que proclamam como ligados à própria essência divina; para a defesa destes privilégios a Igreja não exclui nenhum meio, nem a insurreição armada, nem o atentado individual, nem o apelo à invasão estrangeira. Todo o resto é

¹³ Esta divisão pode ser encontrada no seu livro: LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez Editora & Editora Autores Associados, 1991. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 39), págs. 29 e 30, porém em

relativamente transcurável, a menos que não esteja ligado às suas condições existenciais. A Igreja entende por “despotismo” a intervenção da autoridade estatal leiga que limita ou suprime os seus privilégios - não muito mais; ela reconhece qualquer *podestà* de fato, e desde que ele não toque nos seus privilégios, legitimamo; se depois os seus privilégios crescem, exalta-o e proclama-o providencial.” (Gramsci, 1984, pág. 289).

A passagem anterior mostra um posicionamento verificável dentro da própria história da Igreja da América Latina, mas não é a postura exclusiva, há o exemplo dos padres e bispos que dedicaram suas vidas na luta junto aos pobres e excluídos¹⁴. Não é possível a defesa de tal atuação para todos os setores da Igreja, basta recordamos o que Gramsci mesmo afirmou, que enquanto ideologia e também enquanto instituição a Igreja não é um todo homogêneo, existindo “...forças que disputam a hegemonia na Igreja romana,...” (Idem, pág. 321). Este é mais um aspecto a ser considerado na análise do campo religioso, nas lutas da Igreja junto aos trabalhadores rurais, na Teologia da Libertação, onde uma nova forma de atuar enquanto Igreja é desenvolvida, oposta ao modo de atuação anterior, quando ela, Igreja, não se comprometia com a opção preferencial pelos pobres. Ainda que se tenha em mente que “O clero deve ser sempre levado em conta como tipo de estratificação social, ao analisar-se a composição das classes possuidoras e dirigentes.” (Idem, pág. 355), justamente por esse fator não se deve considerar que

uma obra mais recente, **A Guerra dos Deuses - Religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pág. 66, ele continua adotando a mesma divisão.

¹⁴ No primeiro caso tínhamos a Igreja Católica durante a ditadura militar na Argentina, que manteve uma postura de convivência total com as atrocidades cometidas, conforme texto de FERRARI, León. Sobre Hóstias, Cópulas, Bispos e Divorciados, **Revista Adusp**, n. 06, p. 49-50, 1996, em que comenta a postura desta Igreja, que nega o direito de comunhão aos divorciados, mas não o negou aos torturadores e líderes do exército, que visitava os membros do governo ditatorial na cadeia, dando-lhes conforto espiritual, pedindo o esquecimento e o perdão em uma campanha por anistia geral de todos os envolvidos, carrascos e vítimas. Esta mesma Igreja, que não fez nada para consolar e evitar as torturas e mortes dos presos políticos durante a ditadura, comemorou junto com os envolvidos no governo ditatorial quando conseguiram o indulto. Até hoje os argentinos lutam pela punição dos envolvidos em assassinatos e torturas durante a ditadura, pretendendo revogar a anistia que lhes foi concedida. Uma postura diferente foi tomada pela Igreja Católica no Brasil, quando do golpe militar de 1964, inicialmente fornecendo suporte aos militares, mas deixando este apoio de lado quando as violências cometidas se tornaram excessivas, atingindo diretamente alguns

a atuação de todos os seus agentes leva em conta a mesma interpretação da sua ideologia religiosa. Sua identificação como um “tipo de estratificação social” abre espaço para ações diferenciadas conforme a posição ocupada, que implica também em diferentes maneiras de se interpretar quais as posturas a serem tomadas e de como interpretar os preceitos religiosos que defendem.

Desta forma, Gramsci não é utilizado diretamente como um referencial de análise em meu projeto, no que se refere à questão religiosa, pois seus posicionamentos são muito específicos, mesmo que ele tenha procurado realizar uma discussão que fosse além do caso que procurava questionar, suas conclusões encaixam-se diretamente na postura que denominei como reprodutivista. Sua maior contribuição vem dos seus escritos sobre a busca e a conquista da hegemonia¹⁵. Ele afirma que há uma luta pela obtenção de tal hegemonia, que é sempre construída ao redor de certos projetos, que representam os interesses¹⁶ dos diferentes grupos que desejam chegar ao controle da sociedade. O grupo que conseguir transformar, com maior eficiência os seus projetos pessoais em projetos de toda a sociedade, terá alcançado o controle da hegemonia dentro de uma sociedade. Suas idéias podem então ser colocadas em prática e impostas a todos.

Outra contribuição de Gramsci para a análise que me proponho é a definição do intelectual orgânico. É importante pois faz parte das noções teóricas do próprio movimento, mas também pelo fato de que algumas das suas principais lideranças atuam dentro do perfil traçado por Gramsci ao elaborar este conceito. A contribuição destes conceitos poderá ser melhor compreendida depois da apresentação e discussão das entrevistas realizadas, quando então será possível retomá-los em conjunto com os demais que ainda serão apresentados.

padres que estavam mais envolvidos nos movimentos de contestação ao regime instalado.

¹⁵ A discussão de Gramsci sobre a hegemonia pode ser encontrada na sua obra já citada.

¹⁶ A questão dos interesses será uma constante neste texto, já que, conforme o que já foi dito até aqui, lidamos com

1.2. Pensando a esfera religiosa

“Pero así como toda acción individual tiene su dios especial, así también toda *acción comunitaria*, que por otra parte lo necesitaba si el proceso de socialización quería ser garantizado de modo duradero. Siempre que una agrupación no aparezca como cuestión del poder de *un solo* dominador, sino como una verdadera “unión”, tiene necesidad de un dios particular.”¹⁷

A afirmação anterior de Weber remete para um tema essencial de meu trabalho, que é a relação entre uma ação comunitária e a necessidade que ela possui, para que seu processo de socialização seja garantido de maneira duradoura, de possuir um deus particular. Ele busca a justificativa histórica para tal afirmação, falando sobre os grupamentos familiares e os clãs, onde tal deus fundamentava a dominação patriarcal. O mesmo vale para as associações profissionais, possuindo divindades e santos especiais, assim como de algumas associações de caráter político. Suas afirmações mostram uma certa divisão do trabalho dentro do panteão religioso, que delimita as diferentes competências. Esta presença de uma divindade particular organiza a vida do grupo. A religião transfere sua hierarquia própria, presente na sua doutrina ou relato sagrado, para o grupo que a sustenta, estabelecendo as lideranças, garantindo a obediência dos preceitos de convivência, assegurando que os caminhos escolhidos são os corretos para o bem-estar da comunidade. Neste sentido o poder do deus é sempre colocado à prova, sendo seu prestígio aumentado conforme ele atende aos desejos dos seus seguidores, sendo sempre possível, em caso de fracasso, jogar a culpa nos próprios seguidores, considerando-se que seja uma divindade com

diferentes agentes sociais, que vieram de realidades distintas, reelaborando suas convicções no decorrer de uma luta que não termina com a conquista da terra.

¹⁷ WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. 2ª ed., 11ª reimpressão, México:Fondo de Cultura Económica, 1997, pág. 336. Para evitar incorrer em imprecisões optei por não fazer a tradução do texto original em espanhol.

um prestígio muito grande. Entretanto Weber ressalta que o poder religioso possui limites quando confrontado com as necessidades elementares da vida diária.

Embora estas análises de Weber refiram-se a outros contextos sócio-religiosos que o enfocado, encontramos nelas algumas referências para as nossas próprias reflexões. Nesta perspectiva, tomando os devidos cuidados, podemos analisar a situação do Assentamento II de Sumaré, tanto a atual como durante sua formação. A mobilização das pessoas que iriam formá-lo ocorreu em um momento no qual o MST não estava articulado como movimento em âmbito nacional, tendo ocorrido no espaço de organização fornecido pela Igreja Católica, com a formação de uma Comunidade Eclesial de Base. O objetivo da estruturação do grupo sempre esteve ligado à busca de uma alternativa de sobrevivência que melhorasse as condições de todos, tendo sido realizados encontros que procuravam estimular tal perspectiva, onde logo surge a proposta de tentarem conquistar uma terra na região. Em Sumaré tivemos um exemplo claro da metodologia empregada pelos agentes religiosos daquela época, com relação à forma de estruturar a comunidade e de estabelecer uma meta comum para ser alcançada. Trabalhavam com a interpretação da Bíblia, procurando mostrar qual seria o projeto de Deus para eles, jogando um olhar atual para as narrativas ali contidas, principalmente sobre o livro do Êxodo, da história sobre a busca da Terra Prometida. O grupo identificou-se com a proposta de leitura dos agentes religiosos¹⁸, percebendo-se como excluídos do projeto da sociedade existente, abraçando a nova proposta que surgia nas reuniões, da conquista coletiva da terra, do retorno à vida rural, aspecto que também fazia parte do passado comum de todos. Sobre este assunto acredito que será enriquecedor apresentar, ainda que resumidamente, os principais elementos destes relatos bíblicos que foram discutidos durante os encontros do grupo, particularmente o livro do Êxodo, mas com algumas menções ao livro do Gênesis. O resgate destas histórias bíblicas será

¹⁸ Eram principalmente seminaristas e alguns padres da região.

importante por dois motivos: primeiro visando fortalecer a comparação que era trabalhada com a comunidade em questão, segundo para analisar com mais cuidado as semelhanças que eram identificadas entre as trajetórias de cada grupo. Posso acrescentar um terceiro motivo, que diz respeito justamente à grande quantidade de estudos existentes sobre esta temática, da origem das CEBs através dos estudos bíblicos, da análise social que era feita pela comparação com a história do povo hebreu, que é comentada por diferentes autores, mas dando como pressuposto o conhecimento do conteúdo dos livros iniciais da Bíblia católica, um processo que pode deixar de lado aspectos importantes da relação que pretendo discutir. Por estes motivos farei agora um resumo da história dos primeiros livros da Bíblia católica, como uma necessidade para o melhor desenvolvimento da minha argumentação.

Os livros do Gênesis e do Êxodo mostram o que teriam sido os primeiros anos da humanidade, começando pela criação do mundo, da sua destruição pela ira divina durante o dilúvio, o repovoamento feito pelos filhos de Noé, o primeiro escolhido por Deus para salvar todos os seres vivos através da construção de uma arca. É da descendência de Noé que surge Abrão, posteriormente chamado de Abraão, a quem Javé fez a promessa de propiciar uma descendência numerosa em uma terra na qual nada lhes faltaria. Abraão gerou, entre outros, Isaac que era pai de Jacó, sendo que este último também teve seu nome mudado mais tarde para Israel. Um dos filhos de Jacó era José, que foi vendido ao Faraó do Egito pelos irmãos, mas pela sua capacidade de interpretar sonhos como previsões do tempo futuro caiu nas graças do rei, tornando-se o grande administrador do país. Foi nesta condição que José foi capaz de salvar toda a sua família da fome que assolava a região, causada por anos de seca ininterrupta, levando todos para o Egito, onde foram acolhidos pelo Faraó e pelo povo. Acreditavam ter encontrado a terra que fora prometida por Deus, Javé, à Abrão. Mas o relato prossegue mostrando que José e todos da sua geração envelheceram e morreram, deixando uma descendência numerosa, que começou a

preocupar o novo Faraó, que não chegou a conhecer José, iniciando o processo de escravização daquelas pessoas, que agora são chamadas dentro do texto bíblico de ‘povo dos filhos de Israel’.

A história da libertação da escravidão do Egito começa com o nascimento de Moisés, descendente da tribo de Levi, que foi outro dos filhos de Jacó. Quando ele nasceu o Faraó havia ordenado o extermínio dos recém nascidos do sexo masculino entre os hebreus, visando diminuir a expansão daquele povo, que se tornava cada vez mais numeroso, apesar da escravidão que recaía sobre eles. Sua mãe o deixou nas margens de um rio, onde foi encontrado pela filha do Faraó, que acabou por criá-lo. Entretanto foi a sua verdadeira mãe que lhe serviu de ama, tendo crescido entre as pessoas do seu povo. O relato da sua trajetória é cheio de imagens da ação de Javé protegendo o seu povo, culminando com a fuga das terras do Egito, depois que o país foi assolado por diversas pestes e pela morte dos primogênitos de todos os egípcios. Outra interferência de Javé ocorre quando ele abre as águas do mar para que seu povo pudesse fugir das tropas do Faraó, que saiu em perseguição dos hebreus ao perceber o número de escravos que estava prestes a perder. O texto bíblico chega a afirmar que os hebreus já eram mais numerosos do que os egípcios, algo que somente confirma que este povo teria vivido por muitos anos como escravos¹⁹, havendo certamente toda uma geração, ou mais do que uma, desconhecadora do que era viver em liberdade. É certamente por este motivo que o relato do livro do Êxodo mostra um povo que perdia a fé em diversos momentos, sentindo saudades do tempo em que eram escravos, quando pelo menos tinham o que comer, mas a cada momento de dúvida seu líder, Moisés, intercedia perante Javé, que providenciava a água e a comida necessárias. São os anos difíceis que passam peregrinando pelo deserto, parecendo que não possuíam um destino certo, apenas acreditando na liderança de Moisés, que foi questionada muitas vezes nesta caminhada. Foram

¹⁹ Ainda mais se lembrarmos que inicialmente eram apenas os doze filhos de Jacó que haviam ido viver no Egito com suas famílias, um número grande de pessoas, mas evidentemente muito menor do que era a população do Egito.

tantos os momentos de dúvida, em que o povo retomava os cultos de quando ainda viviam no Egito, que o próprio Deus teria dito a Moisés que aquele era um povo de “cabeças duras”.

A análise da história bíblica comparada com a trajetória dos moradores do Assentamento II, reforça a perspectiva de que a situação de carência que ambos viveram estimulou a coesão dos grupos, no primeiro caso havia a promessa de liberdade, o ponto de união era a vida como escravos, a mesma que o povo de Israel dizia algumas vezes ser melhor do que a situação atual, marcada pelas dificuldades de subsistência, no caso dos assentados o grupo construiu sua união buscando superar uma situação comum de carências, revalorizando o passado rural, que também era comum aos membros iniciais do movimento. A perspectiva dos hebreus era de que chegariam à terra que havia sido prometida aos seus antepassados, Abraão, Isaac e Jacó, para os assentados houve a perspectiva do retorno à terra, seu local de origem. Então podemos analisar os pontos principais que provocaram a união, tanto do povo hebreu como dos assentados, a situação de falta de liberdade e a miséria, que era reforçada pela perspectiva de conquista da “Terra Prometida”, com a diferença que no relato bíblico tal promessa era anterior ao período de escravidão, onde Javé afirmou a Abraão que concederia terras para um povo que nunca havia possuído a sua própria Pátria, mas para os moradores do Assentamento tinha sido a promessa de conquistar uma situação melhor do que a atual, mais estável do que o contexto original quando foram obrigados a migrar para a cidade²⁰. Moisés foi o grande líder do povo de Israel, considerado o maior dos profetas, a pessoa que lembrou o povo da aliança que haviam feito com Deus e que os conduziu à terra por Ele prometida. O relato bíblico o descreve como alguém que não sabia falar para as multidões, precisando utilizar a ajuda de Aarão, nomeado por Deus para ser o porta-voz de Moisés, função ocupada posteriormente por Josué, além de outras pessoas, normalmente sacerdotes, que estavam encarregados de organizarem as demandas de todo o povo. Os sem-terra

²⁰ Um objetivo mais modesto do que o de alcançar uma terra para o estabelecimento de um novo povo.

que formaram o Assentamento II foram organizados, principalmente, pelo trabalho de seminaristas e alguns padres, dentro da perspectiva do ver-julgar-agir católica, visando preparar as futuras lideranças do grupo. Quando comparamos a história dos assentados com o relato bíblico encontramos pontos comuns, principalmente sobre a maneira como foram organizados para a conquista da “Terra Prometida”. É interessante na história do povo hebreu a união feita ao redor de Moisés, mas mostrando, ao mesmo tempo, que foi preciso estabelecer uma divisão de funções na comunidade, formando lideranças de pequenos grupos que iam informando líderes de grupos maiores, deixando chegar ao topo apenas as decisões mais complicadas, que realmente demandassem a interferência daquele que poderia interceder diretamente a Javé. Na conquista da terra os sem-terra também eram organizados em grupos, cada um responsável por um setor essencial para a luta, como a alimentação, o cuidado com as crianças, até as decisões sobre o momento correto de ocupação da terra e as negociações com o governo e os proprietários rurais.

Existe pelo menos mais um fator muito importante na comparação que venho fazendo, que diz respeito ao estabelecimento de laços comuns entre as pessoas envolvidas no processo de conquista da terra, seja ela prometida por Javé ou fruto da mobilização popular. É um ponto comum de análises sobre a realidade dos assentamentos rurais, surgidos através de movimentos sociais, perceber-se que muitas vezes a mobilização do grupo começa a enfraquecer após o estabelecimento das famílias na terra, cada grupo voltando a tratar individualmente dos seus problemas e da sua produção, abandonando todas as experiências de trabalho coletivo que desenvolviam no tempo anterior à conquista. As pessoas começam a se tratar como vizinhos e não como companheiros de uma luta que já foi comum. Um dos grandes desafios do MST atualmente é justamente o de buscar alternativas para esta realidade, que divide as famílias dentro de um mesmo assentamento conforme as capacidades produtivas de cada uma, havendo os casos

de sucesso e aqueles que não conseguem atingir o patamar da subsistência²¹. É um ponto muito importante da história contada pela Bíblia o fortalecimento dos filhos de Israel como um só povo, fato que passa pelo estabelecimento de uma série de regras comuns, que são relatadas no texto, mas também na adoção de rituais comuns, como a circuncisão, na vivência conjunta de uma série de dificuldades durante os anos de peregrinação pelo deserto, como a fome, a sede, além é claro de testemunharem os momentos de intervenção divina em seu favor, conforme a história anteriormente comentada. A promessa de Javé feita aos ancestrais, aliada às dificuldades que viveram e foram superadas pela coletividade, conduzem ao estabelecimento de um laço que não é somente o de viverem em uma mesma terra, de terem passado por situações comuns, mas de terem superado todas as dificuldades como um povo, seguindo os mesmos preceitos, acreditando nos mesmos ideais, sendo então premiados com a conquista da Terra Prometida. A promessa de uma vida melhor somente se concretizou com a superação dos problemas comuns, como a escravidão e a miséria, através, literalmente, de uma caminhada que durou anos. Os filhos de Israel não surgem como povo logo após a fuga do Egito, mas eles acabam se tornando um no processo de busca da sua terra, quando percebem como os problemas podiam ser melhor resolvidos pela ação conjunta do grupo, quando o objetivo comum deixa de ser somente a conquista da terra, mas o de fazer nascer um povo forte, com laços históricos amplos. Podemos falar, mais uma vez retomando a comparação, que o grande problema enfrentado pelos assentamentos, no geral mas também no caso que estudei, é justamente o estabelecimento de um laço duradouro entre as pessoas, que vá além das perspectivas imediatistas, da resolução de uma questão comum, mas que permita o aparecimento de um novo modelo de sociedade. É um dos

²¹ Quando for tratar das entrevistas que realizei, tal perspectiva ficará mais clara, relatando as tentativas que foram feitas com relação ao trabalho cooperativado, analisando as causas para o seu fracasso que foram apresentadas pelos próprios assentados. Apenas antecipo, para melhor ilustrar o que pretendo afirmar neste momento, que o fator principal apontado para o fracasso destas tentativas foi a incompatibilidade de ritmos de trabalho, aliada à questão de como proceder a uma divisão justa do que era produzido, considerando-se que nem todos haviam contribuído da mesma forma.

motivos que leva a direção do MST a indicar o socialismo como caminho a ser seguido, uma vez que seria a alternativa para o modelo de sociedade em que vivemos, que pode ser confirmado pelo trecho de uma das músicas do movimento, escolhida entre muitas outras:

‘Uma cova funda enterrará para sempre

Fome, miséria e alienação

Um broto novo nascerá das massas

E o novo homem se erguerá do chão

E pra cidade um novo projeto

E o latifúndio agora em muitas mãos

/:Socialismo pra quem faz história

E ainda carrega o sonho em suas mãos:/”²²

Voltando a falar sobre o grupo de assentados com o qual trabalhei, posso encontrar diferentes elementos das questões que estou aqui levantando nos relatos que me foram feitos. É possível encontrar o fator inicial aglutinador daquelas pessoas, conforme já foi dito anteriormente, no trabalho realizado por agentes da Igreja Católica, particularmente de seminaristas da região, no estabelecimento de uma Comunidade Eclesial de Base²³, na qual eram discutidos os temas bíblicos que abordei e muitos outros, procurando justamente despertar um certo olhar crítico naquelas pessoas, para que se dispusessem a lutar pela conquista de uma terra que lhes era apresentada como prometida por Deus. Tentavam estimular a mobilização visando a superação de um problema comum, que era a situação de miséria, direcionando o enfoque para um certo passado que lhes era comum, o da vida rural, que era apresentada como alternativa

²² Trecho da música ‘Sonhar Grande’, de Zé Pinto, retirada do livro **Sem-Terra – As músicas do MST**, publicado pelo próprio movimento em 1996.

²³ O termo eclesial ressalta ainda mais o caráter religioso destas comunidades, que eram estruturas partindo do trabalho da Igreja, uma vez que são apresentadas como a nova forma de ser Igreja. Para exemplificar tal postura ver o texto: FREI BETO. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 5ª ed., Ed. Brasiliense: 1984. (Coleção Primeiros

concreta para a solução da questão imediata da fome, além de ser um direito essencial, uma vez que está ligada à obtenção dos meios de sobrevivência. Outro aspecto enfatizado é o fato de que a própria constituição brasileira, no artigo número seis, tratando sobre os direitos sociais, coloca que : ‘São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.’, fazendo com que a luta que vão iniciar esteja amparada também pelas leis terrenas, configurando-se como a tentativa de que ela venha a ser aplicada corretamente. Deste modo o direito essencial de todo homem, concedido por Deus a cada um, foi ratificado pelo próprio homem, na elaboração do conjunto de normas que regulam a ação do Estado brasileiro. Ocorre então a conciliação entre a crença religiosa e o exercício da cidadania, entendida como a busca pela efetivação dos seus direitos, na medida em que todos se consideravam cumpridores dos deveres que lhes cabem.

Tal postura custou muitas vezes, entre outras denominações mais ofensivas, a rotulação do movimento como sendo composto por baderneiros, com os agentes ligados à Teologia da Libertação sofrendo uma censura direta da hierarquia da Igreja Católica²⁴. Sobre este tema ficou muito claro, nas entrevistas realizadas, a diferenciação que os moradores do assentamento, participantes da luta inicial, fazem com relação ao catolicismo que acreditam e vivenciam, daquele que é praticado nas paróquias das cidades vizinhas, identificado como sendo uma forma burguesa de encarar a religião. Evidencia-se que eles não se consideram como um grupo que rompeu com a religião católica, mas sim como pessoas ligadas ao que seria o verdadeiro sentido da Palavra de Deus, que é o trabalho em comunidade, a busca pelos seus direitos, procurando auxiliar os que precisam mais de ajuda. Acredito que poderíamos encarar tal fato do mesmo

Passos).

²⁴ Como foi o caso de Leonardo Boff. Mas também ocorreu tal conflito de tendências com alguns dos agentes que entrevistei nesta pesquisa, Ângelo e Antônio Segura, ambos ex-seminaristas que estiveram ligados à Teologia da

modo que Weber coloca a questão do deus do grupo. A movimentação pela conquista da terra é um exemplo de ‘ação comunitária’, no qual a socialização é garantida pela crença em um Deus, que sendo o mesmo professado pelos demais fiéis da Igreja Católica, não é percebido com os mesmos olhos pelo grupo²⁵, o que poderia nos permitir considerar que acreditam em algum outro tipo de sagrado, portador de uma palavra totalmente diferenciada. Ainda conforme Weber, teríamos que a realização desta nova interpretação da doutrina católica, faz parte do processo de constituição da ação comunitária ao redor de uma verdadeira união, não sob o controle de um líder específico, o que conduz para a necessidade do que ele denomina como ‘um deus particular’²⁶. Convém lembrar que a sistemática da atuação das CEBs, principalmente quando voltadas para o processo de conquista da terra, prega um tipo de trabalho no qual os agentes religiosos funcionam como mediadores, procurando deixar todas as decisões para o grupo, não enfatizando o desenvolvimento de uma liderança tomadora de decisões, mas de um grupo integrado, organizado através de diversos coordenadores escolhidos por todos, de modo que não houvesse um distanciamento entre aquilo que os agentes desejavam e o que era o verdadeiro desejo das pessoas envolvidas no processo. Esta prática foi adotada pelo MST no seu período de formação, como forma de evitar a desarticulação dos grupos com a prisão estratégica de determinados membros. Se todos assumem a postura de que são responsáveis pelas tomadas de decisões e seu sucesso, elimina-se a necessidade de uma liderança responsável por tudo. Quando Weber fala de uma ‘verdadeira união’ é certamente nesta perspectiva, pois não está abordando um caso de dominação carismática, centralizado na capacidade de liderança de um indivíduo,

Libertação. Comentarei melhor estes fatos quando for analisar as entrevistas de cada um.

²⁵ Não somente pelo grupo, os padres e demais fiéis das paróquias da região não foram unânimes em aceitar a organização do grupo, muitos por não concordarem com a postura que estes adotavam sobre a leitura e interpretação da Bíblia e o tipo de ação que tomavam nelas baseados.

²⁶ Conforme a citação inicial deste capítulo.

mas fala sobre a “ação comunitária”, na formação de um grupo efetivamente unido e não somente liderado.

Weber ressalta que o destino do camponês sempre esteve fortemente ligado à natureza, dizendo que este só se torna participante de uma religiosidade quando sente a ameaça de converter-se em escravo ou proletário, debaixo de uma pressão de poderes interiores (fiscais ou senhoriais) ou exteriores (político). Evidentemente que o caso discutido por Weber não é exatamente o mesmo dos trabalhadores sem-terra do Brasil atual, mas suas reflexões sobre o tema podem lançar uma nova luz sobre o ponto enfocado nesta pesquisa, das implicações da religião na motivação para a luta e a sua permanência depois da conquista, neste caso tratando-se de um assentamento já estabelecido há vários anos. Para esclarecer a questão anterior é preciso dizer que Weber relaciona a camada camponesa como portadora de uma religião mágica, o que ocorre justamente pela sua estreita ligação com a natureza, pois depende das boas condições naturais para obter o seu sustento. Daí vem a colocação de que:

‘La clase campesina, por lo general, gira en torno a la conjuración del tiempo y a la magia animista o ritualismo, y en cuanto a la religiosidad ética permanece en el terreno de un riguroso formalismo, en una relación de *do ut des* frente al dios y al sacerdote.’ (Weber, 1997, pág. 378).

Ou seja, as tentativas de controlar a natureza, visando conseguir uma boa colheita, um pasto em boas condições, favoreceriam o desenvolvimento na camada camponesa de uma religiosidade que responda a tais anseios, de onde surgiria a necessidade de se controlar magicamente os elementos naturais, influenciando diretamente os deuses envolvidos na questão. O aspecto de religiosidade ética também se apresenta, mas dentro de um formalismo rigoroso, pelo qual a relação com a natureza é ordenada, permanecendo com a prática dos ritos das cerimônias, que não são abandonadas de forma alguma pela proximidade com um tipo de

religiosidade mágica. Mesmo considerando que as camadas urbanas, menos dependentes, diretamente, das mudanças naturais, sejam as mais próximas do tipo de religiosidade ética, no caso dos extratos rurais ela também se apresenta, mas permeada de outros elementos de significação.

No caso dos trabalhadores sem-terra de Sumaré temos o desenvolvimento de uma forma desencantada de religião, desmagificada, ascética, valorizando a obediência a mandamentos éticos, através de uma nova maneira de encarar a doutrina católica que estruturou todo o grupo, ligada à Teologia da Libertação, partilhando uma crença de que a persistência nos objetivos comuns, aliada à certeza de que realizam a mesma caminhada do povo escolhido por Deus, irá conduzi-los à vitória. O sentido maior que esta teologia emprega à luta é o de que ela é justa, tanto pelas leis humanas como pelas divinas. Neste ponto é que a fé professada adquire um aspecto forte de religiosidade ética, pois o grupo desenvolve a certeza de que o cumprimento correto das ações coletivas vai proporcionar-lhes, eventualmente, o sucesso naquilo que desejam, como se estivessem cumprindo as obrigações impostas pelos mandamentos divinos. Os que não partilhavam de tal certeza, ou não pareciam dispostos a arriscar tudo no confronto com os capangas dos fazendeiros e a polícia, acabaram por abandonar o grupo na fase mais difícil da sua história. São as pessoas que literalmente “correram para o mato”, conforme a declaração de um dos entrevistados, o Sr. Alcindo, assim que viram a chegada da polícia militar, encarregada de realizar o despejo das famílias da primeira área ocupada. Para ilustrar melhor tal fato recorro à fala de uma das assentadas, em depoimento colhido e citado por Fernandes (*op. cit.*):

“Em mim particularmente naquele momento, foi o momento que mais me tocou. Quando começaram a derrubar o primeiro barraco construído com tanto sacrifício, de quem nunca teve uma casinha, para simplesmente fazer o gosto de uma minoria que tem, em cima daqueles que não têm. Tinha uma faixa, assim na frente que dizia: REFORMA

AGRÁRIA JÁ, ESSE PAÍS É NOSSO. Eu me perguntei: - será que esse país é nosso? Se a terra é de Deus e ninguém é dono da terra e, de repente, vem alguém e toma a terra da gente. Peguei a faixa e chamei a Dali e falei: - Dali, vem me ajudar, e comecei a gritar: REFORMA AGRÁRIA JÁ, ESSE PAÍS É NOSSO. Aí veio o oficial de justiça mais o Pe. Israel dizendo: - Cida você está louca, eles vão bater em você. Mas a gente achava um absurdo aquilo que eles estavam fazendo. Aí eles vieram e me tiraram a faixa. Isso deu uma força, cada vez mais dava força e tava unindo mais a gente. Peguemos o pão que restava, pois a casinha já havia sido destruída, e fomos oferecer para os soldados, mas o oficial de justiça e o sargento impediram a gente de chegar até os soldados. Uma criança conseguiu varar a barreira que eles fizeram na nossa frente, foi a Luciana, saiu correndo e entregou o pão. Teve gente que viu, o soldado chorou e não pôde abaixar a mão para aceitar o pão, o pão oferecido. Aí o padre chamou, porque ficou com medo que eles batessem na criança. Isso pra gente foi uma coisa que marcou muito.” (Cida – Sumaré II/MST-SP)” (citado por Fernandes, 1999, págs. 125 e 126).

Reproduzi o depoimento da Cida por ser muito revelador de diversos aspectos centrais de meu trabalho. Ela é uma das moradoras com as quais conversei, possui uma história de ex-freira que passou a lutar junto com o povo que procurava ajudar. O simbolismo religioso da cena descrita é muito forte, principalmente pela maneira espontânea com que surgiu, utilizando o pão, que remete diretamente ao rito católico da comunhão, da partilha do corpo e sangue do Cristo. Além do ritual em si, a comunhão, já favorecer o desenvolvimento de uma noção de irmandade, estimulada pela divisão, o gesto de oferecer o pão para os soldados refletia a intenção de tentar, de um modo fortemente simbólico, convencê-los a deixar as armas de lado e se posicionar ao lado do grupo, que desta maneira procurava igualar-se aos soldados enquanto prováveis partilhadores de uma suposta doutrina religiosa comum. O desfecho de tudo, com o choro imóvel

do soldado, também é bastante revelador, pois mesmo tocado profundamente ele nada fez, provavelmente aquilo que possuía em comum com aquelas pessoas não conseguiu, não pôde ser mais forte que a disciplina imposta pelo seu próprio grupo, o da Polícia Militar, com uma função clara a ser exercida, a reintegração de posse, correndo o risco de ser severamente punido em caso de insubordinação. Talvez o choro indique o seu sentimento de incapacidade naquele momento, até mesmo de covardia, quando confrontado com a coragem da criança que se fazia representante daquele grupo de trabalhadores sem-terra. Toda esta situação confirma o que Weber coloca à respeito das diferentes esferas da vida social, sobre as suas inter-relações, da preponderância de umas sobre as outras. Apesar de sem-terra e soldado possuírem, certamente, uma bagagem comum dentro da tradição católica brasileira, não desfrutam da mesma interpretação bíblica, do mesmo modo de ser Igreja. Por mais que o objetivo inicial do gesto, impedir a reintegração de posse, não tenha sido alcançado, ele serviu, certamente, para que não houvesse nenhum gesto de violência física direta contra os sem-terra, excetuando-se, é claro, a destruição dos seus barracos.

Weber aborda uma outra questão fundamental, falando sobre a religiosidade das camadas negativamente privilegiadas, afirmando que nelas a participação das mulheres seria igual, mas sem que tal fato indique uma mudança nos papéis tradicionais destinados aos gêneros, na medida em que: *“La influencia de la mujer suele acentuar tan sólo los aspectos emotivos, condicionados históricamente, de la religiosidad.”* (Weber, pág. 392)²⁷. As características de vida desta camada favorecem o desenvolvimento de uma religiosidade marcada pela necessidade de redenção, pois estão sujeitos a todo tipo de privações, principalmente dos recursos mínimos de sobrevivência, além de precisarem sujeitar-se aos desmandos da camada positivamente privilegiada, possuidora de todos os recursos que a fazem levar uma vida mais abastada. Nesta perspectiva podemos olhar o histórico das lutas do grupo de assentados em questão. A participação das mulheres, como

²⁷ Voltarei a tratar deste tema na análise das entrevistas.

coordenadoras e lideranças, é bastante presente, sendo que a sua coragem já foi demonstrada com o depoimento citado anteriormente. Mas basta uma conversa e uma visita às casas dos assentados para verificarmos uma realidade também presente: as tarefas domésticas continuam sob os cuidados das mulheres. Não houve um rompimento real com a separação tradicional de atividades dentro do âmbito familiar. Mesmo durante o tempo das ocupações, eram elas que ficavam encarregadas da alimentação do grupo, conforme poderemos constatar claramente no depoimento de dona Tereza, no capítulo destinado a examinar o histórico do Assentamento. Em uma das conversas com Cida ela dizia não poder me receber naquele momento, era um Sábado depois do almoço, pois ainda tinha muitas coisas para terminar de arrumar na casa, afirmando que a vida *das assentadas* era ainda mais dura que a *dos assentados*, mostrando que a mulher ainda acumula a dupla jornada de trabalho dentro do Assentamento. Colado a tal fato, são mulheres as principais responsáveis pela organização dos cultos religiosos no Assentamento, além de serem uma presença mais freqüente nestes do que os homens, entre os quais a maioria afirmou não ser muito de ir aos cultos, participando apenas, mas ainda sim nem sempre, quando o padre vai celebrar a missa²⁸. Tal situação vem confirmar Weber, uma vez que pode indicar a confirmação do papel tradicional destinado às mulheres em nossa sociedade. Durante o trabalho de mobilização, quando a união era um elemento fundamental, precisavam reconhecer-se uns aos outros como engajados em uma mesma luta, o que somente seria possível com a partilha dos mesmos ideais de mudança da sociedade, que implicava na aceitação, ao menos naquele momento, da redefinição do papel das mulheres. A igualdade que encontravam colocada pelos textos bíblicos, devia ir muito além da transformação da estrutura agrária, mas deveria modificar toda a ordem fundada na exploração de um ser humano pelo outro, dentro do espírito da comunidade cristã que pretendiam ver construída. Vale fazer uma indicação, que será melhor

²⁸ O padre vai realizar a missa uma vez por mês, nos outros Domingos é feita uma celebração, conduzida pelos

trabalhada em um próximo capítulo, dizendo que tal comunidade, cuja construção empreenderiam, seria a busca de uma vida em comum, onde fossem partilhados os alimentos, as tarefas e a terra, representado nas tentativas iniciais do próprio movimento dos sem-terra, de organizar assentamentos onde não haveria posse individual dos lotes destinados a cada família, adotando o trabalho em cooperativas, que fariam a gestão comum das tarefas. Grande parte destas experiências não foram bem sucedidas, conforme veremos adiante, revertendo-se para o trabalho familiar em cada lote, conforme o ritmo de cada grupo²⁹. A desagregação dos grupos é tamanha, que acaba mostrando seus efeitos na prática religiosa de cada um, quando deixam de freqüentar as celebrações no momento em que não sentem mais a necessidade delas. Se antes da conquista todo sacrifício era feito para não se perderem os encontros na comunidade, depois que alcançam o seu objetivo tal determinação enfraquece, muitos retornando aos hábitos de freqüência religiosa anteriores à toda luta. É um assunto sobre qual me deterei em outro momento.

próprios assentados, que tomam parte de um grupo mais ligado ao trabalho da diocese de Sumaré.

²⁹ Convém lembrar um aspecto já citado anteriormente, de que atualmente podemos acrescentar a propaganda do Governo Federal, prometendo o título da terra para as pessoas que se cadastrarem nos projetos oficiais de Reforma Agrária, como uma tentativa de explorar tal realidade dentro do movimento.

1.3. Reprodução institucional e mercado religioso

O pressuposto básico de toda minha pesquisa diz respeito à questão da reprodução da Igreja enquanto instituição, através do seu envolvimento com os movimentos sociais ligados à conquista da terra, mas que também se daria através de outros tipos de organização popular, como a formação das CEBs em diferentes bairros, sempre possuindo em comum a presença marcante dos agentes religiosos, particularmente seminaristas e alguns padres. Já foi dito aqui, que tal ação é encarada, por diferentes autores, como uma estratégia de sobrevivência da Igreja Católica, dentro de um campo religioso cada vez mais estruturado de acordo com as características de um mercado, no qual a oferta de bens de salvação seria feita com a tentativa de atrair mais fiéis, conforme a concepção apresentada por Peter Berger³⁰. Na realidade a perspectiva de Berger é fundamentada em um conjunto de definições, compreendendo a religião como:

“...o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado se entende aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência.” (Berger, 1985, pág. 38).

Compreendendo a religião como construção humana ela fica sujeita às contingências históricas, ao tipo de organização social predominante, às formas econômicas imperantes, de tal modo que as manifestações do sagrado variam muito ao longo do tempo, ainda que possuam certas uniformidades, supondo-se deste modo que ela teria desempenhado “...uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo.” (Idem, pág. 41). Realizar a manutenção da realidade existente, ocultando “...o mais possível o seu caráter de coisa

³⁰ BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado - Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião**, 2ª ed., São Paulo:

construída.” (Idem, pág. 46), teria sido uma das funções da religião, fazendo com que fosse protegida pelo Estado, visando utilizá-la para legitimar a dominação por ele exercida. Mas, com o fortalecimento destes mesmos Estados, sua função coercitiva para a religião dominante vai deixando de existir, na medida em que a racionalidade científica vai se desenvolvendo e ajudando na construção do mundo moderno, processo no qual as explicações religiosas deixam, cada vez mais, de ser determinantes. É o que Berger define como ironia dentro do desenvolvimento das religiões de tradição bíblica, que são fatores fundamentais na formação deste mundo moderno, responsável pelo enfraquecimento das interpretações religiosas da realidade, que o autor procura exprimir “...de maneira mais plástica dizendo que, historicamente, o cristianismo cavou sua própria sepultura.” (Idem, pág. 141), justamente como consequência do processo de racionalização iniciado por esta modernização. Para ele a “...tendência global parece ser, em qualquer caso, o surgimento de um Estado livre da influência das instituições religiosas ou de fundamentos religiosos da ação política.” (Idem, pág. 142), ocorrendo uma privatização da religião, limitada, na sua forma tipicamente moderna, ao âmbito da esfera familiar, onde a sua importância ainda permanece. Dentro desta perspectiva a religião deixa de construir e dar significação ao mundo e, na medida em que estaria circunscrita principalmente ao espaço familiar, sofreria das mesmas fragilidades que a família moderna, sem que com isto deixe de contribuir “...para a manutenção da ordem altamente racionalizada das instituições econômicas e políticas modernas.” (Idem, pág. 145). Na medida em que as instituições religiosas não podem contar com o monopólio dos seus fiéis, que passam a submeter-se de maneira voluntária aos seus preceitos, elas precisam colocar sua fé no mercado, onde imperam as leis da competição, na busca de resultados, transformando-se em agências³¹. Tal noção reduz todas as ações praticadas

Paulus, 1985. (Coleção sociologia e religião, 2).

³¹ Tal tendência pode ser vista no fato de que, atualmente, muitos dos membros da hierarquia religiosa católica, buscam fazer cursos de especialização em propaganda e marketing, como parte de orientações vindas dos dirigentes

pelos diversos agentes religiosos na sociedade às tentativas de sobrevivência da instituição, precisando vencer seus concorrentes de mercado, oferecendo um produto diferenciado, com ações que visam mudar a realidade vivida pelos seus clientes, mostrando resultados concretos quando do cumprimento dos seus preceitos. Considero evidente que as instituições religiosas procurem reproduzir-se, adotando estratégias diversas, conforme já coloquei anteriormente, afinal tal condição lhes é inerente enquanto tal, precisando muitas vezes manter uma estrutura com alcance mundial, empregando o trabalho de diferentes profissionais, desenvolvendo atividades que requerem um dispêndio monetário, que precisam ser capazes de suprir, para garantir a sua continuidade, questão que Berger também aborda, afirmando que: “A situação contemporânea da religião caracteriza-se, portanto, por uma progressiva burocratização das instituições religiosas.” (Idem, pág. 151). Mas este processo, de aumento das estruturas administrativas das diferentes igrejas, não pode ser encarado como uma característica recente nestas instituições, já que mesmo no momento, conforme o exemplo analisado por Berger, em que elas foram defendidas pelos diferentes Estados, como instrumentos de dominação, sempre houve uma estrutura administrativa mínima que se fazia necessária, mesmo que fosse para manter o seu poder de influenciar os governantes. Uma frase que sintetiza bem a situação descrita é seguinte: “O mercado competitivo estabeleceu-se no momento em que se tornou impossível a utilização da máquina política da sociedade para a eliminação dos rivais religiosos.” (Idem, pág. 153).

A sentença anterior ilustra a postura que denominei como reprodutivista, dentro das análises que reflitam sobre a ação da instituição Igreja, permitindo que cada atitude dos agentes religiosos seja interpretada dentro de um quadro maior, de orientações definidas por uma hierarquia que somente estaria interessada na manutenção do seu poder de influência. Até mesmo posturas mais recentes dentro da Igreja Católica, como a busca de um diálogo ecumênico com

outras religiões, atitude presente em algumas das celebrações realizadas dentro do Assentamento II, chamando os fiéis e pastores de outras denominações religiosas para um culto comum, procurando estabelecer um contato mais próximo entre os moradores, estaria perfeitamente encaixada em tal esquema, uma vez que:

“A situação pluralista, portanto, implica numa rede de estruturas burocráticas engajadas em negociações racionais com o conjunto da sociedade umas com as outras. A situação pluralista, na medida em que tende à cartelização, tende ao “ecumenismo” em sua dinâmica social, política e econômica.” (Idem, pág. 155).

Uma interpretação desta passagem, dentro da perspectiva que estou analisando, pode considerar que a tentativa de convivência das diversas religiões faria parte das características deste mercado, onde os diferentes produtos precisariam competir conforme o tipo de ética que regula as relações entre as empresas, devendo valorizar a sua própria mercadoria, sem denegrir a imagem dos concorrentes em ataques diretos. Mas o próprio Berger faz algumas ressalvas quanto à sua análise, afirmando que:

“Não é preciso dizer, é claro, que encarar o assunto desta maneira não invalida a sinceridade dos motivos teológicos de ninguém envolvido no movimento ecumênico. “Teorias conspiratórias” raramente são convincentes quando se trata de um fenômeno social em larga escala, mas são especialmente insatisfatórias quando o fenômeno tem um caráter religioso.” (Idem, págs. 155 e 156).

Concordo com a observação anterior, pois defendo que qualquer abordagem sobre a ação dos diferentes agentes religiosos, deve também investigar o que as motivou. Entretanto, entender a questão religiosa meramente como mercadoria, implica em um certo tipo de reducionismo, pois quando pensamos nas diferentes doutrinas religiosas, ainda que muitas se configurem pelas promessas que fazem, estamos encarando todo um modo de vida, uma interpretação da realidade

que passará a ser mediada pelos preceitos da crença seguida. Podemos encontrar casos que se encaixam na descrição de Berger, bem como dos autores que acreditam nos objetivos meramente reprodutivos da ação de uma Igreja. Mas tais casos não devem impor que deixemos de lado as especificidades da esfera religiosa, possuidora de uma série de elementos que influenciam as demais esferas da vida social. Focalizando somente a perspectiva da permanência da instituição religiosa, perdemos de vista fatos que podem nos ajudar a compreender melhor os objetivos da sua ação, inclusive encontrando elementos que expliquem como a sua reprodução aconteceria, mas também vislumbrando novas possibilidades de entendimento desta realidade. O problema de toda crítica dirigida nestes moldes é que parece pressupor um ideal de que toda ação deve surgir espontaneamente das massas populares, determinando que quando ela ocorre através de organismos ou agentes ligados à alguma instituição religiosa, no caso aqui analisado a Igreja Católica, esconderia certos objetivos, dos quais somente os membros mais altos na hierarquia teriam conhecimento. A citação seguinte é mais um exemplo da tentativa de se lidar com este tipo de perspectiva:

“A ação “dirigista” do intelectual recria, em escala menor, as mesmas relações autoritárias e verticais que envolvem dominantes e dominados na sociedade envolvente.”

“...É possível admitir que, (...), uma das principais aspirações da Igreja Católica talvez seja a de recriar, no mundo moderno, as mesmas condições que lhe valeram a hegemonia no passado. Reconstituir esse “ambiente ideal” do passado no presente, pode bem ser caracterizado como a “utopia” católica.” ³²

A passagem retirada do trabalho de Poker sugere, com o restante do seu texto, que a ação da Igreja Católica visaria reconstruir a sociedade nos moldes que esta considera como ideais, algo que remeteria ao tipo de estrutura presente durante o período feudal. Mesmo considerando-se a

³² POKER, José Geraldo Alberto B.. **A Prática da Vida e os Desencontros da “Libertação”**, São Paulo, 1994.

atuação dos agentes religiosos nos moldes do “intelectual orgânico” de Gramsci, procura mostrar que este atua de modo semelhante aos detentores do poder em nossa sociedade, definindo os caminhos considerados como corretos, muitas vezes desvalorizando as interpretações que surgiriam dentre os demais membros de um movimento. O autor questiona se estas ações da Igreja Católica não fariam parte de uma “estratégia de preservação” (Poker, 1994, pág. 163)³³, contra a perda de fiéis, teoria que acredita possuir certa razão, utilizando como exemplo o Movimento da Renovação Carismática, que retoma um modelo de religiosidade tradicional, deixando de lado as perspectivas levantadas pela Teologia da Libertação, “...ressuscitando a espiritualidade “vertical” e a caridade “assistencialista”,...” (Idem, pág. 164). Para fugir da interpretação que encara toda ação como meramente “preservacionista”, Poker procura ressaltar a diversidade interna da instituição religiosa que é a Igreja Católica, onde as correntes “hegemônicas” se alternariam conforme o momento histórico vivido, mas sem ocorrer o desaparecimento das demais tendências:

‘Encarado desta forma, o catolicismo pode ser comparado à “criatura Frankenstein”: uma junção quase “milagrosa” de diferentes fragmentos que se articula e tem vida. Só que, ao contrário daquela fictícia criatura, os prodígios e facetas da Igreja Católica existem no mundo real, e por isso mesmo oferecem uma enorme dificuldade de ser compreendida ou explicada em teorias.’ (Idem, pág. 164 e 165).

Ainda continuando com a mesma análise afirma:

“Talvez um dos grandes segredos da Igreja Católica consista no fato de que há dentro dela certas “especializações”, isto é, apesar de pretender-se única e homogênea, a Igreja não trata e nem fala a seus fiéis todos da mesma maneira. As várias formas de “prática pastoral” denotam bem isso. Os diferentes movimentos e modelos de religiosidade

parecem endereçar-se a atender os interesses e necessidades de classes sociais determinadas. Usando este artifício, a Igreja consegue “universalizar-se” ao mesmo tempo em que se particulariza. Usando a metáfora do “corpo”, as diferentes correntes e tendências podem ser comparadas a “braços” diferenciados, com os quais a Igreja institucional procura “abraçar” a sociedade toda, admitindo-a diferenciada. E a despeito de dizer-se situada além das vicissitudes do mundo profano, de fato inclui-se nele. (...) Nesse sentido, tal como a divindade que divulga e defende, a Igreja Católica consegue também ser onipresente, o que lhe tem garantido, até o momento, uma certa estabilidade diante de um mundo em metamorfose.

Por isso mesmo é que, por mais contraditório que seja, o catolicismo já há muito vem servindo como religião que fornece a legitimidade teológica para a dominação e conservação, e simultaneamente, também sendo o depositário ideológico do qual se pode retirar os princípios das lutas de resistência e transformação.” (Idem, pág. 166).

Poker considera que a perspectiva da instituição é muito importante para a dinâmica das lutas populares, pois seria ela, no fim de tudo, que definiria qual o rumo certo a seguir, fornecendo ou não a sua autorização, acolhendo ou não a perspectiva teológica que se apresenta, aspecto que o aproxima da opinião de Paiva, o qual diz o seguinte: “Nem tudo que se faz na Igreja é comandado pela hierarquia, mas é ela quem sempre avalia, quem chancela e autentica, quem oficializa ou proíbe.”³⁴. Pretendendo dar mais um passo nesta análise, é necessário reconhecer que a perspectiva institucional é parte importante da questão, mas não é toda a questão. Considerando-se a perspectiva weberiana, de trabalharmos a religião como uma das

³³ E não de reprodução como utilizo neste texto.

³⁴ PAIVA, José Maria de. **A Imagem que a Igreja tem da Realidade Brasileira - Um Estudo através das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs**, Campinas, 1985. Tese de doutorado - UNICAMP. Pág. 04.

esferas da vida social, precisaríamos respeitar os elementos que a diferenciam das demais, inclusive da esfera das instituições, que devem então ser entendidas da seguinte maneira:

“Por *instituto* (*Anstald*) debe entenderse una asociación cuyas ordenaciones estatuidas han sido “otorgadas” y rigen de hecho (relativamente) con respecto a toda acción que con determinadas características dadas tenga lugar en el ámbito de su poder.” (Weber, 1997, pág. 42).

É preciso lembrar que Weber apresenta a definição de instituição deste modo para diferenciá-la da empresa e da união, também consideradas como tipos de associações. Da definição citada fica então a concordância de que a Igreja Católica, voltando-me somente para o tema de estudo deste projeto, é uma instituição, possuindo portanto as características específicas deste tipo de associação, como um conjunto de normas outorgadas, que regulam toda ação dos seus membros, dentro do seu espaço de poder. Evidencia-se então que toda medida tomada por um dos seus membros reflete uma disposição da própria instituição, ainda mais no caso em estudo, onde a interpretação dada aos livros da Bíblia Católica estimulam a participação e a permanência dentro da luta do movimento. A pergunta a ser respondida é sobre como a instituição religiosa da Igreja Católica permaneceu sendo a referência para boa parte dos assentados, particularmente entre os que estiveram envolvidos em todo processo de conquista da terra, apesar dos conflitos que ocorreram com alguns dos seus representantes oficiais³⁵.

Portanto a reprodução institucional da Igreja Católica deve ser encarada dentro da mesma lógica que rege o funcionamento de qualquer outra instituição. Tal postura implica levar em consideração o fato de que qualquer ação traz consigo os efeitos de uma bagagem que lhe é anterior, interferindo na maneira de encarar a realidade com a qual nos defrontamos, tanto para os casos nos quais a postura religiosa define a prática adotada, como naqueles orientados por uma

³⁵ Os quais serão apresentados mais adiante.

postura de militância diretamente partidária ou dentro de algum tipo de organização não governamental. Todos pressupõem uma disposição para o trabalho, orientada pelos valores particulares, daqueles que deram conformação à instituição ou grupo que representam, e também dos agentes individuais envolvidos, algo que não implica na conclusão de que os primeiros simplesmente moldariam os últimos à sua imagem. O caso aqui em estudo parece refletir exatamente tal questão, onde temos um grupo de pessoas moldando suas crenças religiosas à bagagem de vida que traziam, reinterpretando os valores que lhes eram passados, criando estratégias de ação para a modificação da realidade que viviam. Não estavam simplesmente aceitando passivamente a nova doutrina que lhes era passada, mas a estavam utilizando visando certos objetivos ainda obscuros no momento inicial da luta, conforme as experiências posteriores na constituição do Assentamento II de Sumaré comprovam, quando, por exemplo, prevaleceu a vontade geral pelo trabalho individual, por grupo familiar, encerrando as tentativas de coletivização da produção, alternativa que não fazia parte dos ideais iniciais dos organizadores do movimento³⁶. Também é necessário lembrar minha afirmativa anterior, que as críticas concentradas nestes aspectos de continuidade institucional parecem pressupor, mesmo sendo seguidas de diversas ressalvas e emendas, que existiria um tipo de ação considerado como ideal a ser alcançado, o qual não estaria determinado por nenhum tipo de valor anterior, como se fosse possível atuar de maneira neutra dentro da sociedade. É justamente neste sentido que acredito ser relevante discutir a neutralidade da ação e do conhecimento em meu trabalho, pois este tipo de postura parece determinar as análises que defendem a tese da reprodução institucional da Igreja, emitindo opiniões que se configuram como juízos de valor ao condenar as maneiras de agir socialmente consideradas institucionalmente orientadas. Refletindo sobre este ponto ressalto a seguinte afirmação de Boaventura de Sousa Santos:

³⁶ Estes pontos serão desenvolvidos nas análises sobre a história do Assentamento II de Sumaré mais adiante.

“...o que a ciência ganhou em rigor nos últimos quarenta ou cinquenta anos perdeu em capacidade de auto-regulação. As idéias da autonomia da ciência e do desinteresse do conhecimento científico, que durante muito tempo constituíram a ideologia espontânea dos cientistas, colapsaram perante o fenômeno global da industrialização da ciência a partir sobretudo das décadas de trinta e quarenta. Tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas de Estados do leste europeu, a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas.” (Santos, 1993, pág. 34)

A passagem citada ressalta que a ciência segue as determinações dos Estados, servindo como estrutura que legitima e garante a sua dominação, na medida em que, por exemplo, fornece os conhecimentos necessários ao prolongamento da vida humana, através da assistência médica estatal, mas também desenvolve as diferentes armas, com a indústria bélica por exemplo, com as quais os governos procuram garantir a ordem interna e a sua soberania frente às demais Nações. Ironicamente em todo este processo a ciência terminou por adquirir um caráter quase místico, que podemos considerar como resultado do fato de que ela ocupou o lugar antes reservado para a religião na sociedade. É necessário desenvolver melhor este ponto, começando pela constatação de que são poucos os que efetivamente realizam o trabalho de pesquisa científica, restando aos demais a postura contemplativa das diferentes maravilhas que são produzidas por estes profissionais, os cientistas em suas diversas áreas. Nestas condições pensaria em quantas pessoas simplesmente aceitam a ciência como mais um dado cotidiano, o qual não são capazes de explicar, conhecendo somente os resultados concretos que ela produz. Buscam na eficácia técnica as mesmas respostas do crente de outros tempos, que também não saberia explicar como a bondade divina faz para se manifestar concretamente, as “técnicas” que utilizaria, mas acreditava

que seguindo as regras estabelecidas pela sua fé a graça lhe estaria assegurada. Exemplifico com um caso cotidiano, dos aparelhos de uso doméstico disponíveis, utilizados para economizar tempo em um mundo onde cada vez é preciso dedicar mais dele para o trabalho, existe a possibilidade, aos que possuem recursos monetários suficientes, de adquirir estes equipamentos, funcionando ligados nas tomadas, todos com as suas instruções de uso. Certamente a grande maioria não saberia determinar com exatidão como funciona cada um destes aparelhos, do computador pessoal aos utensílios de cozinha, mas recebemos as provas concretas da eficiência do seu funcionamento, bastando que sigamos corretamente o manual de instruções. Para os que encaram a religião como um tipo de técnica, tanto de controle como de libertação, o tema pode surgir da maneira como o agora descrevi, um acessório para resolver certas questões da vida cotidiana, acompanhado de um conjunto de regras de utilização. Mas é preciso voltar ao específico da esfera religiosa, aquilo que a torna essencialmente diferente das demais. A fé que uma pessoa possa ter na ciência não é certamente a mesma do fiel religioso, a qual passa por crenças que exprimem certos valores pessoais, ordenadores do seu comportamento, interferindo nas relações que estabelece com os seus semelhantes. Entre as diferentes religiões que existem nos dias de hoje algumas certamente são oferecidas como mercadorias, como produtos descartáveis, com promessas de satisfação pessoal imediata, pela possibilidade de se alcançar a graça de algum milagre que irá mudar totalmente a vida dos seus potenciais adeptos. São casos concretos que realmente encontramos, mas não permitem uma generalização absoluta, configurando-se como situações diferenciadas, até mesmo como uma nova tendência, sem implicarem no desaparecimento das outras religiões, não alterando as bases fundamentais da esfera religiosa. Evidentemente que mesmo nestes casos ainda podemos encontrar pessoas que tratem o tema da opção religiosa como uma ação de mercado, que procuram analisar as relações

de custo e benefício dentro das diferentes possibilidades de adesão religiosa existentes, mas novamente estaríamos falando de situações particulares e tratando-as como regra geral.

Outra ressalva que pode ser feita à concepção de mercado religioso é a de que se trata de uma visão demasiadamente ocidental sobre o tema, marcada pelo estabelecimento histórico das relações econômicas, políticas e sociais capitalistas, que tiveram seu centro de difusão na Europa, particularmente na Inglaterra. Se pensarmos nas religiões orientais encontraremos uma realidade totalmente diversa, onde até mesmo a concepção de divindade possui contornos diferentes, não passando pela estrutura hierárquica do sagrado muito comum nas religiões do Ocidente. Apesar do domínio hegemônico da religião Católica por um longo período histórico, o início do processo da Reforma Protestante e o estabelecimento de relações comerciais com os países do Oriente já impõem como um fato a diversidade religiosa. No caso da emergência do protestantismo não se tratava somente do fortalecimento de uma postura que valorizava a interpretação individual das escrituras sagradas, mas de concepções distintas sobre o sagrado, que se tornaram mais marcadas no caso dos contatos entre o Ocidente e o Oriente, os quais expressavam as diferenças culturais entre os povos que estavam estabelecendo contatos constantes. Além do mais a definição da religião como mais um produto a ser comercializado traz embutida uma noção altamente envolvida pela lógica do mercado, prevalecendo a premissa de que tudo pode ser transformado em produto e ser vendido, tanto aqueles bens tipicamente de consumo³⁷, como o conhecimento científico ou uma doutrina religiosa. Esta discussão também diz respeito à noção da chamada globalização, que da maneira como é colocada nos discursos daqueles envolvidos com o mercado mundial, expressa um tipo de ação dos países ocidentais, principalmente dos EUA que, na procura pela expansão de alternativas para o esgotamento dos seus mercados internos, reduzem

³⁷ Refiro-me às mercadorias que são produzidas pelas diferentes indústrias espalhadas pelo mundo, ou por qualquer outra forma de organização do trabalho que vise a transformação de matérias-primas em produtos acabados para o comércio.

todas as relações mundiais à relações de escolhas comerciais, como se tudo que compõe a realidade humana pudesse ser retirado da prateleira de um supermercado, até mesmo os elementos mais marcantes dos traços culturais de um povo.

Esta discussão, da religião como mercadoria, será retomada em outro momento do texto, dedicando-me nos próximos capítulos ao histórico do Assentamento II de Sumaré, apresentando e analisando as entrevistas, quando então procurarei responder alguns dos questionamentos até aqui apresentados, dentro da perspectiva de análise defendida nesta pesquisa. Na seqüência deste histórico estarei realizando algumas considerações que estabeleçam a conexão entre a teoria discutida e as entrevistas realizadas, procurando justificar as conclusões finais.

2. Histórico do Assentamento II de Sumaré

Muito já foi escrito sobre a história deste Assentamento, as peculiaridades da sua formação, através de um grupo totalmente urbano, pessoas que possuíam um passado comum de vida rural. São muitos os relatos sobre o trabalho que a Igreja Católica realizou junto à comunidade, primeiramente com uma horta comunitária, depois preparando as pessoas, em reuniões semanais, para enfrentarem a dura realidade da luta pela conquista da terra. Tratei de reconstituir novamente tal história com os moradores que entrevistei, procurando focalizar nos aspectos que interessavam mais diretamente à minha pesquisa. Mas foi no relato de uma das entrevistadas, dona Tereza, que encontrei a melhor forma de apresentar tal história. Ela é analfabeta, mas costumava criar poesias que decorava, sendo que algumas delas foram transcritas para o papel por uma das suas filhas, posteriormente datilografadas por alguns dos pesquisadores que passaram pela casa dela, deixando-lhe algumas cópias, das quais restou apenas uma, que me foi permitido copiar. O texto é muito revelador dos sentimentos que ela vivenciou durante o processo de conquista, de modo que o apresento na íntegra:

A Esperança é a última que morre

Aqui vou ditar o começo de uma história de uma mulher que a esperança é a última que morre. Eu me chamo Tereza Correia de Melo. Tenho 57 anos. Eu morava no Rosolén...

Eu tomei esta decisão...

Passá fome e frio com Deus no meu coração.

Não podia contá prá ninguém porque ninguém me dá atenção.

Eu inventei de fazer uma mudança por um lugar que se chamava Matão,

Quando nós lá piorou mais a situação,

Meu filho ficou desempregado, foi mandado embora pelo patrão...

Foi mandado embora sem direito a nada porque não era registrado, porque o patrão disse que ele não tinha direito não...

Ele pagava aluguel... Já maltratou meu coração.

Eu tenho 12 filhos mas nenhum podia me dar a mão,

Eu tomei uma atitude e também uma solução...

Participar de uma terra e também de uma reunião,
 Para ver se a gente plantava arroz e feijão,
 Para matar a fome dos meus filhos que eu tinha compaixão,
 Meus filhos acorda no meu (meio?) coração,
 Eu ia para o Rosolén de pé lá do Matão,
 Com meu pezinho no chão,
 Eu ia com fé em Deus e Jesus no coração,
 Sabendo que lá em casa estava faltando arroz e feijão,
 E também um pedacinho de pão,
 Eu largava os meus filhos, pareciam que estavam abandonados, mas não era isso não...
 Eu estava procurando uma solução para a gente matar a fome dos meus filhos e também
 do nosso irmão,
 Depois nós conseguimos as terras e no dia 17 de Maio nós colocamos o pé nesse terrão...
 Nós já conseguimos este boato,
 De entrar neste mato...
 Nós entramos aqui às 3:00 da tarde e às 7:00 nós estávamos acabando de entrar no chão,
 Não tinha comida e bebida, por isso nós tomamos esta decisão,
 Nós acendemos fogo em cima dos torrão...
 Para ver se a gente esquentava a água pra ver se chegava feijão...
 Quando foi 11:00 da noite nós vimos aquele claridão,
 A gente se levantamos e fomos encontrar...
 E encontramos o Ivan Costa e com cinco polícia na mão,
 Nós ficamos todos assustados mas nós não estava sozinho, nós estava com Deus no
 coração...
 Quando foi 01:00 da manhã a Cida foi pro orelhão telefonar para o Estevo e João.
 Daquele dia em diante ninguém tinha mais solução,
 Uns falavam que a gente ia ficar, outros falavam que não...
 Então com muita fé e coragem e muita gente sofrendo do coração,
 E a gente ia passando frio e dormindo pelo chão...
 E não tinha sossego para almoçar, todo dia tinha muita agressão...
 Pela polícia do Ivan Costa que não tinha coração...
 Da terra que Deus deixou querendo expulsar os irmãos,
 Quando Deus deixou a terra não deixou a escritura nem pra Maria e nem pro João...
 O Ivan Costa que expulsa os pobres que está lutando por um pedacinho de pão,
 Nós lutamos com fé no Coração,
 Eu pensava que não aguentava resistir o batalhão,
 Quando 10:00 horas do dia começou a chegar a solução,
 Que a liminar estava pronta para derrubar tudo no chão,
 Começou a juntar nossos irmãos,
 Nosso grupo de apoio para nos dar a mão,
 Quando três horas da tarde só a gente rezava e chorava e pedia a Jesus que a polícia
 tivesse dó e não derrubasse nosso barracão,
 Eles começavam a chegar, fazendo toda a agressão,
 Quatro caminhão do pelotão de choque, a gente pensou que não ia resistir não,
 A gente mostrou dois velhos doentes com problema do coração,
 Eles não resolveram nada, somente disseram que não...
 Queriam tirar nós com toda judiação,

Juntou eu e minha netinha e os meus dois filhos, rezando e pedindo a Jesus no meu coração,
Todo mundo rezava e pedia a Jesus a proteção,
Que nós aguentasse com fé no coração,
Cantava hino e tocava violão,
E as polícias não obedeciam, nem o capitão,
Então tinha duas ou três pessoas fazendo a negociação,
Esperando a resposta que nunca mais chegava não,
E começava a desmanchar os barracos, Só na polícia... uma gente que ninguém gostava não.

Então nós enfrentou com fé e coragem no coração,
E a gente gritando e chorando pedia ao Sagrado Coração...
Um falava faz a janta,
Outro falava não...
Eu tenho problema de cabeça, aguentei até que pensava não,
Eu chorei e rezei, dei entrevista e pedindo a Deus a proteção...
Não fiz a janta porque a polícia derrubou o fogão,
Eu ganhei uma vitória que eu estava a tempo de perder,
Meus filhos por falta de emprego,
Agora ganhei os meus filhos de volta pertinho do meu coração...
Eu peço a Jesus pela nossa união,
Peço com fé no meu coração,
Libertas o meu corpo,
A minha alma e o meu coração,
Eu peço com fé e esperança pelos outros irmãos,
Para eles conseguirem as outras terras para defender o pão...
Que é o grupo 3 do meu coração...

(Tereza Correia de Melo, 57 anos. Moradora do assentamento Sumaré II.)

Em um relato simples dona Tereza mostra todos os elementos fundamentais da história da luta pela terra do Assentamento II, das reuniões iniciais, que foram comunicadas boca a boca, entre os vizinhos conhecidos, um trabalho que já era bastante desgastante, pois implicava na necessidade de acompanhar realmente os encontros, onde as pessoas eram preparadas para o convívio que teriam pela frente. Nestas reuniões também foram definidos os componentes do primeiro e do segundo grupo, que originaram, respectivamente, os Assentamentos I e II de Sumaré. Muitos compareceram nas reuniões iniciais, mas o número reduziu-se quando chegou o momento da ocupação, ainda mais depois do primeiro confronto com a polícia, também relatado por ela no poema, que foi bastante assustador para todo o grupo. Sobre este fato um outro morador, o senhor Alcindo, revelou que muitos dos seus amigos saíram correndo em direção à

mata assim que viram a polícia chegando, deixando o pouco que tinham para trás, desaparecendo por muitos dias, até que finalmente voltaram, apenas para pegarem os seus pertences, pois o entusiasmo que possuíam pela conquista da terra não foi maior do que o medo de serem atacados pela polícia.

Todos os participantes do grupo que gerou o Assentamento II de Sumaré vinham do ambiente urbano, uma perspectiva já ressaltada por Fernandes (1999). Isto também surge das palavras de dona Teresa, ao falar do bairro em que vivia, o Matão em Hortolândia, freqüentando as reuniões que ocorriam no bairro do Rosolen. A cidade de Hortolândia faz divisa com Sumaré, sendo o acesso para os Assentamentos possível de ser facilmente feito por ambas cidades. Sua lembrança também é povoada pelas principais lideranças do grupo, como a Cida, o João e o Estevam (Estevo), personagens do seu poema.

O texto mostra as dificuldades que enfrentava para freqüentar as reuniões de formação do grupo, precisando deixar os filhos menores sozinhos em casa, “...parecendo que estavam abandonados, mas não era isso não...”, fato dificultado ainda mais por não contar com o apoio do marido e de todos os filhos, conforme me contou na entrevista. Incompreendida pela família enquanto procurava lutar para melhorar a condição desta, tal era o dilema de dona Tereza. O que a manteve firme foi a necessidade, plantar arroz e feijão para matar a fome dos filhos, mas sustentada pela “fé em Deus e Jesus no coração”. É interessante como uma motivação familiar, pessoal, o estado de fome que passavam, o filho desempregado “...sem direito a nada porque não era registrado,...”, ser mãe de 12 filhos, mas que “nenhum podia me dar a mão,...”, transforma-se em uma preocupação que já não é mais somente com os seus, mas de procurar “...uma solução para a gente matar a fome dos meus filhos e também do nosso irmão,...”. Este é o ponto do poema onde ela para de utilizar o pronome “eu”, para começar a falar em “hós”, mostrando que “...nós conseguimos as terras...”, “...nós colocamos o pé nesse terraço...”, “Nós já conseguimos

este boato,...”, “Nós entramos...”, “...nós estávamos...”, “...nós tomamos esta decisão,...”, “Nós acendemos o fogo em cima dos torrão...”, enfim, faz toda uma descrição das tomadas de decisão e ações coletivas efetuadas pelo grupo. É significativo tal mudança no texto, pois acaba simbolizando o resultado final de incorporação que ela realizou, das mensagens que lhe foram passadas nas reuniões, revelando seu trajeto, da motivação inicial que era a situação de pobreza da própria família, passando para uma preocupação maior, que inclui os irmãos de luta, os demais que nada possuem para comer. Revela que no momento da ocupação o grupo se encontrava coeso, as decisões eram tomadas em conjunto e executadas por todos. O perigo também era enfrentado conjuntamente, quando afirma que “...encontramos o Ivan Costa e com cinco polícia na mão,/ Nós ficamos todos assustados mas nós não estava sozinho, nós estava com Deus no coração...”. Depois de todo o trabalho executado em grupo a percepção que ficou é de que era a fé que realmente os unia, aquele Deus diferente que haviam conhecido através do trabalho dos seminaristas, sendo estes grandemente estimulados pela Teologia da Libertação.

Mesmo assim as principais lideranças do grupo se destacam em seu relato, a Cida³⁸, que toma a iniciativa de ligar para o Estevam e o João, que eram alguns dos seminaristas envolvidos com o movimento. A situação do grupo neste momento ficou delicada, o desencontro de informações era muito grande, tudo indicava para uma dissociação do grupo, mas ressurge a “...fé e coragem...”, dando ânimo para que suportassem o frio, o chão duro que servia como colchão, as refeições atribuladas, as agressões constantes dos soldados, chamados de a “...polícia do Ivan Costa que não tinha coração...”. É interessante atentar para o uso da palavra coração na frase anterior, simbolizando a falta de compaixão e de fé daquele policial, uma metáfora de conteúdo religioso extremamente forte. Na sequência destaco o seguinte trecho:

“Da terra que Deus deixou querendo expulsar os irmãos,

³⁸ A que já me referi.

Quando Deus deixou a terra não deixou a escritura nem pra Maria e nem pro João...

O Ivan Costa que expulsa os pobres que esta lutando por um pedacinho de pão,

Nós lutamos com fé no Coração,

Eu pensava que não aguentava resistir o batalhão,” (o grifo é meu).

A frase em negrito revela o alcance do trabalho realizado pelos agentes religiosos, fortalecendo uma concepção muito específica da questão do direito de propriedade, remetida a uma leitura da Bíblia como justificadora da posse da terra por aqueles que realmente precisem. Tal concepção é sempre destacada nos relatos dos antigos agentes religiosos das CEBs, inclusive pelos que foram por mim entrevistados nesta pesquisa. Estes relatos sempre revelam como tal concepção do direito à propriedade da terra era trabalhada nos grupos, justamente através da leitura de trechos da Bíblia, onde tal interpretação era valorizada. Em tudo isto é “...com fé no Coração,” que dona Tereza e seus companheiros conseguiram superar todas as dificuldades que surgiram. O que se lê na sequência do poema é o relato do confronto com a polícia, marcado pela agressão destes, que os acampados enfrentavam com rezas, choros, apelos³⁹, hinos e cantos no violão. Nada adiantou. Na percepção de dona Tereza eles “Queriam tirar nós com toda judiação,”, restando como alternativa que: “Todo mundo rezava e pedia a Jesus a proteção,/ Que nós agüentasse com fé no coração,...”.

Os apelos e confrontos continuam, revelando que havia alguma liderança mais direta do grupo que tentava continuar com as negociações: “Então tinha duas ou três pessoas fazendo a negociação,/ Esperando a resposta que nunca mais chegava não,...”, sempre seguidos pelo sustento da oração do grupo, até que dona Tereza, talvez cansada depois de rememorar tantos episódios dolorosos, encerra seu poema com a afirmação de sua vitória.

³⁹ Mostrando dois velhos que sofriam do coração.

O poema termina com o relato da situação mais atual de dona Tereza, que hoje vive com o marido e uma parte dos filhos no Assentamento II de Sumaré, todos desfrutando dos resultados da sua conquista. Ela continua pedindo pela união da família em suas orações, mas naquele momento uma outra preocupação tomava conta do seu pensamento também, que era a necessidade de apoiar a luta do “...grupo 3 do meu coração...”, em uma referência ao terceiro grupo de trabalhadores sem-terra que foram organizados na região de Sumaré, e que depois de muita luta conseguiram ser assentados na fazenda Jupira, no município de Porto Feliz, sempre contando com o apoio dos moradores dos Assentamentos I e II de Sumaré. É a marca definitiva do trabalho pastoral realizado com os trabalhadores sem-terra de Sumaré, ainda muito forte para os assentados que vivenciaram o processo em toda a sua intensidade.

Outro depoimento que recolhi, de um agente religioso envolvido na luta, Ângelo Perugini, esclareceu aspectos da história de formação do Assentamento II de Sumaré não abordados diretamente por dona Tereza, mostrando como o grupo original foi reunido por possuir algumas características comuns: a situação de carência e desemprego, além de um passado ligado ao trabalho com a terra.

‘E meu trabalho em religião era trabalhar em organizar as comunidades. Hortolândia tava começando naquela época, Hortolândia não, Sumaré né, Sumaré tinha na época uns 60, 70 mil habitantes, Hortolândia tinha uns 15, 20 mil habitantes, e chegando gente, naquela realidade difícil, de bairro totalmente abandonado, as comunidades, os pessoal dos bairros na maior carência, não tinha água, luz, esgoto, como não tem quase até hoje. Mas como é que eu vou fazer? A ir na Igreja celebrar a fé, mas ao mesmo tempo a gente falava: ‘não, essa celebração a gente tem que fazer alguma coisa de concreto pra mudar essa realidade’, ideologia da libertação esse negócio todo. E um dos problemas que mais afetava a comunidade era a questão do desemprego, e a gente começou a observar o seguinte: ‘aqui

todo mundo veio da roça”, tudo mundo tinha vindo do interior do Paraná, do interior de Minas, do interior do estado de São Paulo. Nós ouvimos falar de um negócio chamado de reforma agrária tudo, com muito medo, oitenta e dois, oitenta e três tinha muito medo de falar nisto, o presidente era Figueiredo, a repressão militar era muito grande, e nós fomos atrás da Irma Passoni, que era deputada federal do PMDB na época ainda né, o PT tava começando a ser fundado ainda, e fomos atrás da Irma Passoni, perguntamos: “Olha, tem um grupo de pessoas lá das comunidades que tão querendo discutir essa questão de reforma agrária.”. Daí ela falou pra nós: “Oh, faz uma reunião com eles e discute essa questão da reforma agrária.”. E nós começamos a fazer reunião, nem sabia pra onde ia dar esse negócio, as reuniões era realizada dentro do salão da comunidade, as pessoas que começaram a participar nessa de oitenta e três, que é o grupo I, que é o do João Calisto, João Lourenço, eram tudo liderança das comunidades né.” (Ângelo Perugini)⁴⁰

Foi o sucesso da conquista efetuada pelo primeiro grupo, do Assentamento I de Sumaré, que estimulou a continuidade da luta daquelas pessoas, excluídas da distribuição dos primeiros lotes, provocando também a entrada de outras pessoas, todas encorajadas pelo desfecho obtido. Tratando-se de um agente religioso, na época ele era seminarista, abordou a questão do trabalho que era realizado pela comunidade de base regional, com a presença marcante da fé, que surgia através da metodologia adotada:

“(...) então que nós começamos a organizar, via deputada Irma Passoni, não sabia direito o que é que era, e a influência da fé era muito grande, que todo mundo era envolvido com comunidade, todo mundo começava a reunião com oração, terminava com oração, usava a Bíblia, e a gente usava muito a motivação do próprio livro do Gênesis, a leitura da

⁴⁰ Tratarei do depoimento de Ângelo, com mais detalhes, em um capítulo específico mais adiante.

libertação que Deus fez do Egito, era um assunto que nós usava muito, que Deus também entregou uma terra para todos, a dois, a três mil anos atrás.”⁴¹

Um outro elemento da metodologia empregada por estes agentes religiosos, era o de deixar os assentados por conta própria depois de algum tempo de preparação:

“Nós começamos a preparar o pessoal do grupo II, que veio de novo das comunidades, a gente começou a reunir no salão, que nem a gente fez antes, a gente tocou reunião, oitenta e quatro, a gente ajudou o pessoal a fazer o assentamento, porque tinha que dar certo o assentamento, então conseguimos fazer o assentamento dar certo em um ano e meio, daí nós usamos, era a seguinte política que a gente usava: a gente ajuda o pessoal a entrar e ajuda o pessoal a se estruturar na terra, no máximo a gente fica junto com o assentamento até três ou quatro meses, quando o pessoal se estabilizou a gente sai completamente, pra eles não criar dependência da gente, senão eles ficam dependentes e eu não consigo fazer outras coisas, a não ser ficar atendendo as reivindicações daquele grupo imediato ali.”

Tal metodologia é a mesma empregada no trabalho dos agentes religiosos influenciados por esta teologia nas CEBs, conforme podemos perceber na seguinte passagem de Leonardo Boff:

“d) A partilha do Evangelho nas CEB faz-se na maior liberdade. Todos podem falar. Todos são convidados a dizer a sua palavra sobre o Evangelho, a dar a sua opinião quanto a um fato ou situação. Surpreendentemente, a exegese popular aproxima-se muito da antiga exegese dos padres. É uma exegese que vai além das palavras e apanha o sentido vivencial (ou espiritual) do texto. O texto evangélico serve de inspiração para a reflexão da vida, que é o lugar onde ressoa a Palavra de Deus.

⁴¹ Em conformidade com as considerações que apresentei no capítulo anterior.

e) Sem dúvida, nos grupos estão presentes animadores. Existem igualmente encontros ou cursos de formação dos mesmos para a sua tarefa. Mas dá-se prioridade absoluta às comunidades: às suas necessidades e à sua iniciativa.”⁴²

Na história dos grupo de assentados de Sumaré também foi marcante o trabalho realizado em uma horta comunitária, referência presente em outras entrevistas que realizei, tendo sido adotada como solução possível para o problema da fome, agravada pelo desemprego de muitos dos membros do comunidade. Ângelo relembra da importância desta primeira experiência de trabalho comunitário com a terra, despertando nas pessoas o desejo de conseguir um área própria, onde não precisassem pagar para plantar:

“Eu preciso falar também que uma conquista que influenciou a gente a começar a luta pela terra, foi, em oitenta e dois, nós construímos uma horta comunitária, e dessa horta comunitária algumas pessoas foram trabalhar na horta comunitária, e lá começou a ter discussão também: “olha, a gente tá pagando aluguel dessa área pra plantar alface, aqui todo mundo já veio da roça, vamos fazer uma ocupação, tem que pegar terra, tem que trabalhar, o Brasil é tão grande”. Então foi da horta comunitária também que nasceu essa, um grupo da horta comunitária que motivou também o pessoal a ir pra ocupação.”

Assim como o grupo I, as pessoas que tomaram parte do segundo vinham das comunidades da Igreja Católica, contando com a presença de muitas lideranças locais, como a Cida, da comunidade de Nossa Senhora de Fátima, e seu marido Segura, que na época freqüentava o seminário de Nova Veneza, uma das instituições que esteve mais envolvida com toda a luta dos assentados conforme Ângelo. O trabalho realizado seguiu o modelo que já havia funcionado com o Assentamento I, ocupando uma área próxima ao Horto Florestal de Sumaré.

⁴² BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e Poder – Ensaio de eclesiologia militante**, Petrópolis: Vozes, 1981. (Coleção Perspectivas), págs. 181 e 182.

“Dai as outras pessoas tudo era liderança de comunidade, tinha algumas pessoas que de fato não tinha ligação muito intrínseca com a comunidade, mas era gente que acabou sendo chamado pelas próprias comunidades, mais era gente que morava em favela. Dai a gente ocupou uma área no Padre Anchieta ali, o grupo II a primeira ocupação foi no Padre Anchieta, (...) Nós ocupamos aquela área ali com o grupo II, ficamos (pausa) ficamos uns (pausa) até o assentamento (pausa), aconteceu no dia 19 de novembro, 19 de novembro de oitenta e quatro. Nós ocupamos a área ali, uma semana depois fomos despejados, ficamos no asfalto ali na beira de Aparecidinha, ali dentro do bairro mesmo, e continuamos as negociações em São Paulo. E conseguimos o assentamento junto com o Assentamento I, que foi formado o grupo II.”

Nos depoimentos feitos sobre o início das lutas é marcante o papel das diversas lideranças, tanto na organização do grupo, como nas negociações com o governo do Estado, tarefas que, apesar do discurso estruturado de uma prática que deveria ensinar as pessoas a tomarem as próprias decisões, não eram executadas por qualquer um dos membros. Quando havia uma grande decisão a ser tomada recorria-se aos seminaristas ou às lideranças mais eminentes, convocava-se uma assembléia de todos, promovendo a votação dos rumos que seriam tomados. Mesmo quando se tratou de decisão final de partir para a ocupação, feita primeiramente com o grupo I de Sumaré, a opinião das lideranças era muito importante, pois eles é que conversavam com os políticos, tinham acesso às informações:

“E um dia nós fomos conversar com a Irma Passoni, falou o seguinte: ‘Olha, a reforma agrária que eu falei proceis se reunir, não vai acontecer, só vai acontecer se oéis ocupar uma terra, e ocupação de terra é duro.’”, tinha acontecido ocupação no estado de São Paulo há quinze anos atrás e tinha parado, que era uma ocupação de Andradina, uma terra, uma região chamada Reforma Agrária, e tinha uma Valinhos, que chamava Reforma Agrária,

mas que na verdade não foi bem uma ocupação, o Estado que dividiu uma terra, é um bairro hoje em dia (...).”

As pessoas que formaram o Assentamento I enfrentaram o fato da ausência de lutas por terra no estado naquele momento, precisaram reunir a coragem e disposição não somente para enfrentar as dificuldades inerentes de uma ocupação, como a total falta de conforto, a pressão e violência da polícia e dos jagunços, mas também deveriam estar dispostos a iniciar um tipo de movimento inexistente até então em São Paulo, pois os outros movimentos de conquista da terra realizados anteriormente aconteceram, de certa forma, pela iniciativa do próprio governo, como é o caso citado no depoimento de Ângelo, de um projeto de assentamento que hoje acabou se tornando um bairro. A religião serviu justamente de elemento catalizador, estimulando uma ação que já mostrava seus primeiros indícios, partindo da identificação dos elementos comuns dentro do grupo, o desemprego, a fome, o passado rural, mas que precisavam de uma articulação maior, fornecedora de um sentido diferente à realidade que viviam. Utilizar a comparação com os eventos bíblicos foi o caminho adotado pelos agentes religiosos, qualificando o movimento que tentavam iniciar com uma interpretação da luta divina, de busca da promessa ancestral de Deus, era a reivindicação dos direitos essenciais de todos os homens, eles seriam os “novos hebreus”, o novo povo escolhido, divulgando e exemplificando a mensagem que lhes fora transmitida. Evidentemente que algumas pessoas assumiram tal perspectiva com mais dedicação do que outras, sendo normalmente aquelas identificadas como as lideranças.

3. Conversando com os agentes da minha pesquisa

O contato com as pessoas que serão entrevistadas é a parte mais interessante e gratificante de todo trabalho de pesquisa. É o momento quando podemos sair de trás de nossas mesas, tanto as da Universidade como as da nossa vida particular, deixamos a carga dos livros e anotações para realmente sabermos o que ficou de concreto de todo o nosso trabalho teórico. Ao entrevistarmos alguém não é possível, de imediato, tentar enquadrar aquilo que é falado dentro dos diferentes esquemas que desenvolvemos, baseados nos mais diferentes autores, como se tudo já estivesse previsto por aquilo que conhecemos através do nosso estudo anterior. É preciso estabelecer uma linha de conversação com a pessoa, seguir a lógica própria do seu discurso, acompanhar o caminho pelo qual ela vai nos levar. Se estivermos com o olhar demasiadamente viciado pelos enfoques teóricos que carregamos, provavelmente não retiraremos o máximo das conversas. Não quer dizer que este referencial seja menos importante. Pelo contrário, ele é parte fundamental do trabalho de análise destas entrevistas, quando então iremos olhar com atenção para certas passagens do que foi dito, podendo pensar melhor sobre as ênfases corporais que foram demonstradas em momentos específicos. Deste modo acabaremos percebendo o quanto das teorias estudadas incorporamos realmente, que é justamente a maneira inconsciente de lidar com o entrevistado, táticas utilizadas para que ele fale mais sobre algum assunto que nos despertou os sentidos, evitando tornar a conversa em algo sem nenhuma dinâmica, no qual o próprio entrevistado acaba não se comportando espontaneamente, procurando muito mais responder aquilo que imagina que queremos ouvir. Isto não seria um diálogo, mas um embuste.

As observações anteriores foram feitas para que possa apresentar as particularidades das pessoas com as quais trabalhei. O Assentamento II de Sumaré é um dos mais antigos do estado, já foi objeto de diversos estudos, muitos pesquisadores já passaram por ali, de tal maneira que não é

preciso fazer grandes explicações para os seus moradores sobre o que é um trabalho de pesquisa como este, pois já ouviram de muitas pessoas quais são os objetivos de uma entrevista dentro de um projeto de mestrado ou doutorado. Por um lado isto facilita a aproximação e diminui as explicações que sempre são necessárias. Mas do outro lado temos que a grande maioria dos moradores já desenvolveu um discurso para os pesquisadores e estudantes, uma espécie de resumo particular dos eventos que parecem interessar a todos que passam por ali e que, em quase todos os casos, raramente acabam voltando. É um discurso muito próximo daquilo que D’Incao⁴³ denominou como “história oficial” de um assentamento, que é composta justamente pelos fatos que todos consideram como sendo comuns na luta pela posse da terra, partindo principalmente dos relatos de algumas lideranças apontadas como as mais importantes e respeitadas pelo grupo, ao qual cada um vai apenas acrescentando a sua própria história de entrada para o movimento. É uma tarefa tão interessante quanto difícil a de tentar sair desta “história oficial”, para então começar a ouvir realmente um relato pessoal, que revele como a experiência da convivência no grupo foi sentida individualmente pela pessoa. Acredito que somente conseguimos isto quando fornecemos espaço para que o entrevistado fale, que ele possa ter liberdade de desenvolver sua própria linha de raciocínio, onde o nosso interesse por certos assuntos surjam como uma curiosidade natural de uma conversa, não como uma curiosidade previamente determinada e que tentamos satisfazer rapidamente. Isto foi bastante trabalhoso nos primeiros contatos pois, conforme já disse, acostumados a responder muitas perguntas de diferentes pessoas, os moradores do Assentamento já vão logo perguntando o que queremos saber sobre a história deles, como se desta maneira se preparassem para acessar e organizar algum arquivo, que irá nos satisfazer e permitir que retornem rapidamente aos seus afazeres. Nestas condições a entrevista acaba sendo oferecida quase como uma obrigação, da qual eles não podem se livrar, mas que

⁴³ D’INCAO, Maria Conceição & ROY, Gérard. **Nós Cidadãos – Aprendendo e ensinando a democracia**, Rio de

procuram tornar mais curta e eficiente. Deste modo o grande desafio foi justamente o de superar, em cada uma das entrevistas, este impacto inicial, quebrar com esta rotina de entrevistas e tentar estabelecer uma verdadeira conversa com a pessoa.

A pergunta inicial das entrevistas se referia ao histórico da pessoa na luta pela terra, para que se recordasse da sua entrada para o movimento dos sem-terra organizado em Sumaré. Partia então para a exploração da situação que era vivida antes da conquista. Neste processo procurava deixar que a memória do entrevistado desse o ritmo e a ordem dos questionamentos. A influência da religião, através do trabalho dos agentes religiosos ligados à Igreja Católica, surgia como a parte do depoimento na qual me aprofundava mais. Entrevistei os assentados que foram apontados como tendo exercido alguma liderança dentro do grupo original de moradores, mas também tentei conversar com aqueles cuja participação foi mais discreta. Totalizei quatorze entrevistas, que abarcaram o seguinte quadro: lideranças do grupo original; participantes do movimento de conquista da terra; lideranças atuais; familiares de algumas lideranças, normalmente pessoas que chegaram ao assentamento depois da sua formação. Optei por apresentar os resultados de todas as entrevistas, as conclusões e hipóteses que foram formuladas para cada uma, ordenando os fatos revelados pela pessoa, sem recorrer a muitas citações das falas, visando revelar a dinâmica das análises que me foram despertadas no correr destas conversas. Reservei as citações das falas para o momento seguinte⁴⁴, onde procuro relacionar todas as entrevistas com minha perspectiva teórica, tentando responder alguns questionamentos e propondo novos rumos de pesquisa.

Janeiro: Paz e Terra, 1995.

⁴⁴ Além das que já foram utilizadas para apresentar o histórico do Assentamento II.

3.1. Ângelo: um agente religioso

Algumas vezes a sorte é a grande aliada do pesquisador, foi este o caso com a entrevista de Ângelo. O mais provável, para a minha situação de pesquisa, é que apenas chegaria a ouvir falar sobre ele, histórias do seu antigo envolvimento com o movimento, fazendo parte do grupo de seminaristas que trabalhou muito em conjunto com os assentados nos primeiros anos de luta. Mas depois de algum tempo, como aconteceu com muitas destas lideranças religiosas, os caminhos acabaram por distanciá-los, inclusive geograficamente. Por isto quando minha companheira contou-me que havia um antigo membro dos sem-terra de Sumaré, fazendo um curso com ela na pós-graduação em ciências políticas da UNICAMP, logo percebi o tamanho da minha sorte. Deste modo foi muito fácil estabelecer um contato com ele, que se mostrou muito prestativo, apesar de todos os afazeres que regulam sua vida, dividida entre o cargo de vice-prefeito de Hortolândia e a atividade como professor concursado pelo Estado. Começou a nossa conversa ressaltando que tudo teria que ser lembrado de memória, daí que talvez fosse um depoimento com idas e vindas. Entretanto forneceu um depoimento com uma estrutura narrativa bastante concisa, sem ficar muito preso aos detalhes do processo de organização, algo que talvez seja um fator favorável, já que pode indicar justamente aqueles acontecimentos que foram realmente relevantes para ele, os que ficaram marcados na sua memória.

Partiu da sua experiência como seminarista, quando foi viver com um padre em uma zona de prostituição no Nordeste, em um pequeno quarto com cerca de três metros quadrados, dormindo sob pedaços de papelão, ganhando aproximadamente dez reais ao mês⁴⁵, dependendo para a sua sobrevivência daquilo que ganhavam das prostitutas e demais moradores da região. Tudo que obtinham era dividido entre eles e com outros membros da comunidade que estivessem

⁴⁵ Tanto as medidas quanto a conversão monetária foram feitas sem nenhum grande critério, pelo próprio Ângelo no

em dificuldades. Passou dois anos neste trabalho, algo que, segundo diz, mudou a sua cabeça. Foi onde descobriu o que realmente desejava fazer, a direção do seu trabalho, que seria marcado pela proximidade com os chamados excluídos da sociedade.

Sua família é de tradição católica, tendo um irmão mais novo que se ordenou padre, portanto a pressão que sentia era muito grande, pois estava no seminário desde os onze anos, quando partiu para o trabalho na zona de prostituição ele tinha vinte e quatro, sendo praticamente impossível falar aos seus familiares da resolução que havia tomado naqueles anos, de que não se tornaria um padre. Sua falta de vocação para o ministério sacerdotal, revelada na preferência por estar sempre junto aos mais pobres lutando, do que em ficar dependendo das determinações da hierarquia eclesiástica para realizar o mesmo trabalho, tornara-se tão evidente, que houve uma orientação do padre responsável pelo seminário que frequentou em São Paulo, para que o seu ordenamento fosse adiado, algo que estava em vias de ocorrer no seminário que passou a frequentar no Nordeste. Mas do Nordeste ele volta para São Paulo, a convite de Ivan, amigo do seminário e uma das figuras centrais para a formação do Assentamento I, justamente para realizar um trabalho de formação de comunidades da Igreja, as CEBs, junto a uma população muito carente da região de Hortolândia. Ele aceitou e começou seu trabalho junto às pessoas que iriam formar o Assentamento I e, posteriormente, o Assentamento II.

Mesmo mantendo uma ligação direta com a Igreja, afirma que o trabalho realizado com a comunidade em questão não era determinado pela hierarquia da mesma. Apresenta o grupo como tendo sido formado por pessoas que passavam por necessidades reais, encontrando na ação conjunta uma possibilidade para resolver suas carências, das quais a principal era a fome. Para ele a religião aparecia dentro da organização apenas como elemento catalisador da luta que pretendiam realizar. Ressalta que 90% das pessoas eram católicas, sendo o restante de outras

momento da entrevista.

religiões, inclusive com a presença de uma budista. Para ele tal maioria deveu-se a forte presença da Teologia da Libertação naquele momento, como algo que distinguia a Igreja Católica das demais, dando-lhe até uma certa qualidade superior às religiões evangélicas, pois possuíam a dimensão da necessidade da transformação social através da luta ao lado dos pobres, o que é uma forma de identificar a tão famosa “opção preferencial pelos pobres” defendida pela Igreja. Para Ângelo, o fato de serem as lideranças católicas as primeiras a começarem tal organização, deveu-se muito ao desenvolvimento da Teologia da Libertação, muito mais do que à existência de qualquer tipo de orientação da Igreja enquanto instituição. Ao contrário, acredita que a hierarquia assumiu esta luta no momento em que percebeu os resultados por ela obtidos, sendo aceita como justa por boa parte dos seus fiéis⁴⁶, mas partindo de um trabalho que os agentes realizavam sem nenhum tipo de dependência dos quadros oficiais da hierarquia católica. Sobre isto afirma que até mesmo o caráter das orações que realizavam era ecumênico, permitindo que os evangélicos do grupo também as conduzissem conforme os seus próprios costumes.

O papel da Teologia da Libertação já tinha sido muito grande na sua decisão de ir para o nordeste. Ressalta, porém, que o contato com ela se fazia de maneira indireta, com referências feitas por alguns padres, mas as leituras eram realizadas por conta própria, não sendo assumidas pelo seminário. O trabalho dos padres ligados à Teologia da Libertação, como D. Paulo Evaristo Arns, D. Pedro Casaldáglia entre outros, serviram como exemplos na sua tomada de decisão. Mesmo assim, o trabalho realizado por eles não diferiu do padrão relatado por diversos trabalhos que abordaram a questão das CEBs⁴⁷, com as reuniões ao redor das discussões bíblicas, principalmente o livro do Êxodo, partindo do argumento de que Deus concedeu a terra para todos

⁴⁶ Além de utilizarem uma interpretação bíblica que não poderia ser contestada diretamente pela hierarquia da Igreja Católica, sem correr o risco de tal contestação afetar toda a doutrina por ela defendida.

⁴⁷ Já me referi a alguns destes trabalhos em outra nota, como os seguintes: PAIVA, 1985, *op. cit.*. SANTIAGO, 1989, *op. cit.*. TEIXEIRA, 1988, *op. cit.*, aos quais acrescentaria GAIGER, Luiz Inácio Germany. **Agentes Religiosos e Camponeses Sem-Terra no Sul do Brasil - Quadro de Interpretação Sociológica**. Petrópolis:

os seus filhos, sendo portanto um direito, com suporte divino, lutar por ela, ainda mais nas condições de exclusão social e miséria em que estas pessoas se encontravam. Nesta situação o papel que possuíam era o de dirigentes, função que Ângelo apontou como essencial para a organização da luta, acreditando mesmo que sem a presença dos agentes religiosos ela não teria ocorrido, fato com o qual tendo também a concordar, principalmente considerando-se as condições nas quais a mobilização foi realizada, com reuniões semanais de preparação, organizadas pelos coordenadores. Não vejo qual teria sido a possibilidade de organização espontânea do grupo sem estes elementos religiosos presentes, funcionando como o ponto unificador, fazendo-os partir da identificação de uma situação comum de carência, que passou a ser compreendida dentro da ótica da interpretação bíblica que lhes era transmitida. O direcionamento das leituras, que pressupõe portanto um planejamento prévio, é evidente. Principalmente pela escolha do livro do Êxodo, narrando basicamente uma história de conquista da terra por um grupo de ex-escravos. A condição fundamental que surge para os hebreus no texto e no trabalho realizado partindo dele, é a de tornarem-se um povo, um grupo com sentimentos e objetivos comuns, uma unidade que partilharia certa identidade⁴⁸. Como tal fato teria ocorrido sem a existência de algum tipo de liderança, encarregada de elaborar as discussões que seriam realizadas? Por quanto tempo os membros do grupo viveram e viveriam, em condições semelhantes de existência, sem que algum tipo de organização coletiva tivesse surgido? No caso dos hebreus a liderança foi Moisés, para o grupo II de Sumaré foram os seminaristas e membros mais ativos da própria comunidade.

Evidentemente que tal situação poderia provocar o simples direcionamento das ações do grupo. Exatamente por isto é que a metodologia empregada visava estimular o aprendizado da maneira de se organizar, procurando não incentivar a dependência excessiva das decisões de uma

Editora Vozes, 1987.

liderança, pretendendo formar o grupo para a conquista, estabelecê-los na região, ajudar na organização inicial, depois deixando os assentamentos por sua própria conta. Ressalta porém que muitas vezes desejavam voltar para ajudá-los, não o fazendo justamente por compreenderem que isto seria muito mais prejudicial do que benéfico. O tempo máximo que passavam com o grupo já assentado variava em torno de três meses, quando partiam para trabalharem na organização de uma nova turma. Apesar disto permanece a sensação de que a iniciativa dos membros do movimento ocupou um segundo plano em todo o processo, pois a imagem mais forte do relato é a de que os agentes religiosos estavam realmente muito engajados na luta, estimulados por um desejo legítimo de ajudar ao próximo, conforme a doutrina católica que seguiam. Mas isto não elimina o fato de que os demais agentes de todo este processo, aqueles que são denominados efetivamente de sem-terra, não haviam descoberto e talvez não descobrissem nunca, que aquela luta era deles também, não fosse pela presença do agente que ali estava trabalhando na organização do grupo. O que é fundamental nesta etapa do relato é a importância do discurso religioso na trajetória pessoal de Ângelo, incentivando-o a iniciar seu trabalho com estas pessoas, por acreditar que não era mais possível olhar para toda uma situação de carência completa sem nada fazer. Sua disposição na luta foi de tal tamanho, que acabou perdendo seu emprego como datilógrafo de um escritório de contabilidade, no qual ficava das oito às dezoito horas, depois de passar três dias sem aparecer, por conta justamente do acompanhamento das primeiras invasões⁴⁹. Acabou sendo contratado pelo MST, para realizar o trabalho de preparação dos novos grupos, recebendo um salário mínimo mensal pelo serviço⁵⁰. Ele participou da formação de outros cinco

⁴⁸ Sobre a questão da formação da identidade entre os sem-terra de Sumaré, ver o texto de TARELHO, *op. cit.*.

⁴⁹ Este fato somente reforça o caráter da sua dedicação ao movimento, que era dividida entre o trabalho no escritório e as reuniões semanais de preparação. Quando foi preciso escolher definitivamente entre um ou outro, não teve dúvidas. Auxiliar o grupo na sua primeira ocupação era muito mais importante do que qualquer vínculo empregatício.

⁵⁰ Como datilógrafo ele ganhava cerca de um salário mínimo e meio. A contratação como coordenador pelo MST apenas reconfirma a opção comentada na nota anterior, criando uma situação na qual ele poderia dedicar-se exclusivamente ao trabalho em que realmente acreditava e se realizava.

assentamentos, somente deixando tal atividade quando seu nome foi lançado para o cargo de vereador e conseguiu ser eleito, pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Mesmo consciente das dificuldades por que passam os assentamentos depois de formados, que normalmente atravessam momentos de grande desmobilização, acredita na capacidade que possuem de lidarem com seus próprios problemas, baseados na formação e orientação que receberam⁵¹. Para Ângelo o individualismo que passa a tomar conta dos assentamentos é muito menor do que aquele existente no meio urbano, dando como exemplo os movimentos de bairro a que se dedica atualmente. Nestes as pessoas se reúnem para resolver problemas imediatos, como por exemplo da rede de esgoto ou de energia, mas basta tal problema ser solucionado para que cada um siga o seu caminho, sendo muito difícil voltar a organizá-los. Acredita que isto se deve às diferenças de perspectivas dentro destes movimentos, com as lideranças desejando mais do que uma conquista localizada, pretendendo provocar alguma alteração em toda uma ordem social identificada como injusta, mas a grande maioria dos envolvidos deseja mesmo é uma resolução para as suas necessidades particulares, que nestes casos são as mesmas da coletividade em que vivem. A união em um grupo seria, neste caso, apenas o meio mais eficiente de conseguir atingir tais objetivos. Acrescentaria que isto também estaria relacionado ao fato de que estas pessoas podem não estar passando pelas mesmas condições de carências que os membros do grupo de sem-terras de Sumaré vivia, sem falar na questão do passado rural comum, característica dos grupos que deram origem aos Assentamentos, fornecendo elementos para a construção de uma nova identidade, ligada ao trabalho com a terra, fato que pode não ser possível dentro da realidade de um movimento de bairro, justamente pela falta destes elementos comuns nas histórias individuais. A possibilidade concreta de voltar para a terra, onde sabiam que a sobrevivência pode ser perfeitamente viável, é um elemento de aglutinação muito forte,

⁵¹ Apesar do seu contato atual com os grupos que auxiliou ser muito diferenciado, variando de uma visita a cada dois

estimulando a conquista, uma luta muito mais demorada do que a efetuada por melhorias em certa vizinhança, pois depende de desapropriações que passam necessariamente pela esfera federal, ao contrário das reivindicações de um bairro, que podem ser acertadas em contatos com o poder político local, certamente interessado em obter os dividendos eleitorais do atendimento às reivindicações que foram feitas.

Ângelo também contou que muitos dos seminaristas envolvidos neste processo acabaram abandonando a vocação religiosa, passando a militar totalmente na causa dos pobres. Falou em cerca de 15 seminaristas, dos quais apenas dois chegaram a se ordenar, mas mesmo estes terminaram, recentemente, por largar os seus votos e formaram suas próprias famílias. Encara, com bastante humor, tal questão, dizendo que talvez este seja o real motivo das condenações que a Igreja fez à Teologia da Libertação, pois ela estaria acabando com as vocações para a vida religiosa. Na verdade, talvez seja o contato muito direto com uma realidade de luta familiar, em que pais e mães ficam unidos⁵² buscando algo melhor para os seus filhos, o que realmente estimulou as desistências dos seminaristas, descobrindo um tipo de vida no trabalho junto aos mais pobres, mas que não necessariamente precisa estar atrelada aos sacrifícios da vocação sacerdotal. Em toda esta história fica a certeza da grande mudança que tal trabalho efetuou junto aos coordenadores do movimento, alterando radicalmente o rumo das suas vidas.

3.2. Segura e Cida – Unidos na luta pela terra

Acabara de entrar na estrada de terra que leva ao Assentamento II de Sumaré, depois de passar por uma breve decepção, quando o Ângelo não pôde comparecer para uma nova entrevista que havíamos combinado, fazendo com que me decidisse a fazer uma visita não planejada aos

meses, para uma visita por ano.

assentados. Recebera a sugestão de ir falar com um morador chamado Antônio Segura, pessoa que estivera muito envolvida na formação do assentamento, sendo até hoje uma liderança importante da comunidade. Logo que me aproximei do trecho onde as casas dos moradores foram construídas perguntei sobre o Segura para um rapaz que passava por ali, o qual me apontou a direção certa, afirmando que acabara de o vir passar, sendo possível encontrá-lo ainda no caminho. Foi fácil reconhecê-lo da descrição que recebi, um senhor de barba, carregando uma pasta. Parei com o carro próximo dele, que neste momento já estava esperando pela minha abordagem. Logo nos apresentamos e começamos a conversar sobre os objetivos da minha pesquisa, uma atitude muito comum entre as lideranças de assentamentos, procurando conhecer os interesses das diferentes pessoas que os visitam, já que nem sempre possuem um interesse científico ou de auxílio aos moradores, conforme poderemos ver em outro momento desta dissertação. O resultado deste primeiro encontro com Segura é que não foi muito comum dentro de um trabalho de pesquisa, pois acabei lhe fornecendo uma carona até o centro de Campinas, onde ele estava indo naquele momento levar o telefone celular, registrado em nome do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar de Sumaré, para consertar. Isto significava que Segura perderia um dia inteiro de trabalho entre muitas idas e vindas de ônibus, para mim poderia significar a perda da possibilidade de conversar e estabelecer os primeiros contatos com os moradores, já que todos estavam trabalhando naquele momento. Pensando nisto tudo é que o próprio Segura sugeriu que poderíamos ir conversando durante o caminho, parando depois em algum lugar do centro de Campinas onde eu pudesse gravar o seu depoimento. Depois que deixamos o celular para ser consertado ressurgiu a questão de encontrarmos um local adequado para a nossa conversa, sendo novamente sugestão do Segura que poderíamos ir para a minha casa. Foi o que acabamos fazendo, gerando uma inversão do padrão tradicional da pesquisa,

⁵² Na grande maioria dos casos.

ressaltado por ele mesmo, em que o pesquisador entra na casa do entrevistado, é recebido, muitas vezes convidado para tomar um café ou para fazer uma refeição, começando a conversa dentro de um ambiente que não poderia ser mais confortável para a pessoa, afinal um dos elementos essenciais da pesquisa é que o entrevistado sinta-se o mais livre possível para falar, algo mais fácil quando realizado dentro de um espaço que lhe seja familiar. Neste caso ocorreu o oposto, recebi o entrevistado em minha casa, ofereci-lhe o almoço e terminamos conversando na minha sala, dentro do meu espaço familiar, dividindo a atenção com os meus cachorros.

O episódio que acabei de relatar, somado com as nossas conversas posteriores, ajudou-me a compreender melhor o papel do Segura dentro da história dos Assentamentos de Sumaré, pois me forneceram um perfil da sua personalidade, convicto daquilo que faz, não se deixando intimidar pelos ambientes que frequenta, falando sempre de maneira natural e fluida. Penso que tal fato talvez o tenha ajudado a montar o meu perfil, contribuindo para o desenvolvimento posterior do nosso relacionamento, quando ele e a esposa se mostraram muito atenciosos ao me apresentarem para os seus vizinhos. É definitivamente uma pessoa que não fica devendo nada para o nome que possui.

Outro fato que ficou claramente apresentado foi sobre os mecanismos que os assentados acabam desenvolvendo para lidarem com as pessoas que os visitam, percebidos não somente através do Segura como dos outros moradores com os quais conversei. O Assentamento II de Sumaré já é bastante antigo, tendo sido estudado por muitos pesquisadores, de tal forma que os assentados já contaram e recontaram suas histórias muitas vezes, cada vez para uma pessoa diferente. Isto acabou gerando o estabelecimento da já aqui referida “história oficial da conquista da terra” (D’Incao, 1995), também configurada neste caso como uma seleção dos eventos considerados coletivamente como os mais importantes, uma fonte de referência para quando forem solicitados a falar sobre suas trajetórias pessoais. O grande problema neste caso é que tal

“história oficial” acaba por se impor à história pessoal, que passa a existir somente na medida em que encontre o seu lugar dentro da primeira. Deste modo a questão passou a ser a de chegar-se até a história individual do entrevistado, mas tendo que passar primeiramente pelo relato dos fatos considerados, no sentido que aqui coloquei, como oficiais. Nas diferentes conversas que tive deparei-me com este problema, um entrevistado atarefado, cansado de contar a mesma história sempre, justamente por isto procurando saber logo quais são os objetivos do pesquisador que ali se apresenta, tentando selecionar qual será o elemento a ser relatado, da maneira mais eficiente possível, visando uma satisfação imediata para ambos. Outras vezes era um morador que não se considerava como parte ativa da história do grupo, procurando limitar o alcance da sua fala. O desafio nas conversas foi fazer surgir a trajetória pessoal, as avaliações individuais, dentro de um relato limitado por uma série de eventos comuns. Já apresentei os principais elementos da “história oficial” do Assentamento II de Sumaré, quando interpretei o poema da dona Tereza. Àqueles fatos também foram lembrados na entrevista de Ângelo, agora o serão novamente pelo relato do Segura, enfatizando estes pontos comuns da história do grupo original do Assentamento, diretamente envolvido com os acontecimentos que ocasionaram a conquista da terra. Os únicos a não conhecer tal história detalhadamente são os moradores mais recentes, que chegaram depois da luta, possuindo outras referências, muitas vezes evitando falar sobre os eventos que conhecem apenas de ouvir falar. O caminho que encontrei para tentar superar tal fato foi o de procurar estabelecer um diálogo com a pessoa entrevistada, tentando perceber qual elemento pessoal ela deixava transparecer com maior clareza no seu relato, tratando então de valorizá-lo, estimulando conversas que nem sempre pareciam estar conectadas com o meu tema de pesquisa, mas que me ajudaram a perceber as características de cada morador, pelo menos o suficiente para fazer com que falassem sobre as suas trajetórias pessoais, ainda que muitas vezes

estivessem presas aos elementos da “história oficial”, conforme o envolvimento maior ou menor tido com a organização do grupo.

A história de Antônio Segura apresenta muitos dos elementos que procuro analisar nesta dissertação. Começando pelo fato de que ele fazia parte do grupo de seminaristas que trabalhou no estabelecimento da CEB daquela região, possuindo formação em filosofia⁵³ e em teologia, obtidas no seminário. Chegou a ser frade, pela ordem dos Capuchinhos, mas foi expulso devido ao conflito com um padre, seu superior, que discordava da linha por ele seguida, influenciada pela Teologia da Libertação. Contou-me ainda no carro a mesma história sobre a conquista da terra já relatada pelo Ângelo, dentro do padrão discutido no parágrafo anterior, mas acrescentou maiores detalhes, já que está habituado a sempre relembrar dos fatos da conquista de sua terra, mas também fez questão de ressaltar serem aqueles os fatos que eu ouviria de todos, somente faltando que os denominasse como “história oficial da conquista da terra”. Desta forma em seu relato surgia espontaneamente exatamente isto, aquele resumo da história que todos os seus participantes aprovavam como sendo verdadeiro, que seria igual em todas as conversas que viesse a ter. Segura parece ter bastante certeza disto para os membros do grupo inicial, participantes ativos da luta por aquela terra, composto quase exclusivamente por católicos, mas não se atreve a tentar adivinhar aquilo que os não católicos e os que chegaram depois⁵⁴ pensam sobre a história da conquista do assentamento.

O impacto desta trajetória religiosa é realmente muito grande em sua vida, uma marca forte até os dias de hoje, revelada na sua permanência dentro do catolicismo, na organização das celebrações e demais atividades da comunidade, que ficam sob responsabilidade de Segura e sua esposa, Cida. Utiliza o discurso do ecumenismo, de aceitação das demais denominações

⁵³ Revelou-me que tal formação não foi atestada com um diploma, apenas com um certificado do seminário, por este motivo não consegue entrar nos concursos para professor, pois sempre fazem constar que ele não apresentou o diploma.

religiosas, mas sem abandonar a linha do catolicismo. Falou sobre o trabalho inicial na comunidade pobre de Sumaré, com a formação da CEB, empregando o método da Ação Católica, o ver/julgar/agir, colocando grande ênfase no agir, que vai se revelar como tendo sido o motivo fundamental, conforme afirmou, do seu afastamento da ordem. Da história de formação da horta comunitária, visando superar o problema da fome presente entre eles, ressalta que transportavam o que sobrava da produção com um caminhão conseguido pela comunidade, vendendo seus excedentes para a população da cidade. Lembra que era uma época em que não existiam os sacolões e varejões, por isto era mais fácil vender a produção, algo que se tornou um problema nos dias de hoje, sendo obrigados a negociar com os CEASAS, concorrendo com os demais produtores sem igualdade de condições. Afirmar que outro problema atual foi o enfraquecimento dos movimentos de bairros, que antes se organizavam para comprarem a produção do assentamento, de qualidade maior e preço menor que o das vendas locais, fato que deixou de ocorrer. Hoje os assentados precisam se virar para comercializar aquilo que colhem, não havendo mais um destino certo para as mercadorias. Segura aponta como uma das soluções o fornecimento de alimentos para o PETI⁵⁵, mas isto implica na necessidade de abrir firma como micro-empresa, o que vai acabar onerando ainda mais a produção, sendo mais vantajoso continuar a produzir de maneira ‘clandestina’, como o próprio Segura ironizou.

Até este ponto Segura estava preso aos elementos da ‘história oficial’ do Assentamento, sendo mais revelador focar a atenção nas conversas que tivemos sobre outros assuntos. Ele veio de uma família católica, tendo ficado cerca de dois ou três anos no seminário quando era garoto, mas somente com 22 anos é que tomou a decisão de entrar para a ordem do Capuchinhos. O estímulo veio justamente da sua percepção das questões sociais, afirmando ser incapaz de

⁵⁴ No grupo dos que chegaram depois há vários tipos de pessoas, desde parentes que vieram morar junto, até as famílias que vieram ocupar o lote depois de uma desistência.

⁵⁵ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, o qual Segura ajuda a coordenar na região de Sumaré e

observar alguém passando alguma necessidade e nada fazer, algo que uma psicóloga classificou, quando ainda era garoto, como sendo uma hipersensibilidade, que deveria ser inclusive tratada. Quando entrou para a ordem foi encaminhado para um tratamento psicológico, já que tal diagnóstico constava da sua ficha. Neste novo tratamento o médico desqualificou o anterior, dizendo ser normal a existência de pessoas mais ou menos sensíveis, afirmando que o que ele realmente precisava era canalizar a sua sensibilidade, procurando atividades que lhe dessem o sentimento de estar fazendo algo para mudar a situação que o indignava tanto. A interessante junção de motivação pessoal com o diagnóstico médico foi o incentivo final, passando a se dedicar totalmente ao desenvolvimento de ações junto aos mais necessitados. Tais preocupações lhe renderam diversos conflitos com os dirigentes da ordem, alguns dos quais ele me contou, como o que envolveu a biblioteca do seminário, onde trabalhava, a qual fechava aos finais de semana, justamente o período onde os alunos que precisavam trabalhar poderiam utilizá-la para seus estudos. Ele sistematicamente desobedecia às ordens de deixá-la fechada, para que os jovens pudessem estudar ali também nos finais de semana. Disse não aceitar que seus colegas ficassem parados assistindo televisão ou jogando cartas havendo tanto para se fazer, criticava a fartura na qual viviam enquanto muitos passavam fome, motivos que o levavam a tentar agitar o seminário. Um exemplo disto foram as quatro vezes em que deixaram de comer carne por dez dias, visando utilizar o dinheiro economizado na construção de casas para alguns dos funcionários da ordem. Os próprios alunos construíram as casas em um terreno concedido pelos padres, sendo que posteriormente os funcionários receberam a propriedade do terreno, depois que foram dispensados das atividades que exerciam, como uma forma de indenização. Segura acabou sendo desligado da ordem, por interferência de um outro padre, acusado de não participar das atividades

coletivas dos Capuchinhos, como as orações, fato que afirma não ser verdadeiro, dizendo ter estado presente nos momentos das celebrações mais importantes.

O problema realmente enfrentado por Segura naquela época era a proliferação da Teologia da Libertação nos seminários brasileiros, um tipo de ideologia religiosa que era muito bem recebida pelos setores da Igreja que estavam mais diretamente envolvidos com o trabalho junto à população carente. A existência desta teologia evidenciou as diferentes tendências dominantes no interior da Igreja Católica brasileira, segundo a divisão adotada por Löwy e já comentada anteriormente. Havia os padres que eram influenciados pela Teologia da Libertação, passando estes ensinamentos para os seus alunos, mas também havia os defensores de uma posição mais conservadora, como o padre que teria provocado a expulsão de Segura. Terminando de ilustrar tal confronto Segura me contou outra história, ainda do tempo em que era frade. A comunidade com a qual trabalhavam utilizava um folheto de missa que seguia as pregações da Teologia da Libertação nos seus encontros. Mas certo dia, durante uma missa conduzida pelo padre com o qual Segura tinha desavenças, uma moça iniciou a leitura do referido folheto, sendo bruscamente interrompida pelo celebrante, que havia assumido a comunidade recentemente, porque o folheto falava diretamente contra os ricos e poderosos. A moça não parou de ler e o padre acabou retirando todos do recinto da Igreja. O caso foi assunto de assembléia entre o grupo⁵⁶, que decidiu fazer um abaixo-assinado e enviá-lo ao bispo, que acabou chamando o padre para uma repreensão. Alguns dias depois Segura se encontrou com este padre, que o acusou de ser o responsável pelo abaixo assinado, afirmando ter o bispo lhe garantido que ele havia manipulado a comunidade para que apoiassem o documento. Neste momento é que o padre prometeu cuidar pessoalmente da expulsão do meu entrevistado da ordem. Evidentemente que Segura negou as ações que lhe eram atribuídas, conversou com o bispo sobre o ocorrido, sendo

⁵⁶ Acredito que Segura esteja se referindo ao grupo de pessoas que formariam o assentamento.

então informado que tais fatos não eram verídicos, descobrindo que na conversa entre o bispo e o padre, este pegou a lista do abaixo assinado e começou a ler todos os nomes, até chegar à assinatura de Antônio Segura, imediatamente classificado com um ‘É este o responsável!’.

Independentemente das versões apresentadas o resultado final foi o desligamento de Segura dos Capuchinhos, pela alegação de que ele não participava das atividades comuns da ordem. Em nossas conversas ficou muito claro o que ele pensa disto tudo, afirmando que as acusações não eram verdadeiras, mas voltando suas críticas contra todo discurso e oração que não são seguidos pela ação efetiva. Separa a Igreja instituição da Igreja no sentido do grupo que segue os preceitos de uma determinada religião, invocando a imagem de que a Igreja não é o prédio onde as celebrações acontecem, nem a instituição que a organiza, mas sim as pessoas que se reúnem em nome de uma mesma crença, fazendo com que acabe desvalorizando as ações da Igreja institucional que não conduzam para a Igreja junto dos pobres. Fica a dúvida se tal interpretação é o resultado do processo que ele viveu ou se é justamente o oposto, sendo tal postura a principal responsável pelos fatos que vieram a acontecer naquele momento de sua vida, com a incorporação definitiva à luta pela terra empreendida pela comunidade onde trabalhava, sendo reconhecido como membro ativo do grupo, recebendo o direito ao lote de terra que hoje cultiva e que acabou de conseguir aumentar.

Acredita que a religião deve servir para libertar as pessoas da fome, ressaltando sempre que os assentamentos são a solução para os três maiores problemas do Brasil, o primeiro sendo justamente a fome, seguida pelo desemprego e pela moradia, estabelecendo relações diretas com passagens da Bíblia sobre tais temas, algo facilitado pela sua formação como teólogo. Faz diversas afirmações: de que a questão da posse da terra é central nas Escrituras; que o roubo do famélico não é um crime nem um pecado; de que é legítimo derrubar o tirano que oprime o povo, como referência ao período pelo qual o Brasil passava no momento de seus estudos no seminário,

da ditadura militar, as lutas feitas contra aquele governo, passando a falar da formação do Partido dos Trabalhadores, o PT, afirmando que era preciso apoiá-lo, pois surgia para unir os trabalhadores no combate contra as pessoas que sempre estiveram no poder, contando com a participação de muitos agentes religiosos, fato que não agradava aos membros da hierarquia da Igreja e da sua ordem, como sendo uma politização excessiva da mensagem religiosa que deveriam defender. Somente após ser desligado da ordem o seu superior descobriu que Segura era filiado ao PT, tendo participado da fundação do partido, quando o entrevistado ouviu a afirmação de que se tal informação tivesse sido obtida antes a expulsão também teria ocorrido mais cedo. Estes fatos ajudaram Antônio Segura a formar sua opinião sobre a instituição Igreja, sentindo a intolerância com as posturas divergentes da orientação tida como oficial, contribuindo para que ele desenvolvesse outro tipo de relacionamento com as demais religiões, ressaltando que o fundamental é seguir a vontade de Deus, as Escrituras⁵⁷. Fornece como exemplo o novo morador de origem japonesa que recebeu o lote deixado por um dos assentados, um budista casado com uma brasileira católica, mas que assume a postura de aceitar e participar das celebrações do grupo, dizendo acreditar na importância de receber as bênçãos de Deus, que Segura afirma ser o mesmo para todos, não importando a denominação religiosa⁵⁸. Não descarta a participação de membros da Assembléia de Deus, mas procura revelar que é o grupo dos pentecostais ligados ao PT, fato encarado obviamente como demonstração da sinceridade dos

⁵⁷ O que acaba excluindo as religiões que não seguem a Bíblia.

⁵⁸ Tal postura confirma a afirmação anterior, pois na verdade o morador é pego como exemplo justamente por aceitar o tipo de celebração que o grupo adota, respeitando a leitura dos textos bíblicos, utilizando-se da afirmação de que Deus é um só para todas as religiões, descartando o fato de que a crença dos budistas não possui a figura de uma divindade como o Deus Cristão. Também coloca em segundo plano a possibilidade de que o morador esteja justamente tentando ser aceito pelo grupo, participando das suas atividades com a postura respeitosa que é comum na cultura oriental, para minimizar as suas diferenças com os vizinhos, que começam pela origem racial, passando pela crença religiosa, hábitos de trabalho, além da marca cultural evidente.

objetivos destas pessoas, o que ficou perfeitamente sugestionado na entrevista pela piscadela que ele me deu⁵⁹.

Já comentei que Segura é casado com a Cida, cujo depoimento dado para Fernandes citei anteriormente no capítulo sobre o histórico do Assentamento II de Sumaré. Conheceram-se no processo da luta pela terra, quando ela era freira e ele frade. Mas não é somente na formação religiosa que a trajetória do casal é semelhante, eles partilham de um engajamento social que sempre esteve presente nas escolhas que fizeram. Cida também enfrentou dificuldades com os membros da sua congregação, devido às atividades sociais que exercia, além do tipo de liderança que tinha dentro do convento, não se calando quando acreditava estar presenciando alguma injustiça. Já havia me encontrado com a Cida em outra ocasião, antes de conhecer o Segura, em uma visita ao assentamento, quando conversamos sobre a questão da política de terras do governo federal, um contato que foi feito fora do contexto da minha pesquisa. Ela é uma pessoa muito presa às convicções que possui, não esperando que surja o momento para começar a agir, pois todo momento de sua vida é um engajamento, todo instante é uma possibilidade de mudança, quer seja de um grupo de pessoas passando por necessidades ou de uma simples troca de idéias com alguém que acabou de conhecer. Nossas conversas sempre ocorriam em clima de grande informalidade, sentados na mesa cozinha, agora da casa deles, durante o almoço, enquanto o Segura descansava dormindo em uma cadeira, ou embaixo de alguma árvore na frente da casa. Na sua fala a ‘história oficial’ do assentamento não surgiu com a mesma intensidade das entrevistas anteriores, dedicando mais tempo para contar-me sobre episódios da sua vida no convento, na Congregação da Irmãs Franciscanas do Coração de Maria.

⁵⁹ Aliás, a piscadela foi um recurso que ele utilizou com certa frequência na entrevista, na tentativa de estabelecer uma certa cumplicidade comigo.

Enquanto ela estudava para ser freira a sua família vivia em dificuldades, que acabaram estimulando seu pai a entrar na luta pela terra, assumida por Cida posteriormente como dela também. Passamos um bom tempo conversando sobre a vida dentro do convento, as dificuldades de convivência, uma vez que ela identificava uma evidente proteção das irmãs para com as alunas provenientes de uma camada social mais elevada. Contou-me como a superiora era extremamente rígida, querendo que todas as torneiras, feitas de material dourado, ficassem brilhando, que os panos utilizados na limpeza estivessem bem lavados ao final do trabalho, realizado pelas próprias alunas, com um rodízio das atividades que cada uma deveria exercer. Certa vez, uma das alunas, moça negra e de origem humilde, descrita como sendo extremamente tímida, que não conseguia reagir quando era confrontada, foi acusada pela irmã superiora de ser responsável pelas torneiras não estarem bem limpas e os panos largados sujos dentro do balde. Cida afirmou que a culpa não era dela, mas de outra aluna, que chamou de Mariinha (sic), branca, vinda de uma família com muitas posses e que não hesitou em deixar a responsabilidade recair sobre a companheira. A bronca que a moça acusada recebeu foi tamanha que ela não conseguia mais nem falar, engasgava nas palavras e começou a chorar. Minha entrevistada afirma que não era possível se conter, partiu para a defesa da moça, acusando a irmã de estar se comportando de maneira preconceituosa, que todas ali estavam para se tornarem irmãs e não empregadas domésticas, sendo necessário haver uma melhor divisão do trabalho. Terminou abordando a proteção que era dispensada para as alunas brancas e com melhores condições financeiras, atitude que acabava por conferir um valor maior à palavra de pessoas como a Mariinha (sic), apontada então como a verdadeira responsável pelo trabalho de limpeza das torneiras e dos panos. Considerando-se o que foi dito na entrevista é possível imaginar a situação criada, ela conseguiu livrar a amiga acusada, mas não conseguiu escapar de uma conversa a portas fechadas com a irmã. Mas até mesmo nesta conversa Cida mostrou sua determinação, pois ela deveria ter se apresentado antes

do almoço e das aulas da tarde, mas apareceu diante das irmãs somente depois de cumprir com estas duas atividades. O sermão que ouviu procurou tentar enquadrá-la em moldes de comportamento que Cida jamais iria aceitar em sua vida, com alusões à necessidade de se respeitar a hierarquia da congregação, não respondendo com tais palavras às irmãs, aprendendo a obedecer o que lhe era passado. Tais considerações apenas serviram para estimular ainda mais as suas convicções, desenvolvendo críticas ao tipo de estrutura dominante no interior da Igreja Católica, valorizando o livre pensamento, percebendo que o discurso religioso nem sempre está próximo da ação efetiva.

Sobre este último ponto, a ação, Cida também possuía uma concepção diferente da praticada pelas irmãs, que forneciam algumas refeições às pessoas que procuravam o convento. O problema mostrado por Cida é que eles jamais eram convidados a se sentarem na mesa, sempre comendo do lado de fora, sentados na calçada. Não se conformava com tal atitude, principalmente quando em certo dia viu algumas pessoas comendo no meio da chuva. Indignada com aquela situação convidou-as para comerem dentro do convento, sentadas no refeitório, uma atitude que lhe custou outro conflito com as irmãs, que consideraram tal atitude repreensível, uma vez que não foram comunicadas sobre as suas intenções. Novamente as suas convicções eram fortalecidas no atrito com as regras da congregação. Mesmo no trabalho de catequese que as irmãs exerciam Cida mostrava a diferença das suas opções, preferindo ensinar aos moradores de uma favela ao invés dos ricos que eram vizinhos do convento, conforme afirma ter chegado a falar para a irmã. Vendo a situação de carência dos seus alunos não podia ficar sem fazer nada, queria pelo menos lhes fornecer alguma comida, retirada da dispensa do convento escondida das irmãs, colhendo também algumas frutas em uma fazenda que ficava no caminho para a favela. Quando a questão dos sem-terra surgiu na região os conflitos com as superiores persistiram. Cida

procurou organizar⁶⁰ as outras alunas, da mesma forma que o Segura havia feito no seminário, para que deixassem de comer a sobremesa ou a carne da semana, com a intenção de doar o dinheiro aos acampados. Ainda era preciso convencer as irmãs, mostrar que não estavam fazendo economia para o convento, mas sim para ajudar os que precisavam. Pelo seu empenho no trabalho junto aos mais necessitados Cida recebeu das colegas o apelido de Madre Teresa.

Quando a luta do sem-terra finalmente resultou no estabelecimento dos lotes do assentamento, ela foi passar alguns dias ali junto de seu pai, tendo sido este o momento definitivo, segundo seu relato, percebendo finalmente ter encontrado seu lugar. Foi até as irmãs e comunicou que estava de saída. As companheiras de convento ficaram muito tristes com sua partida, ao mesmo tempo que elogiaram a coragem de realmente assumir o trabalho com os pobres, concretizado através do despojo total dos confortos materiais, algo que nenhuma delas sentia-se capaz de fazer. Desta forma entrou definitivamente na luta pela terra.

Dediquei muito tempo relatando as histórias deste casal por vários motivos, que acredito terem sido evidenciados no decorrer do texto. Ambos possuem uma formação católica muito sólida, tendo passado por instituições ligadas oficialmente à hierarquia desta Igreja, demonstrando uma inclinação para o trabalho junto às comunidades mais pobres, enfrentando seus superiores neste processo, que acabou conduzindo-os para o abandono da vocação religiosa e o empenho total no trabalho com o grupo de sem-terras da região, destacando-se como lideranças importantes, tanto do processo de organização das ocupações como, atualmente, através da preparação das atividades litúrgicas dentro do assentamento. A liderança que exerceram parece não ter diminuído totalmente dentro do grupo original, tornaram-se o ponto de referência para as informações essenciais sobre a formação do Assentamento II, certamente em função do papel que desempenharam na organização dos acampamentos, na iniciativa que

⁶⁰ Afinal seu pai também estava envolvido naquela luta pela terra.

demonstram para o trabalho, mas também como portadores da ideologia original da comunidade. Com este último ponto refiro-me à questão de que ambos representavam a presença institucional da Igreja, afinal colaboraram para a formação da CEB regional, sendo tais comunidades eclesiais definidas por Frei Beto como uma nova forma de organização pastoral, de uma Igreja que pretende ser “à voz dos que não tem voz” (Frei Beto, 1984). A questão fica mais clara quando lembramos que os envolvidos na coordenação destas atividades comunitárias são chamados de agentes pastorais, nome que remete à comparação feita por Jesus Cristo na Bíblia, sobre como deve ser o trabalho dos seus seguidores, semelhante ao do pastor que cuida do seu rebanho, sendo então reconhecidos como portadores de uma mensagem religiosa específica, representantes locais da Igreja Católica.

É interessante comparar tal definição com outros fatos da história do Assentamento II, particularmente no conflito que tiveram com o padre encarregado da diocese de Sumaré na época, o qual não reconhecia a comunidade católica ali em formação. Segura e Cida começaram seu trabalho como membros da hierarquia eclesiástica, mas terminaram por identificar-se totalmente com a luta que ajudavam a organizar, de tal maneira que entraram como membros efetivos das ocupações, recebendo um lote para trabalharem, como todos os demais moradores. A concepção de religião que possuem também os empurraram para o afastamento da vida como religiosos, uma vez que não concordavam com as diretrizes impostas pelos seus superiores, identificando-se com a pregação da Teologia da Libertação, que determinava o serviço aos pobres, mais do que isto, junto com eles, a chamada “opção preferencial pelos pobres”. Acredito que tal afastamento das orientações oficiais da Igreja Católica, naquele momento, auxiliaram na manutenção da influência que ainda possuem no assentamento, ainda mais depois do referido conflito com o padre. Cada assentado revelou uma parte da história do atrito com o padre, não sendo possível, até o momento da redação desta dissertação, levantar todos os fatos que a estimularam. O

principal ponto parece ter sido a maneira como os assentados organizavam as celebrações religiosas na comunidade, não seguindo os padrões tradicionais da Igreja Católica, dado a proximidade que tinham com a pregação da Teologia da Libertação. As diferenças ficaram tão grandes que o padre acabou proibindo a celebração de missas e outros rituais católicos no assentamento, isolando seus moradores, já que nem todos possuíam condições e disposição para se deslocarem até as cidades de Hortolândia e Sumaré para terem acesso às atividades religiosas da comunidade⁶¹. O casal demonstrou em suas atitudes de enfrentamento com o padre que a opção preferencial do trabalho que realizavam era com as necessidades da comunidade, com as determinações tomadas pelo grupo, não com as diretrizes de uma instituição religiosa. É interessante como a religião serve como ponto de partida para a luta, mas não é plenamente determinante nos rumos adotados pelo grupo, que procuram atuar para satisfazer as necessidades básicas, motivadoras iniciais da sua união. Quando encaramos o trabalho feito pelos diversos agentes pastorais como uma ação reprodutora da instituição religiosa que representam, corremos o risco de perder a perspectiva dos outros agentes envolvidos, os leigos, que ao adotarem o ponto de vista que lhes é passado, através das diversas discussões bíblicas, não abandonaram suas convicções pessoais. Estas vão dar forma aos diferentes conflitos internos do grupo, quer seja quanto ao rumo da luta inicial, quer seja sobre a organização do trabalho dentro do assentamento. Nas conversas com os moradores foi possível perceber que o envolvimento, da maioria, com as atividades religiosas é pequeno, limitando-se a irem assistir a celebração mensal que é feita por um padre no assentamento, quase toda organizada pelo trabalho do Segura e da Cida. Uma parte dos entrevistados afirma não ter envolvimento algum com estas atividades, mostrando-se também totalmente alheios ao que se passa com a comunidade onde vivem. Muitos fatos podem ter estimulado tal atitude entre eles, como o mencionado abandono que sofreram por parte dos

⁶¹ Nos próximos depoimentos irei mostrar outras partes deste conflito com o padre de Sumaré.

agentes institucionais da Igreja Católica, que não reconheciam o assentamento como parte da paróquia. A dificuldade de acesso ao agente religioso pode ter sido um fator que desestimulou a maior participação dos membros do Assentamento II. Mas também poderia ser o resultado da conquista do objetivo imediato que uniu a todos, a posse da terra, necessária para acabar com o problema da fome entre suas famílias, revelando que estas pessoas teriam recebido a pregação religiosa de maneira utilitarista, adotando-a quando parecia ser adequada às suas aspirações, abandonando-a no momento em que alcançaram uma situação mais próxima dos seus ideais. Podemos encontrar um equilíbrio entre as duas possibilidades aventadas, posição que me parece mais adequada, descrevendo uma situação na qual as pessoas passam a dedicar seu tempo para a obtenção do sustento familiar, cultivando a terra, levantando as casas, vendendo a produção, atividades que tomam muito tempo, deixam o corpo cansado, diminuindo a disposição para as reuniões do grupo, que passam a ocupar um plano secundário e não mais fundamental. Um fato confirma a última afirmação, dizendo respeito à forma como o grupo foi organizado na comunidade, sendo o comparecimento às reuniões preparatórias obrigatório, havendo um controle da presença, que era o critério para participar da divisão dos lotes que fossem conquistados. Ou seja, era uma conquista que seria totalmente revertida para os seus participantes efetivos, fiscalização feita com rigor, que somente se fazia aceitar pela necessidade maior presente entre as pessoas, uma disposição que diminuiu quando a entrada nos lotes foi definida, determinando que já não era preciso submeter-se a nenhum tipo de controle, nem mesmo das antigas lideranças da comunidade, atitude que foi estendida às celebrações religiosas, que deixaram de cumprir a função estimuladora da luta.

3.3. Trampolim

Outra liderança do grupo é Trampolim, militante de sindicatos rurais, trabalhava para a CUT (Central Única dos Trabalhadores), atividade que abandonou recentemente, para cuidar melhor do seu lote e dar mais atenção à sua família. Sua história não possui a mesma relação com a religião, como a do Segura e da Cida, mas relaciona-se diretamente com um passado de trabalhador rural, plantando e colhendo algodão para um patrão, época em que iniciou seu envolvimento com as lutas pela terra, através das reivindicações por melhores condições de trabalho, feitas conjuntamente com seus companheiros. A primeira exigência que fizeram foi a da contratação de um funcionário para levar água fresca aos trabalhadores, eliminando o velho tambor que ficava em um ponto fixo da plantação, sendo preciso andar muito para chegar até ele, tomando uma água quente, fazendo muitos empregados passarem mal. Realizaram uma paralisação e conseguiram que o patrão contratasse o bombeiro, nome dado ao funcionário responsável por levar a água até os trabalhadores. No mesmo ano em que tal fato ocorreu houve uma queda muito grande no preço do algodão, de forma que tinham muito trabalho a ser feito na colheita, que fora grande, mas receberiam muito pouco pelo serviço. Não possuíam um contato muito grande com o sindicato, por isto resolveram realizar uma greve por conta própria, fazendo os cartazes com caixas de papelão, tentando estimular todos a pararem. Porém, no dia marcado para a paralisação, somente Trampolim e mais duas pessoas tiveram coragem de enfrentar a polícia, chamada para acabar com o movimento de greve, levando presos os três. Foram soltos no mesmo dia, mas o efeito da prisão foi o de estimular o enfrentamento, não somente para os detidos, mas nos demais trabalhadores, que ficaram solidários aos companheiros injustiçados. Com seu prestígio crescendo entre os colegas, Trampolim acabou sendo convidado, pelo presidente do sindicato, a participar da reunião de negociação com o patrão, que deveria

acontecer na casa do mesmo. Decidiu aceitar o convite, mas ao chegar na residência do patrão ouviu o final da conversa que este estava tendo com o presidente do sindicato, onde ambos comentavam que tudo seria facilmente resolvido, mas que talvez tivessem algum problema para convencer Trapolim dos termos do acordo. A dedução feita no momento era de que o presidente do sindicato havia sido comprado, estimulando uma postura preventiva contra este. A greve continuou, sendo auxiliada, conforme palavras dele mesmo, por Deus, que “deu uma força para o movimento” (sic), mandando uma grande chuva, a qual durou cerca de quinze dias. Com a somatória da falta de trabalho e das chuvas rigorosas, a perda da produção do algodão começou a ficar muito grande, forçando o patrão a atender as reivindicações dos trabalhadores, antes que o prejuízo fosse ainda maior. Com o sucesso do movimento Trapolim ganhou a confiança de seus companheiros, sendo chamado pelo presidente do sindicato a participar da sua chapa nas próximas eleições, mas já conhecia a postura dele nas negociações com os patrões, tratando de se aproximar da chapa de oposição, ligada ao PT e à CUT, fato que marcou o seu ingresso na militância de esquerda. Como dirigente do sindicato tratou de transformá-lo, principalmente no atendimento aos trabalhadores, que sempre encontravam os portões fechados quando iam até a sua sede na única hora livre de todos, a do almoço. O sindicato passou a ficar sempre aberto.

Nos seus tempos de bóia-fria, mas já como liderança sindical, os companheiros o chamavam de “advogado”, pelo simples fato de que ninguém sabia dos seus direitos, mas ele possuía um pequeno livro que os explicava de maneira mais simples, que acabou decorando de tanto consultar. O interessante desta declaração foi o ar de Trapolim, como de alguém que mostra o grande segredo do seu sucesso, revelando-se algo muito simples. Reflete também o efeito da militância sindical na sua vida pessoal, estimulando-o a realizar leituras, valorizando o acesso à educação como fundamental para o melhor desempenho das suas funções, postura que defende até hoje, ao contrário de outras convicções, como a crença na necessidade da luta

armada, a qual defendia quando o país ainda estava vivendo no contexto da ditadura militar. A prática dentro do movimento de conquista da terra, sempre pregando a não violência, acabou apagando tal pensamento de Trampolim, que hoje já não acredita neste caminho, preferindo a via da mobilização, da conscientização e da educação. Sua aproximação com o trabalho da CPT (Comissão Pastoral da Terra), portanto com a ação da Igreja Católica nos movimentos sociais rurais, também contribuiu para tal mudança. Na época estava trabalhando na CUT, freqüentando as reuniões promovidas pela CPT, organizando naquele momento as ocupações que levariam à formação do Assentamento I de Sumaré. Era constantemente chamado para auxiliar na organização dos grupos, devido à sua experiência como dirigente de diversas mobilizações. Apesar disto suas atividades não estavam diretamente relacionadas com a ação da Igreja, que considera fundamental, sendo principalmente um envolvimento sindical e político. Não se considera uma pessoa de hábitos religiosos, participando ocasionalmente das celebrações dentro do assentamento, geralmente nos momentos em que existe algo a ser discutido ou comemorado, mas procura afirmar-se como católico de formação, mostrando que valoriza esta religião sobre as demais. Tal postura reflete o encontro da sua formação familiar, dentro do catolicismo, com uma atividade política, a qual mostrou-se mais forte em um primeiro momento, terminando por aproximá-lo do trabalho dos agentes religiosos, que realizavam o mesmo tipo de mobilização, promovendo a junção de duas posturas: a do sindicalista que havia se interessado em estudar a história da Igreja Católica⁶², tornando-se resistente a participar ativamente das suas atividades enquanto instituição, com a sua bagagem pessoal, dividindo os mesmos valores que os seus companheiros criados no catolicismo⁶³. Faz questão de ressaltar que os agentes religiosos envolvidos ativamente com o movimento eram ligados à Teologia da Libertação, corrente pela

⁶² Fez referências às atitudes históricas da Igreja Católica, como a inquisição, a venda de indulgências, o apoio inicialmente dado ao golpe militar de 1964.

⁶³ Valores que lhe foram passados pela formação católica tradicional recebida no ambiente familiar.

qual demonstra grande simpatia, novamente reforçando não somente a existência da divisão interna dentro desta instituição, conforme Löwy, mas mostrando como tais cisões podem ser identificadas, principalmente quando se trata de analisar, ou vivenciar como é o caso, tais posturas, que indicam caminhos de ação muitas vezes opostos. Tais caminhos frequentemente se dividiam entre a decisão de sentar e esperar pela proposta do governo, pregando que não se deveria utilizar o recurso das ocupações, ou a opção por enfrentar os riscos de organizar o grupo para formar um acampamento. Fica evidente que para Trapolim tais atividades e questionamentos, somadas à militância política dentro do PT, não lhe deixavam muito tempo para conviver com sua própria família, sacrificando o acompanhamento do crescimento dos filhos. Sobre este fato a sua esposa me falou que ele era quase como um hóspede dentro da própria casa.

Outro fato revelado por sua esposa foram as dificuldades geradas pelas atividades de liderança popular de Trapolim. Não moraram todos juntos no assentamento logo de início. A decisão de ocupar um lote surgiu quando da desistência de uma família, abrindo a possibilidade de conseguir ocupá-lo. Foi então que Trapolim entrou para o assentamento como um morador, chamando o filho mais velho para ajudá-lo no trabalho com a terra, logo depois veio também seu outro filho. Mas foi um período no qual ele ainda trabalhava na CUT, estando envolvido na organização de novos grupos, fazendo com que deixasse quase todo trabalho nas mãos dos filhos adolescentes, os quais não tinham experiência e maturidade para cuidarem da casa e da plantação. Sua esposa veio morar definitivamente no assentamento somente dois anos mais tarde, depois de passar cerca de um mês vivendo ali, quando trouxeram toda a mudança da família. A mãe dela também vive na mesma casa, assim como os demais filhos do casal. Possuem uma netinha de cinco anos, de sua filha, a qual vivia na antiga cidade com o marido, mas este as abandonou, fazendo com que também fossem viver junto de todos no assentamento. Este é um processo muito comum no assentamento, no qual os moradores acabam trazendo outros parentes

para viver nos seus lotes, alguns por necessidade, outros na busca de uma alternativa de vida, gerando o problema de que algumas vezes são muitas bocas para pouca terra, levando os mais jovens, principalmente, a buscarem trabalho nas cidades vizinhas⁶⁴.

Recentemente Trampolim pediu um afastamento das atividades da CUT, tentando dedicar mais tempo ao convívio com seus familiares. Entretanto a vida no assentamento possui muitas dificuldades, como o acesso ao financiamento, que afirmou nunca sair na época certa para o que eles planejaram plantar, precisando mudar tudo no improviso, causando muitas vezes dívidas maiores, um fator que aponta como desestimulador dos jovens a permanecerem trabalhando na terra, levando-os a procurarem trabalho na cidade. Os que permanecem na roça, a maioria, o fazem por falta de outra opção. Garante que a associação dos moradores poderia funcionar melhor nestes aspectos, estimulando uma contribuição mensal das pessoas, para formar um caixa a ser utilizado para saldar tais dívidas. Mas logo depois afirmou que as pessoas sempre acabam deixando de dar o dinheiro, ficando na dependência dos dirigentes passarem de casa em casa, nos momentos mais críticos, tentando arrecadar a quantia que a associação precisa no momento. Trampolim compara a vida no assentamento com a de um condomínio, onde todos devem seguir as regras estabelecidas pela coletividade, como forma de participar da melhoria das condições gerais, ressaltando a falta de empenho e interesse dos moradores, em que cada um se preocupa apenas com a própria produção, deixando de realizar diversos projetos que poderiam ser bons para todos. Um dos projetos que fracassou, pela falta de participação e acordo entre os assentados, foi a aquisição e manutenção de um caminhão para fazer entregas e vendas nas cidades próximas, algo que facilitaria o trabalho de todos, além de aumentar as possibilidades de distribuição da produção. Antes deste já havia fracassado o projeto de tentar colocar um trator

⁶⁴ Outro estímulo para a busca de empregos nas cidades pelos mais jovens é, muitas vezes, a falta de perspectiva no trabalho com a terra, as dificuldades para planejar o plantio sem financiamento garantido, a renda incerta. O trabalho no ambiente urbano acaba ressurgindo como alternativa para a situação difícil do meio rural.

comunitário em funcionamento, pelo fato das pessoas não terem arcado com a manutenção do mesmo, alegando que quem usou deveria pagar com o próprio dinheiro. Procuraram resolver tal problema com o caminhão, mantendo uma pessoa responsável pela sua condução, mas também fracassou, pois era preciso adaptar-se ao horário do motorista, que muitas vezes utilizava o veículo para serviços pessoais, quebrando com a tentativa de agendar o uso. São as dificuldades comuns decorrentes do assentamento definitivo, quando os laços comunitários começam a enfraquecer, se é que alguma vez foram realmente fortes, retomando os antigos hábitos, de produção familiar, voltando a estabelecer relações de vizinhança apenas com os antigos companheiros de luta, marcadas pela cordialidade cotidiana e não pela solidariedade constante, abandonando os planos de transformação da ordem estabelecida, dedicando-se à transformação das condições familiares individuais, dentro dos moldes já estabelecidos pela realidade social. Ele reconhece que muito do trabalho e atividades comunitárias, que ainda existem, se deve às ações do Segura e da Cida, inclusive na condução das celebrações.

Mesmo com todas estas dificuldades, sustenta que no assentamento conseguiram resolver cinco problemas básicos: da moradia, do emprego, da violência⁶⁵, da educação e da fome. São questões que afirma não serem percebidas pelas pessoas no dia-a-dia no assentamento, mas que revelam-se na comparação com a vida em outros lugares, mostrando que mesmo com todas as dificuldades a situação ali é melhor. Destes problemas, o que considera realmente solucionado é a fome, dizendo que mesmo não tendo carne para comer todos os dias, sempre existe alguma coisa plantada para ser preparada.

⁶⁵ Afirmou que os problemas com relação à violência chegam de pessoas de fora do assentamento, sendo o convívio entre os moradores totalmente cordial e pacífico.

3.4. Uma budista entre os católicos

A timidez de Dona Yolanda não fez com que sua entrevista deixasse de ser enriquecedora, principalmente por possuir uma característica diferente dos demais assentados, sendo adepta do budismo. Afirma que sofreu discriminações por parte dos membros da sua família, devido à sua opção religiosa, principalmente do irmão e do esposo. Sua história mostra a pessoa envolvida com os rumos da luta, porém não enquanto uma liderança, dizendo não ter chegado a participar de muitas reuniões, tarefa deixada para o marido, que algumas vezes era acompanhado pelos filhos do casal. Atuou nos bastidores cotidianos do movimento, cuidando da casa, dos seus filhos e dos de outras pessoas, fazendo parte do grupo de mulheres encarregadas de preparar a comida para o grupo quando estavam acampados. Relembra do momento em que foram expulsos do primeiro acampamento pela polícia, deixando evidente as marcas desta violência sofrida, mas logo começa a falar sobre a vida atual no assentamento, ainda sofrida por ser de muito trabalho, porém certamente melhor do que a situação anterior.

Antes de se converter ao budismo ela era católica, como todos os membros da sua família, pessoas que sempre estiveram ligadas ao trabalho com a terra, “na roça”, como todos os assentados gostam de falar. A entrada para o movimento deu-se justamente pelo contato com os membros do grupo I, que viriam a formar o Assentamento I de Sumaré, além das informações que eram passadas nas missas, fato que confirma sua participação anterior na religião católica. Mas como não freqüentava as reuniões na Igreja não foi capaz de fornecer nenhuma informação sobre como estas ocorriam, a maneira como os agentes religiosos organizavam e orientavam o grupo. Por este motivo a conversa acabou se concentrando na sua conversão para o budismo, ocorrida através de um casal de amigos, brasileiros, seus vizinhos, moradores recentes na cidade, motivo que os tinha afastado do seu grupo de orações. Finalmente este casal conheceu algumas

peessoas na cidade que também eram budistas, retomando a prática de participar e organizar as reuniões. Sempre a estavam convidando para que fosse conhecer a religião, até que ela resolveu ir em um dos encontros. Gostou muito do culto, que disse ter sido marcado por depoimentos pessoais e algumas orações, mas sentiu-se atraída mesmo pelas histórias de vida que ouviu, afirmando serem muitas vezes mais tristes do que a dela, terminando sempre com a solução dos problemas através da oração cotidiana. Ensinaram-lhe uma destas orações, afirmando ser muito poderosa, três palavras em japonês que devem ser pronunciadas por três vezes seguidas, pela manhã e pela noite, que foi complementada com um pequeno livro, contendo as demais orações e os princípios da doutrina. Dona Yolanda comentou que tal livro é como a Bíblia dos católicos, só que mais reduzido. Este primeiro encontro a deixou mais confortável com a nova religião, mas não foi responsável pela sua conversão, que somente ocorreu quando ficou doente e precisou ser operada pela terceira vez, de um problema persistente nos rins. Conta que desmaiou já na mesa de operações, sentindo-se muito mal, dizendo ter visto um vulto branco parado ao seu lado e que segurou sua mão, falando-lhe que deveria pensar em algo reconfortante. Não pensou nos filhos, na família ou no marido. Tudo que lhe veio à mente naquele momento foi a oração budista que havia aprendido. Começou a rezá-la, passando a sentir-se melhor e, abrindo os olhos, viu os médicos que estavam tratando dela. Mesmo considerando-se a grande possibilidade de que o vulto que a confortou tenha sido um dos médicos, sua recuperação foi total e por ela atribuída ao poder da oração, causando sua conversão, quando passou a freqüentar as reuniões assiduamente. Conforme já comentei, a aceitação da família não foi fácil, tendo sido chamada de louca, excluída das atividades comuns, já que todos continuavam a freqüentar as celebrações e reuniões da Igreja Católica, enquanto ela as trocava pelos encontros com o grupo budista de oração, uma resistência que somente o tempo foi capaz de vencer. Também reside aqui os motivos que explicam sua não participação nas reuniões de formação do grupo, primeiramente por ser adepta de outra religião,

depois pela oposição dos familiares, que não aceitavam sua presença enquanto alguém que já não partilhava da mesma fé. A resistência começou a terminar quando foi iniciado o processo de conquista da terra, situação que exigia e provocou a união de todos, provando que a disposição de dona Yolanda continuava ao lado da sua família, fato que em nada diminuía com a mudança de opção religiosa. Mesmo o seu irmão, autor das maiores críticas, acabou aceitando o budismo na vida da irmã, depois de ter assistido a uma das celebrações. Ela não sabe dizer qual é a causa exata das críticas de todos, mas é possível identificar uma série de elementos que a explicam, começando pela formação católica tradicional de toda família, uma crença que estava sendo fortalecida naquele momento justamente através do trabalho que os agentes religiosos começavam a fazer na organização da comunidade, tentando melhorar as condições gerais do grupo. O afastamento de dona Yolanda da religião familiar deve ter sugerido uma mudança com as suas preocupações comuns. Existe ainda o elemento do preconceito contra uma crença que em nada lhes era comum, rezada em uma língua diferente, que não partilha das mesmas divindades, identificada como uma religião de japoneses, uma povo distinto do ocidental até mesmo nas características físicas, características que certamente reforçaram a idéia de que ela estava se afastando da família.

Depois de todos os problemas que enfrentou, dona Yolanda já não frequenta assiduamente as reuniões do seu grupo, devido à grande dificuldade de locomoção do assentamento até a cidade, um fato comum a todos ali. Comentou as dificuldades enfrentadas atualmente pela comunidade, afirmando que a associação funcionava melhor no início do assentamento, mas não deixa a culpa recair totalmente sobre as lideranças, procurando dizer que o grande problema é que cada um passou a cuidar dos seus interesses individualmente, acomodando-se com a situação, deixando de participar das atividades coletivas, acreditando que outras pessoas vão fazer o

trabalho que precisa ser feito⁶⁶. Admite sua culpa neste processo, quando deixou de participar ativamente da vida comunitária.

3.5. Sidiney

Para conseguir colher o depoimento do Sr. Sidiney precisei recorrer à uma estratégia diferente de gravação. Em todas as conversas que tive com outros assentados o gravador não fora um problema, mas ele ficou bastante constrangido pela presença física do aparelho, dizendo que deste modo ficava muito forte a impressão de estar sendo entrevistado, algo que contribuiria para deixá-lo menos confortável. Diante de um posicionamento tão claro fiz-lhe uma proposta, de que deixaria o gravador ligado, porém este ficaria escondido no bolso da minha calça, fora das nossas vistas, ao que ele concordou. O resultado foi positivo. Sem que eu assumisse a postura de segurar o gravador, o que seria necessário já que a nossa conversa estava ocorrendo no pomar, Sidiney ficou mais disposto para falar, comentando fatos diversos da sua vida, fornecendo um relato muito rico em informações sobre a história do assentamento. A iniciativa da conversa ocorrer no pomar partiu do próprio entrevistado, que precisava terminar de podar algumas árvores. O ambiente informal estimulou a expressão de muitas críticas à realidade política brasileira, mas também de críticas à realidade vivida naquela comunidade. Com muita disposição, mesmo já tendo 64 anos de idade, não aparentes dada a desenvoltura com que trabalha, subindo em troncos para alcançar os galhos mais altos, é um senhor forte, que gosta muito de sorrir sempre que termina alguma observação.

⁶⁶ Tais pessoas seriam justamente os membros da direção da associação, os mesmos que são responsabilizados pela falta de coesão dentro do assentamento, ainda que sejam os únicos realmente dispostos a tentar levar o ideal inicial do movimento, de estabelecer uma produção cooperativada, em frente.

Começou contando que foi criado no trabalho com a lavoura de café, quando seu pai era um colono. Explicou-me quais eram as características do trabalho através do colonato realizado por eles, sendo seu pai responsável por uma área com cerca de mil pés de café, com permissão para plantar entre as ruas do cafezal e dispondo de um pedaço de terra para cultivar os produtos que desejasse. Tudo era regulado por um contrato, determinando o recebimento de uma quantia anual pelo trato do café, sendo a mesma dividida em doze parcelas, ficando com uma renda mensal muito baixa, complementada pelo que recebiam como pagamento no trabalho de colheita, regulado em um outro contrato, além do lucro obtido com a venda daquilo que conseguiam produzir nas ruas do cafezal e no lote familiar, feita por conta do colono. Apesar de todo este trabalho a renda obtida era suficiente apenas para a sobrevivência diária. Com o declínio do regime de colonato seu pai tornou-se administrador de fazenda, atividade na qual passou alguns anos. Mesmo com este passado rural Sidiney trabalhou muitos anos na cidade, como operário de indústrias, por quase 20 anos. Morava na região de Hortolândia, próximo de onde hoje é o assentamento, participando das atividades na CEB do seu bairro, ajudava a preparação de casamentos e batizados na Igreja, freqüentava as reuniões semanais de discussão da Bíblia, que seguiam a metodologia tradicional das comunidades eclesiais, através da comparação dos textos bíblicos com a realidade de hoje, aplicando as respostas que Cristo forneceu para os problemas do seu tempo⁶⁷. Conta este fato afirmando que atualmente vivemos os mesmos problemas, conseqüentemente as respostas também seriam as mesmas, principalmente se considerarmos que elas aparecem como tendo sido dadas pelo próprio Jesus. Considera que tais reuniões serviam, além de confirmação da fé dos presentes, para que houvesse uma tomada de consciência política, com as pessoas aprendendo a distinguir entre os políticos que somente querem tirar proveito do cargo, daqueles que pretendem fazer realmente um trabalho para o povo. Neste ponto ele retomou

⁶⁷ Conforme já foi descrito no capítulo 1.2.

a história dos tempos na fazenda, afirmando que antigamente as pessoas não sabiam votar, como acontecia com o seu avô e com seu pai, naquela época o administrador dos demais trabalhadores. Recorda que o primeiro candidato a aparecer na fazenda, distribuindo bolas de futebol ou qualquer outra coisa, era apontado por seu pai como o melhor, incentivando as pessoas a votarem nele, algo que é um exemplo real da prática de troca de votos no meio rural brasileiro⁶⁸. Para Sidiney este é um dos maiores motivos para as pessoas, que chama de conservadores, resistirem à formação dos assentamentos pela via dos movimentos populares, pois afirma que os assentados não agüentam quietos estas explorações, não se deixam comprar, protestando sempre que é preciso, recebendo a alcunha de baderneiros, “criadores de confusão”. Concentrou-se muito nesta questão, relatando alguns dos problemas que enfrentaram na região, depois de assentados, com os políticos e a parcela conservadora da cidade. Primeiramente foram os problemas para a obtenção da infra-estrutura, nos quais o então prefeito, Toninho Carrara, é acusado de ter demorado três anos para mandar ligar a rede de energia elétrica, mesmo depois que todos os postes já estavam colocados⁶⁹, assim como as ligações em cada casa, faltando apenas a parte da prefeitura que era a de providenciar a ligação dos postes à rede da cidade. Para Sidiney isto ocorreu pois desejavam expulsá-los daquelas terras, que afirma valerem muito dinheiro, por estarem localizadas próximas da região de Campinas, além da possibilidade da existência de uma certa raiva em algumas pessoas, moradores das cidades vizinhas, que reclamavam pelo fato dos assentados não terem precisado pagar nada pela área que ocupam. Em outra ocasião apareceram alguns homens no assentamento, dizendo-se técnicos da prefeitura, que começaram a medir a área, fincando marcos, sem apresentar nenhuma explicação do serviço que estavam fazendo para os moradores. Depois de alguma insistência descobriram que o objetivo era construir um conjunto de casas populares na área do próprio assentamento, algo que o tornaria inviável, pois todos os lotes, em tamanho

⁶⁸ Falou que os votos também eram trocados por roupas e outras quinquilharias.

apenas suficiente para proporcionar a subsistência das famílias, seriam diminuídos. Poderia representar o fim de toda a luta.. Decidiram não esperar por qualquer explicação da prefeitura, conforme os referidos técnicos lhes tinham ordenado, juntando vários moradores partiram para arrancar todos os marcos e os instrumentos de medição, recebendo ameaças de prisão dos técnicos, ao que os assentados responderam ser melhor eles guardarem os equipamentos, antes que resolvessem guardá-los por conta própria. Confirmando as características estranhas desta história tais técnicos nunca mais voltaram, nem qualquer outro funcionário da prefeitura, ficando a versão de que teria sido uma tentativa de intimidação, por parte de pessoas que seriam contra o estabelecimento do assentamento na região.

Somando-se aos fatos anteriores, havia ainda a já referida hostilidade do padre responsável pela diocese de Sumaré na época, que para Sidiney estava simplesmente do lado da burguesia, não aceitando a inclusão dos assentados na comunidade, atribuído novamente por Sidiney às atitudes contestadoras do grupo, inclusive das práticas religiosas tradicionais da Igreja Católica, considerando-se que haviam sido influenciados pela Teologia da Libertação, através do trabalho dos seminaristas na CEB da região. Visando ilustrar o tipo de exclusão que sofriam, contou que certa vez uma mulher do assentamento foi até a Igreja de Sumaré, pedir alguns folhetos para a celebração de uma missa, sendo destrutada pelo padre, que acabou fornecendo os folhetos, juntamente como um recado para que não lhe fosse pedido mais nada. Sidiney considera, simplesmente, que existem diferentes tipos de pessoas, com posturas e interesses particulares, como ocorre dentro das famílias, no partido político e, em conclusão, na Igreja. Tive mais uma vez confirmado que os assentados possuem a percepção das divisões internas da Igreja Católica, como uma instituição que agrega pessoas de origens e formações variadas, existindo agentes religiosos mais próximos e mais afastados da luta do grupo de assentados de Sumaré.

⁶⁹ Material que havia sido doado pelo governo e empresas.

Ainda sobre esta questão, Sidiney observou que a mesma burguesia que não os aceitava também se considera católica, sendo inclusive defendida pelo referido padre, representante oficial desta Igreja. Acredita que o grupo dos assentados, formados dentro dos ensinamentos da Teologia da Libertação, segue realmente os ensinamentos da Bíblia, restando que os demais não seriam católicos verdadeiros, ou então, seriam defensores de outra religião, pregando outros valores. Retomando as divisões feitas por Löwy com os diferentes relatos que obtive, seria possível dizer que uma mesma religião abriga interpretações e crenças que chegam a ser discrepantes, como se fossem religiões diferentes. Deste modo os assentados não mudam de opção religiosa oficialmente, caso da budista dona Yolanda, mas adotam uma interpretação dos textos bíblicos diferente da leitura feita por outras tendências internas da mesma Igreja. A realidade da vida religiosa da comunidade católica do assentamento reforça tal percepção, sendo conduzida através de encontros semanais, que chamam de celebrações, nos quais fazem suas orações e leituras dentro da mesma perspectiva de libertação, contando com a presença de um padre apenas uma vez por mês⁷⁰. As celebrações são conduzidas pelo casal Cida e Segura, que também trabalham na catequização das crianças do assentamento, defensores da interpretação fornecida pela Teologia da Libertação. Assim a fagulha inicial do movimento, estimulada pelo mesmo tipo de reuniões de discussão bíblica, continua presente no assentamento, ainda que com uma intensidade menor.

Antes de entrar na luta pela terra, Sidiney havia recebido um convite dos coordenadores da CEB regional para participar da horta comunitária, justamente em um momento no qual estava desempregado, tomando contato com a organização do grupo que formaria o Assentamento I de Sumaré, mas sua atuação somente foi ativa com o grupo II. Lembra que depois da conquista

⁷⁰ Este padre assumiu a comunidade de Sumaré, com a saída do anterior que hostilizava os assentados, tendo sido um dos seminaristas que chegou a trabalhar com a formação da CEB regional, organizando a luta pela formação dos assentamentos. É um colega do Segura, da Cida e do Ângelo, que não se engajou diretamente no movimento como

todo o trabalho era coletivo, pois havia a necessidade de começar a preparar a terra, mas as coisas “foram ficando complicadas” conforme afirma, cada um possuindo o seu ritmo próprio de trabalho, preocupações particulares com a manutenção do lote familiar, tornando o trabalho cada vez mais individual. O grupo enfrentava um grande problema, na medida em que o trabalho coletivo era mais vantajoso porém de organização muito difícil, pois ninguém queria ser obrigado a cumprir horários e cotas, como se ainda fossem empregados de alguém. Neste ponto, o sonho de conquistar a terra para acabar com o problema da fome, mostrou sua outra face, que era a da independência, de não precisar submeter-se aos desmandos de algum patrão, cada um produzindo conforme o seu ritmo, necessidade e capacidade. Falta mencionar ainda o problema da partilha da produção e do seu possível lucro, já que alguns acabavam trabalhando mais do que outros, mas na hora da divisão acabavam sendo igualados. Sidiney lembrou também uma outra questão, de que não teria sido democrático, contrariando portando os princípios de formação do grupo, impor a forma coletiva de trabalho para todo o grupo, principalmente considerando-se a inclinação das pessoas para a produção particular de cada família. Portanto, o abandono das práticas coletivas dentro do assentamento, teria ocorrido como consequência da sua forma de organização, pautada na discussão e aplicação da vontade da maioria, que visou sempre construir um espaço no qual todos tivessem direito à voz. Aconteceu que a voz da maioria optou pelo trabalho individual, contrariando as expectativas das suas lideranças mais ativas, limitando o trabalho coletivo somente para as questões do uso coletivo, como capinar a área da escola, instalar uma nova rede de água, construir um espaço de lazer⁷¹. As tentativas de continuar com o trabalho coletivo acabavam fracassando, ou por falta de adesão, ou pelo abandono gradativo dos envolvidos, que aos poucos iam desanimando, pois a carga de trabalho ficava muito grande devido ao número

eles, mas é um encorajador e simpatizante.

⁷¹ Esforço que resultou na construção de um campo de futebol dentro do assentamento.

reduzido de pessoas. Sidiney afirma que quem falar na prática de trabalho coletivo no assentamento não estará sendo sincero.

Como se todos os problemas lembrados no parágrafo anterior não fossem suficientes, havia ainda a dificuldade enfrentada pelo grupo, no início do assentamento, com relação aos produtos que iriam plantar, pois a experiência geral das pessoas havia sido com o café, sendo então a primeira atividade que tentaram para a comercialização, juntamente com a mandioca, o feijão e o arroz, os quais serviriam para a subsistência familiar. Na análise feita por Sidiney estes produtos não são adequados para o plantio em uma área pequena como a do grupo, pois demoram para crescer⁷². O exemplo que utilizou foi o da mandioca, que disse levar cerca de nove meses para poder ser colhida, comprometendo a área do lote individual por um longo período, tempo durante o qual praticamente não teriam renda alguma, precisando depois recomeçar toda a produção novamente, aguardando outros nove meses. Estes primeiros produtos que foram tentados pelo grupo de assentados precisariam ser cultivados em vários lotes, em estágios diferentes de desenvolvimento, para que houvesse produção durante todo o ano⁷³. Imagino que com o trabalho cooperativo estes produtos poderiam ter sido plantados, mas dependeria grandemente da organização do trabalho entre os moradores do assentamento, dividindo os lucros obtidos com a comercialização, algo que acabaria caindo nos problemas já apontados pelo Sr. Sidiney, de que cada um queria adotar um ritmo próprio de plantio, controlar o próprio dinheiro, sem ficar limitado pelos resultados do trabalho dos outros. A solução chegou com a fruticultura, principalmente de goiaba e acerola, introduzida no assentamento pelos moradores recentes, que

⁷² Um cafezal precisa de cerca de cinco anos para começar a produzir. Martins aborda a questão da formação das fazendas de café por empreitada, onde os fazendeiros contratavam um trabalhador, o qual somente tinha a ajuda da própria família, que era encarregado de derrubar as matas e iniciar o plantio, recebendo uma quantia pré-fixada (da qual era descontada a subsistência fornecida pelo fazendeiro) ao final de um período de cerca de quatro ou seis anos, conforme fossem plantadas mudas ou sementes. Deste modo, com pouco ou nenhum gasto, o proprietário das terras contava com um cafezal totalmente produtivo em poucos anos. Ver: MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 6ª ed., São Paulo: HUCITEC, 1986. (Ciências Sociais; 16).

⁷³ Afirmou que somente a mandioca precisaria de nove lotes, onde ela pudesse ser plantada em diferentes estágios.

não são católicos e não participaram da luta pela conquista da terra, vindos da cidade de Valinhos. Com este tipo de atividade é possível fazer-se colheitas mensais, algo que garante uma certa renda, variável conforme a cotação da fruta, mas de saída garantida. Todos acreditam que a situação do assentamento seria outra hoje em dia, caso tivessem entrado na terra através da fruticultura, que começaram a praticar nos últimos quatro anos. Tal fato confirma o abandono em que são deixadas as famílias assentadas, sem informações sobre as atividades que seriam viáveis no espaço de terra que lhes foi disponibilizado, quais as técnicas mais adequadas de plantio, questões que passam pelo descaso de muitos dos agrônomos envolvidos com o grupo⁷⁴, mostrando que muitas vezes o estabelecimento dos lotes é considerado como a solução definitiva, pelos órgãos encarregados da questão agrária em nosso país, para todos os problemas de sobrevivência destas pessoas. Revela também que um dos grandes problemas dos assentamentos é a falta de algum tipo de assistência, pois muitas destas pessoas não sabem cuidar adequadamente da terra que receberam, pois ou elas não possuem experiência, ou possuem uma que ocorreu muitos anos atrás, no caso do entrevistados sempre em atividades ligadas ao café ou à cana-de-açúcar, plantados em grandes propriedades monocultoras, inviáveis para a produção familiar de pequena escala. Talvez esta seja a causa do fracasso, seguido pelo abandono do lote, de muitas famílias do grupo inicial. Foi preciso a chegada de pessoas que não estiveram envolvidas com a conquista da terra, depois de muitos anos de luta, para que aprendessem qual o tipo de produção mais adequada ao espaço que possuem. Todos estes anos e os agrônomos não foram capazes de mostrar-lhes este caminho, muitos certamente presos ao medo que tal atuação levasse ao estabelecimento de um paternalismo, acabaram deixando-se levar pelo espontaneísmo, como se todas as respostas tivessem que ser encontradas pelas experiências do próprio grupo. É

⁷⁴ Em uma das minhas conversas com a Cida esta reclamou que os agrônomos quase nunca aparecem no assentamento, restando a alternativa de tentar o contato por telefone, o que é muito difícil já que no assentamento ainda não ocorreu a instalação das linhas prometidas pela prefeitura. Sem falar que também é muito difícil encontrá-

uma questão já abordada pelos teólogos da libertação, como Frei Beto, que procuravam ressaltar que o trabalho dos agentes religiosos, ou de quem estivesse envolvido no processo, não poderia cair nestes dois extremos, de interferir em demasia nos processos decisórios, assumindo o controle total do grupo, identificado com o paternalismo, mas também não possuir um medo excessivo de agir, deixando tudo para que o grupo decida, quando muitas vezes não possuem a experiência para isto, erro principal do espontaneísmo. O ideal é apontado como a dinâmica fornecedora dos meios, do conhecimento, para que os membros do grupo aprendam a tomar as suas decisões, mas tendo subsídios para tal. É esta a postura que as lideranças do assentamento, principalmente as mais antigas, esperavam encontrar nos agrônomos, um erro, já que estes não eram formados nos quadros da Teologia da Libertação, limitando sua atuação à solucionar os problemas que lhes fossem encaminhados⁷⁵. Nesta última hipótese o resultado é o mesmo da postura espontaneísta, pois permanece que os agrônomos acabam acreditando na capacidade de cada um para resolver seus próprios problemas⁷⁶. Uma outra possibilidade seria a de que, assim como as lideranças do grupo, eles valorizavam excessivamente o trabalho que seria feito pela cooperativa, esta sim com capacidade de encontrar a solução para os problemas identificados pelos assentados⁷⁷, mas que estava distante da perspectiva real dos assentados, conforme já foi mostrado. Sobre este último ponto, do que desejavam os envolvidos com a luta, Sidiney afirmou que foram poucos os que entraram no movimento através de um trabalho efetivo de mudança da consciência, de reavaliação e reconstrução das expectativas individuais, que a maioria estava

los pelo telefone. A mesma reclamação foi feita pelo Segura e pelo atual presidente da cooperativa dos assentados, o Luiz.

⁷⁵ Quando então recaímos no problema da comunicação com os agrônomos.

⁷⁶ O que se encaixa muito bem na tentativa de enquadrar os assentados na lógica de mercado capitalista, do indivíduo destacando-se dentro do grupo.

⁷⁷ Tal possibilidade pode ser confirmada no fato de que os agrônomos procuram falar, preferencialmente, com o presidente da cooperativa, ou com as lideranças reconhecidas pelos moradores, que acabam funcionando como intermediadores das dúvidas que venham a surgir. Isto ocorre de tal forma que, os próprios assentados, acabam utilizando estas lideranças como as responsáveis por entrar em contato com os agrônomos em nome deles, não retirando as dúvidas diretamente.

mesmo é passando fome, em uma situação muito difícil, surgindo então uma possibilidade nova, a conquista da terra, representando para quase todos o retorno ao tipo de vida que levavam na infância e juventude, sendo a adesão à luta determinada muito mais pela necessidade do que por uma ideologia transformadora da sociedade. A participação diária na luta acabou motivando estas pessoas, tornando-as, naquele momento, membros efetivos do movimento. Percebe-se que o trabalho de conscientização, feito pelos agentes religiosos, foi muito mais importante para a formação de um grupo de dirigentes mais atuantes⁷⁸, pessoas realmente envolvidas com a organização do assentamento, reconhecidas até hoje pelo trabalho que executaram e executam, do que para uma mudança geral de atitudes. Sidiney reafirmou a importância da atuação dos seminaristas, entre eles o Segura e o Ângelo, considerados como os responsáveis realmente pela organização do grupo, na medida em que mostravam sempre “quais os caminhos que deveriam ser seguidos”. Foi o trabalho de uma Igreja ligada à Teologia da Libertação, fomentadora de jovens seminaristas, que no processo de conquistar um pedaço de terra para acabar com a fome entre aquelas pessoas, procuravam estimular um novo modo de viver, talvez diferente demais do modelo ideal que os envolvidos com o movimento aqui estudado haviam construído, o qual visava a inserção na sociedade capitalista existente. Sobre este último ponto é interessante ressaltar que o modelo cooperativo, abandonado pela falta de participação dos moradores do assentamento, visa também estabelecer um modo de produção mais eficiente, que possibilite uma inserção competitiva na economia de mercado, em condições mais favoráveis do que as conseguidas individualmente. Mesmo assim prevaleceram as iniciativas particulares, pelos problemas surgidos com o trabalho coletivo. O próximo capítulo vai mostrar o exemplo de um assentado que conseguiu prosperar adotando o trabalho familiar, abandonando a cooperativa.

⁷⁸ Mesmo que não fossem dirigentes eram pessoas que serviam de referencial para todo o grupo, exemplos de conduta dentro do movimento, fato confirmado aliás pela forma como as antigas lideranças, Cida, Segura, Ângelo, referem-se a tais pessoas, indicadas como aquelas boas para se conversar, devido a participação que tiveram na luta.

3.6. Alcindo

Das pessoas que entrevistei no assentamento o sr. Alcindo pareceu ser o mais próspero, possuindo um carro para o uso familiar e uma caminhonete utilizada na venda da sua produção, atividade na qual vai muito bem, já que me falou precisar muitas vezes comprar a produção dos seus vizinhos, para atender a demanda da freguesia. Tem seis filhos, sendo que apenas uma das filhas não mora no assentamento, mas em Sorocaba com o marido. Deste modo vivem todos juntos no seu lote, dividindo o terreno para a construção das casas de cada família. É uma pessoa que gosta muito de conversar, facilitando muito a minha entrevista, já que logo começou a me contar sobre sua vida. Ao contrário de indicar uma pressa para terminar logo com aquele encontro, a postura do sr. Alcindo revelava muito mais uma pessoa hospitaleira, alguém que já batalhou muito, gostando de sentar para lembrar dos tempos antigos, ou simplesmente ficar “jogando conversa fora”, pois atualmente sofre de diabetes, agravada pela sua obesidade, causando-lhe problemas na coluna que o impedem de realizar os trabalhos mais pesados na terra, deixados então para os filhos, enquanto ele e a esposa cuidam de vender a produção, ou “fazer a feira” conforme fala. O fato de possuírem um veículo de carga lhes propicia uma grande vantagem sobre os demais assentados, que ficam na dependência de conseguirem alguém para realizar o transporte dos seus produtos, ou então estabelecer uma freguesia disposta a locomover-se até o assentamento. Alcindo e a esposa trabalham nas feiras de quarta a domingo, vendendo a produção familiar e dos vizinhos. Procura comprar os produtos dos vizinhos, afirmando pagar um preço justo, maior do que estes receberiam se fossem tentar vender, por conta própria, para os centros de abastecimento. Aquilo que sobra em cada dia é doado para uma instituição que cuida de pessoas desabrigadas, gesto que lhe rende uma satisfação pessoal muito grande, além de fazer com que sempre esteja oferecendo produtos mais frescos para seus fregueses. Acredita que deste

modo todos saem ganhando, aqueles que não conseguem vender o que plantaram e este cuja produção não atende à demanda. Vende vários produtos diferentes, como goiaba, acerola, mandioca, abobrinha, entre outros, pois diz ter aprendido a lição de que a sobrevivência do pequeno produtor não deve depender de apenas um tipo de plantação.

Veio do Paraná, onde trabalhava na terra como arrendatário, tendo sido obrigado a vender o seu contrato de uso da terra, feito para durar três anos dos quais já havia utilizado dois, para outra pessoa, quando perdeu toda a plantação por causa de uma geada, mas ainda precisava pagar a dívida com o banco, deixando-o sem condições de manter-se pelo terceiro ano. Após tal perda é que veio viver na cidade, trabalhando em indústrias e depois como pedreiro, mantendo uma insatisfação constante com a vida urbana. Ficou dez anos vivendo na cidade, quando então começou a ouvir a conversa da comunidade da Igreja do bairro em que vivia, o Rosolem em Hortolândia, de que havia um grupo se organizando, pessoas que desejavam retornar a viver no campo e estavam procurando uma terra do governo onde pudessem plantar para a subsistência. Conversando com um vizinho, também um antigo trabalhador rural, perceberam que ambos sempre tinham desejado voltar a trabalhar na terra. Passaram a freqüentar as reuniões do grupo, desde a primeira, feitas na Igreja da comunidade. Mas o sr. Alcindo não participou da ocupação que formou o Assentamento I, pois estava com dois filhos doentes, um deles na UTI, afirmando que não seria possível abandonar a mulher naquele momento, pois ninguém sabia quando aquela movimentação iria acabar. O sucesso do primeiro grupo o estimulou a participar ainda mais ativamente do segundo. Sobre o processo de organização ele não fez muitas menções ao trabalho realizado pela Igreja, através dos seminaristas, confessando-me não ser muito de sair de casa, dizendo-se católico mas não freqüentador das celebrações. Isto pode indicar justamente a presença de um elemento já destacado nos relatos anteriores, de que muitas pessoas não estavam nas reuniões interessadas em transformarem o seu modo de pensar, reinterpretando as histórias da

Bíblia aos olhos da Teologia da Libertação, mas desejavam sim tomarem parte de um processo que prometia alterar a situação na qual viviam, através da conquista da terra. O fato de acompanharem as reuniões, de participarem dos processos de decisão e organização do movimento, lhes garantia o direito de receberem um pedaço da área que fosse conquistada pelo grupo, qualquer que fosse ela. Não representava, necessariamente, uma mudança na maneira de encarar a realidade social, mas sim uma mudança no estilo de vida, que poderia ser qualitativamente melhor. Confirmando tal perspectiva, o sr. Alcindo contou-me que o segundo grupo ficou pronto depois de um ano de preparação, que teria servido para integrá-los e uni-los no ideal comum de conquistar a terra, não falando nada sobre a questão da proposta de transformação da ordem social existente. Relembrou da primeira ocupação, emocionando-se ao falar sobre a chegada da tropa da polícia, que iria despejá-los, dos companheiros que fugiram desesperados em direção à mata, deixando tudo no acampamento com medo da violência que poderiam sofrer, pessoas que voltariam semanas depois, somente para pegar os poucos pertences deixados, pois estavam desistindo da luta, alguns para se arrependerem mais tarde, como foi o caso de um dos amigos do sr. Alcindo, que certo dia revelou-lhe tal ressentimento. Foram expulsos da terra, passando quatro meses acampados na beira da rodovia, sempre organizando a luta, até que puderam voltar temporariamente para a terra que fora primeiramente ocupada, na qual permaneceriam por dois anos, tempo que seria necessário para que a desocupação da área, onde é hoje o Assentamento II, pela Usina que estava ali instalada, pois o seu contrato para a exploração de cana-de-açúcar na região já estava chegando ao fim. Finalmente estavam assentados.

Novamente as recordações sobre o começo do assentamento mostram as dificuldades enfrentadas, sendo necessário recorrer à ajuda do governo e das comunidades locais para não passarem fome, até finalmente conseguirem começar a produzir algo que pelo menos fosse

suficiente para a subsistência do grupo. Ouvi a mesma história relatada por Sidney, que começaram plantando feijão, arroz e milho, produtos considerados inviáveis para o pequeno produtor pelas suas características de plantio, sendo o mesmo caso da tentativa que fizeram com o café, atividade na qual muitos possuíam experiência, mas que precisaria ser plantado em uma quantidade muito grande para dar algum lucro⁷⁹. Trocaram o café pela acerola, que produz quase o ano inteiro, depois adotaram o plantio das goiabas, com a chegada dos moradores mais recentes, que não participaram da luta inicial, mas com muita experiência no trabalho com a fruticultura⁸⁰. Apesar do mercado ser melhor para as frutas, o sr. Alcindo não dispensou a diversificação de produtos, pois conhece os riscos de se concentrar em apenas um, que facilmente pode ser perdido com uma geada ou chuva mais forte. Tal postura é um dos motivos que o faz comprar a produção dos vizinhos, pois somente no espaço do seu lote ele não conseguiria manter uma produção tão diversificada. Ainda recordando o começo do trabalho no assentamento, afirma que tentaram adotar todas as formas de trabalho cooperativo, mas nenhuma delas alcançou o sucesso, apontando como causas do fracasso os mesmos fatores já ressaltados pelos outros entrevistados, das diferenças na forma de pensar de cada pessoa, que cada um deseja estabelecer um ritmo individual de trabalho, tendo ocorrido casos nos quais o morador saía para almoçar e não retornava mais para o trabalho coletivo. Além da dificuldade de se dividir o dinheiro obtido com a comercialização da produção, pois existiam desde trabalhadores solitários até os responsáveis por famílias mais numerosas. Indicou um dado novo, de que foi uma decisão coletiva do grupo, cada um passar a cuidar da própria área, sistema que hoje todos parecem acreditar ter alcançado os melhores resultados. Houve ainda um grupo, de quatro moradores conforme ele se recorda, que tentaram continuar a trabalhar em conjunto, mas os problemas persistiram. A maneira como a crença na eficiência do trabalho coletivo termina após a conquista da área reflete uma série de

⁷⁹ O sr. Alcindo falou em cerca de cem mil pés de café.

questões que são posteriores, do tempo de estruturação do grupo. O sr. Alcindo mostrou, através do seu depoimento, como foi feita a seleção das pessoas que participariam da ocupação, com a formação de um grupo de cerca de 60 famílias, nas reuniões conduzidas pelos agentes religiosos na Igreja, das quais 50 efetivamente participaram da primeira tentativa feita, sendo que somente 25 destas chegaram a ocupar o lote definitivo no assentamento. Quando estavam acampados havia realmente um processo de escolha das pessoas que permaneceriam no grupo, registrado nas atas das reuniões, onde era feita a expulsão das pessoas que “causavam mais problemas” (sic) do que ajudavam o grupo, normalmente aquelas com problemas de alcoolismo, tendências violentas, sendo também as que se recusavam a trabalhar em conjunto, deixando os demais fazerem todo o serviço. É um fato que traz uma outra questão, pois mostra que já houve, teoricamente, uma seleção das famílias mais dispostas e engajadas na luta através da prática coletiva, que seriam as mais orientadas para a proposta de produção no sistema de cooperativa, podendo sugerir que as pessoas avaliadas pelo grupo como discordantes da postura geral já teriam sido colocadas fora do movimento. Mas, na verdade, segundo as afirmações do sr. Alcindo, ocorreram outros fatos, que podem ser entendidos como conseqüências não previstas pelas lideranças, mostrando a existência de demasiada pressão em todo o processo, começando pelo medo constante de ser expulso violentamente pela polícia, a necessidade de obedecer às determinações tomadas coletivamente, mantendo um padrão de comportamento estabelecido como aceitável, sabendo que as conseqüências da não persistência eram efetivas, pois assim como a união de todos impedia as ações mais violentas da polícia, também levava à expulsão dos membros considerados como um problema. A conseqüência de tal processo apareceu com o estabelecimento do assentamento, quando passou a ser difícil convencer as pessoas a obedecerem às determinações dos membros que dirigiam a cooperativa, pois a legitimidade da sua autoridade já não era mais plenamente

⁸⁰ Os moradores que vieram de Valinhos, de formação não católica.

reconhecida. Não era possível utilizar a estratégia de determinar a expulsão dos ausentes nos processos coletivos, os lotes já tinham sido definidos e agora a maioria desejava uma vida livre das pressões e responsabilidades de todo o processo da luta, revelando que a obtenção de um pedaço de terra individual também indicava a vontade de ficar livre da exploração por parte de um patrão, algo que implica poder definir a própria rotina de trabalho, independente de qualquer outra determinação. Alguns dos entrevistados, como o sr. Alcindo, afirmaram que não estavam ali para trocarem um patrão por outro, identificados com o tipo de postura adotada pelas lideranças do grupo⁸¹, tentando impor um tipo de organização que ninguém mostrava muito empenho em levar adiante. Enquanto estavam organizados para a conquista da terra, as lideranças eram respeitadas por representarem e manterem a coesão necessária, assumindo um engajamento e preocupações constantes com a situação dos demais, mas com a mudança de situação as atitudes também são outras, principalmente quando consideramos que há uma troca periódica dos coordenadores, escolhidos em eleição pelos membros do grupo. Portanto as lideranças oficiais do assentamento não eram necessariamente as mesmas do acampamento, conforme o roteiro de trabalho elaborado pela Teologia da Libertação, que determina ser necessário o afastamento dos agentes envolvidos diretamente na coordenação dos movimentos, após chegarem ao seu objetivo primordial, abrindo espaço ao aparecimento de novas lideranças entre os demais participantes, os quais vão articular os trabalhos deste momento em diante, conforme a vontade da maioria. Mesmo que neste assentamento as primeiras lideranças tenham sido, justamente, os agentes religiosos envolvidos com a organização do grupo, a perspectiva agora era outra, ainda que tais lideranças permanecessem sendo bastante respeitadas, tal fato não era mais suficiente para conseguirem manter os agora assentados dentro das perspectivas determinadas pelo movimento durante toda a luta. A libertação pretendida era total, sendo este mais um lado não previsto pela

⁸¹ Ainda que tais lideranças tivessem sido eleitas entre os membros do grupo, nas reuniões coletivas.

ação da Igreja naquele momento, incapaz de diferenciar suficientemente a sua pregação dos ideais bíblicos da ideologia típica do individualismo capitalista, onde o trabalho coletivo é encarado como uma possibilidade de sucesso particular, que na verdade nunca deixou de ser o objetivo central.

O próprio sr. Alcindo é um bom exemplo do assentado que alcançou o sucesso individual, baseado em seu próprio trabalho, sendo auxiliado pela esposa e por um dos filhos, pois os demais estão empregados nas cidades próximas. Seu lote é pequeno para o número de pessoas que dele dependem, sendo em parte formado por terreno lamacento, onde seria muito custoso produzir, mas conseguiu superar todos estes problemas, através da sua habilidade como comerciante, estabelecendo uma divisão do trabalho, comprando dos vizinhos os produtos que faltam, soluções que não são possíveis para todos os moradores, por falta de recursos, de conhecimentos, até mesmo de disposição. Já tentou aumentar a sua área, adquirindo um outro espaço em conjunto com o sr. Sidiney, mas precisou desfazer-se dele para pagar uma dívida com um banco, pois foi avalista no empréstimo de outro morador, que não cumpriu a parte dele no contrato, restando para o sr. Alcindo a responsabilidade pelo pagamento. Nunca fez um esforço verdadeiro para resolver tal situação, pois acredita que uma área maior não iria necessariamente melhorar suas vendas, talvez chegando a dificultar o seu trabalho, pois é mais fácil manter um lote menor, bem organizado e cuidado, produzindo com qualidade, sendo preferível correr os riscos de comprar a produção dos vizinhos, mesmo que não consiga vender tudo no mesmo dia, pelo menos consegue fornecer os produtos exigidos pelos seus fregueses⁸². Neste sistema ele conseguiu erguer a sua casa, “com dinheiro de milho” conforme me disse, tendo sido a caminhonete comprada “com dinheiro de goiaba”, pagando também prestações de aparelhos domésticos que adquiriu, sem ter

⁸² Sr. Alcindo também afirmou que as frutas são melhores do que os legumes, pois precisam de menos água no seu cuidado, principalmente quando consideramos que o acesso à quantidade necessária de água ainda é um dos problemas não resolvidos completamente no assentamento.

atrasado nenhuma parcela. De resto repete o falado por outros entrevistados, de que mesmo o dinheiro vindo a faltar, fome eles nunca passam, pois há sempre algo para se comer.

Nesta conversa, comparando sua situação com a dos vizinhos, recordou-se de que no início o assentamento possuía um caminhão, além do trator que era utilizado na horta comunitária organizada pela Igreja Católica, depois de algum tempo ganharam mais um trator e conseguiram comprar outro, doado para um novo assentamento que estava sendo formado na região, resultante da mobilização do grupo III. Atualmente estas máquinas estão paradas, esperando por consertos que nunca chegam, restando como equipamentos comuns apenas alguns irrigadores e ferramentas. Afirmou que seria necessário os dirigentes da cooperativa providenciarem o reparo das máquinas, garantindo o acesso de todos a elas, jogando grande parte da culpa pela paralisação das atividades coletivas nas novas lideranças, entretanto assume que não é a pessoa mais participativa das ações comuns do assentamento, haja visto sua opção pelas soluções individuais, onde obteve resultados mais rápidos e eficientes. Para o sr. Alcindo o relacionamento entre as pessoas é melhor nos dias de hoje, pois no começo ocorreram muitos conflitos devido à forma de organização da cooperativa, que em sua opinião realmente não funcionou. Como a situação era ainda mais difícil, principalmente se tratando de um processo de adaptação à nova realidade, os relacionamentos também eram mais complicados, acreditando que a melhora nas condições gerais de vida veio acompanhada de uma melhora nas relações pessoais. Parece-me que com o tempo, abandonando-se as tentativas de produção coletiva, as pessoas voltaram a sentir que são responsáveis apenas pelo sustento e estabilidade familiar, não mais de todo o grupo, abandonando as preocupações com os problemas gerais. Teriam passado a focalizar apenas a solução para as questões imediatas do lote individual, mais fáceis de serem resolvidas do que se fossem planejar a produção em todo o assentamento. A ideologia do trabalho coletivo exigia um esforço muito grande, através de uma mobilização que deveria ser estimulada constantemente, em reuniões de

discussão e votação coletivas, das quais a maioria parecia não querer mais participar, principalmente depois de todo sacrifício exigido pela luta para conquistar a terra. É o momento que revela o quanto do trabalho de conscientização dos agentes religiosos permaneceu entre os membros do grupo, onde certamente foram convencidos da importância do trabalho coletivo, mas também perceberam as dificuldades existentes nesta proposta, em que muitos sentiram terem trocado a obediência ao patrão pela obediência às normas que pareciam ter sido determinadas somente pelos coordenadores da cooperativa. Chegados na “Terra Prometida” era o tempo de desfrutarem da mesma, em plena liberdade de escolhas.

3.7. Dona Tereza e seu filho Ciro

Já utilizei trechos do depoimento de dona Tereza, principalmente o poema que ela me forneceu, um registro emocionado dos eventos marcantes de toda a sua luta. Existem outras questões sobre as quais também conversamos, além da oportunidade de falar com um dos seus filhos, que também mora no assentamento. Dona Tereza tem 70 anos, com uma disposição invejável, assumindo todas tarefas com a casa⁸³, além de auxiliar na plantação da família. Teve 22 filhos, dos quais perdeu sete durante a gravidez e três quando ainda eram crianças, dos 12 restantes quatro moram no assentamento com ela, sendo que dois deles já construíram suas próprias casas dentro do lote. Ao contrário de dona Yolanda, dona Tereza participou ativamente de todas as reuniões, precisando ir contra a vontade do marido, um senhor com 90 anos atualmente, que não gostava de ver a mulher envolvida nestes encontros de preparação, deixando os filhos em casa, aos cuidados dele. Mas a situação de miséria vivida era muito grande, afirmando que precisaram chegar até mesmo a pedir comida, situação considerada incorreta,

⁸³ Já mostrei que no assentamento as mulheres continuam assumindo o papel tradicional de cuidar da casa, além de

estimulando-a a enfrentar todas as resistências da família, pela qual estava lutando. Sua formação religiosa é a católica, que ainda pratica, costumava freqüentar a Igreja da comunidade de Hortolândia onde o movimento dos sem-terra na região foi organizado, participando da luta pela formação do Assentamento I de Sumaré, somente vindo a conseguir o seu lote no Assentamento II. Não sabe dizer qual era o nome do livro da Bíblia que estudavam nos encontros na Igreja, mas se lembra muito bem de que ele afirmava ser a terra para todos, numa referência clara ao trabalho feito dentro das CEBs com a leitura do livro do Êxodo, dentro da proposta interpretativa da Teologia da Libertação. O marido nunca lhe deu nenhum apoio, dizendo ser tudo uma grande besteira, que toda história não ia dar em nada, tentando proibi-la de ir às reuniões. Como não conseguiu mudá-la passou a influenciar os filhos na mesma postura, para que estes impedissem a participação de dona Tereza. Nada mudou sua determinação, convencida que estava de ser aquele o único caminho possível além do mais justo, freqüentava todas as reuniões, participava dos debates, discutia as leituras que somente era capaz de ouvir atentamente, lembrando que ela é analfabeta. Quando o grupo se preparou para a primeira invasão era uma das responsáveis pela cozinha, preparando a alimentação de todos, em caldeirões que davam para cerca de 60 pessoas. Mesmo tentando convencer alguns dos filhos a acompanhá-la nas ocupações, não teve sucesso, eles ainda se mostravam muito resistentes, principalmente o esposo, que no momento da concessão do lote para dona Tereza, afirmou ser a responsabilidade dos cuidados com a terra somente dela, já que tinha ido contra a vontade dele. Muitos dos filhos compartilharam da mesma opinião, mas ela mais uma vez não se deixou intimidar, levando para trabalhar com ela quatro deles, o Ciro estava neste meio, conseguindo começar sua plantação e a construção da casa, onde hoje ela vive com o marido, que finalmente cedeu ao sucesso e persistência da esposa. Costumava sair para ir visitar os filhos que moram fora do assentamento, mas deixou de fazê-lo,

auxiliarem no trabalho com a terra.

pois é muito trabalhoso e caro tomar todas as conduções, acreditando já estar na idade de ser visitada pelos filhos. Sente-se satisfeita de que todos os filhos já não passam nenhuma necessidade, mostrando ser hoje sua grande alegria o poder oferecer um prato de comida para quem precisa, pois sabe o que é passar este tipo de necessidade, precisando recorrer à boa vontade dos outros, ou aos centros que distribuíam alimento aos pobres, nos quais ela diz que “ou você leva o feijão ou leva o fubá”.

Identifica como o maior problema do assentamento a falta de participação das pessoas, que já não colaboram como antes, no tempo do acampamento, quando até mesmo as refeições eram conjuntas. Seu filho Ciro acredita que é uma questão particular de cada um, recorrendo a uma citação de Victor Hugo, afirmando que a miséria une as pessoas, pois o início da luta era um momento diferente, onde todos sentiam haver a necessidade da cooperação, mas com o tempo, conforme a situação geral foi se modificando, caindo em uma certa rotina, cada um vai recomeçando a cuidar dos seus interesses. A referência que fez ao escritor foi bastante interessante, como afirmação de Ciro diante da minha presença ali, revelando uma análise crítica da história do grupo, também parte da sua história pessoal, ainda que não tenha sido possível perceber como ele formulou suas conclusões, estas serviram como indicação da formação que foi capaz de obter após ter se envolvido com a luta da mãe. Além do fato de que a citação da passagem de Victor Hugo ressalta um dos aspectos que venho abordando, sobre como explicar a diminuição da coesão do grupo depois da conquista, envolvendo justamente a questão do fim da miséria entre eles, certamente um fator de conjugação dos esforços, uma análise já surgida em outras entrevistas e que parece configurar-se como um ponto comum entre os assentados. A religião realmente serviu como catalisador daquela união, forneceu os elementos necessários ao estímulo da luta, partindo de um conjunto de imagens que eram comuns na formação católica de todos, mas lhes fornecendo outra interpretação, enfatizando o aspecto da libertação, da conquista

de direitos, sendo a miséria o elemento principal que desejavam vencer⁸⁴. Evidentemente que neste processo a crítica da realidade social foi um elemento central, pois ela é encarada como a responsável por toda a situação que pretendem combater, mas uma vez alcançado sucesso com o objetivo central, a questão da fome, o restante cai para um segundo plano, de atividades que exigem um sacrifício de mobilização muito maior, que já não estão dispostos a enfrentar com o mesmo ânimo. Outra questão a contribuir para o esfriamento das atividades coletivas foi a entrada de novos moradores no assentamento, pessoas que não participaram de nenhuma das atividades de formação do grupo original, não compartilhando da mesma história de luta, a ‘história oficial do assentamento’, a maioria também não compartilhando das mesmas crenças, possuindo formação dentro de outras religiões, como a Adventista do Sétimo Dia e a Assembléia de Deus. Mãe e filho afirmaram que a relação pessoal com estes novos moradores é tranqüila, apesar de não existir convivência direta entre os dois grupos, pois os pentecostais não participam de nenhuma atividade comunitária que ainda ocorre⁸⁵, nem mesmo das reuniões da cooperativa. Dona Tereza ressalta ter ouvido de algumas crianças, filhos dos novos moradores, que os pais os proibem de entrar na casa dos outros assentados, pois estes teriam imagens de santos nas suas residências, algo considerado idolatria pelas religiões pentecostais⁸⁶. Deste modo não existe uma relação de trocas de visitas, limitada aos moradores mais antigos do assentamento, que cultivam uma camaradagem, nas conversas ocasionais em frente das casas, embaixo de alguma árvore. Dona Tereza considera um problema a falta de proximidade com os novos moradores, por estes não possuírem a experiência dos tempos do acampamento, das discussões iniciais, da luta contra a polícia, simplesmente tendo chegado até o assentamento após a desistência de alguma família, assumindo os direitos pela exploração do lote, nada possuindo em comum com o movimento,

⁸⁴ Que também foi um dos elementos de união para o povo de Israel, fugindo da miséria e escravidão no Egito, conforme já discuti anteriormente.

⁸⁵ Como o futebol, os mutirões para resolver o problema da água, as reformas na escola.

pois em nenhum momento chegaram a fazer parte dele, fazendo com que não acreditem precisar seguir as determinações da cooperativa. Em sua fala Dona Tereza afirmou que estes novos moradores pagaram pelos lotes, fato que teria contribuído para que sintam possuir todos os direitos sobre a terra ocupada, não devendo nada à estrutura organizativa do assentamento. Na verdade o que temos é a percepção da entrevistada sobre a lei nº 4.957 de 30 de dezembro de 1985, que estabelece as condições para a outorga da permissão do uso das terras públicas no estado de São Paulo, determinando no inciso I do artigo 8º, como condição para permanência no lote que se cumpra “o prazo, o preço e a periodicidade do pagamento da permissão, se onerosa;”, isto dentro da etapa definida como experimental. Na etapa chamada de definitiva da mesma lei temos as condições para a concessão do uso das terras, no artigo 12º, inciso III, o qual coloca a necessidade “do pagamento do preço ajustado para a concessão, sob pena de resolução do respectivo contrato;”, havendo ainda o inciso IV, que afirma o seguinte: “da indivisibilidade e da intransferibilidade das terras, a qualquer título, sem autorização prévia e expressa do outorgante.”, sendo este último o governo do estado de São Paulo. Ou seja, os novos moradores fazem parte da continuidade do projeto oficial de assentamentos no estado, que estabelece princípios classificatórios entre os grupos de trabalhadores rurais, em procedimentos públicos realizados dentro dos municípios, determinando a obrigatoriedade do trabalho racional com a terra, havendo o pagamento de um preço determinado pela permissão e concessão das mesmas, o qual será feito justamente através dos resultados da sua exploração. Deste modo não só estes moradores não participaram do processo de luta para a formação do assentamento, como vivem uma situação diferenciada na sua relação com o Estado, contribuindo realmente para que se sintam desobrigados diante das regras estabelecidas antes da sua chegada. Uma outra questão é quanto ao fato de que estes novos moradores introduziram os mais antigos no trabalho com a

⁸⁶ Para uma visão sobre as religiões pentecostais e neopentecostais recomendo a leitura de: MARIANO, Ricardo.

fruticultura, modificando grandemente as perspectivas possuídas por estes últimos, pois até aquele momento não estavam conseguindo obter resultados muito favoráveis nas atividades que desenvolviam. A comercialização de frutas foi uma grande inovação, pela qual os novos moradores são responsáveis, inclusive ao compartilharem as técnicas necessárias para o cultivo, deste modo não é estranho pensar que não desejem seguir as determinações da cooperativa, que em todos os anos de existência do assentamento, não havia sido capaz de estimular a condução de alguma atividade lucrativa. Mesmo com todas as diferenças, dona Tereza e Ciro descrevem o cotidiano no assentamento como sendo marcado pela busca da boa convivência, da troca de experiências e até mesmo da ajuda mútua em casos de muita necessidade, dentro de um espírito de aceitação das diferenças, mas sem um contato mais íntimo ou familiar.

Também surgiu na entrevista o conflito do grupo com o padre de Sumaré, alvo de muitas críticas, nas quais ficou clara, mais uma vez, a percepção que os assentados possuem das diferentes tendências dentro da Igreja Católica, através de um exemplo dado por Ciro, comparando o apoio fornecido por certos partidos políticos abertamente ao MST, enquanto outros preferem criticá-lo, sendo que mesmo dentre os apoiadores existem diferentes opiniões, concordando ou discordando das táticas empregadas pelo movimento. A mesma identificação é feita com a Igreja Católica, havendo o grupo que apóia e sustenta o movimento, os setores normalmente relacionados à Teologia da Libertação, até os seus opositores e críticos, ala na qual enquadram o antigo padre da comunidade de Sumaré. Acredito que tal percepção faz com que, dentre as pessoas entrevistadas, a grande maioria se defina como católica, pois possuem uma visão diferenciada desta religião, encarada como libertadora, justificativa necessária de todo movimento realizado, além de ser fonte inspiradora fundamental para a persistência na luta. Pessoa extremamente religiosa, freqüentadora de todas as celebrações feitas no assentamento,

dona Tereza faz muitas referências a Deus e Jesus Cristo, encarado como o responsável pelas coisas terem dado certo em sua vida, afirmando que a sua fé nunca diminuiu, fatos confirmados na leitura do seu poema. Deste modo a sua crença foi confirmada, pois alcançaram a tão sonhada “Terra Prometida”, fortalecendo os laços que a unem com o catolicismo praticado dentro do assentamento.

3.8. Conflito religioso em família

O sr. Sidiney vive com todos os filhos e netos no seu lote. Tive a oportunidade de conversar com um dos seus filhos, o mais novo, com a filha e com a nora, esposa do filho mais velho, que trabalha na cidade como mecânico. Maria, a nora, forneceu um depoimento muito interessante sobre sua trajetória religiosa, marcada por algumas conversões e conflitos familiares que as acompanharam. Não participou da luta pela formação do assentamento, vivia em Hortolândia com o marido e as filhas, quatro meninas atualmente, freqüentando a Igreja Católica, procurando participar das suas atividades no bairro. Mas precisaram se mudar da cidade, atrás de uma oportunidade melhor de emprego para o seu esposo, indo viver em um local longe dos parentes. A situação que passaram a viver nesta nova cidade era muito pior do que a anterior, conduzindo-a para uma depressão muito grande, não mais freqüentando a Igreja assiduamente, a família passando por momentos muito difíceis. Vivendo todas estas dificuldades é que foi convidada por duas vizinhas, freqüentadoras da Igreja do Evangelho Quadrangular, para participar de um culto algum dia, pois estas afirmavam ser a sua situação semelhante a de outros fiéis, que certamente encontraria ali muitas respostas para tais problemas. Os convites eram repetidos diariamente, até que um dia, as amigas estavam de saída para o culto e a chamaram para acompanhá-las, foi quando Maria resolveu ir também, gostando muito daquilo que viu. O

principal motivo foi a forma como o culto era conduzido; antes de entrar para a Igreja Evangélica nunca havia lido a Bíblia, somente acompanhava os trechos transcritos nos folhetos das missas, sendo todo culto evangélico baseado em leituras feitas diretamente no livro sagrado, que finalmente aprendeu a consultar, tomando contato com muitas palavras e histórias desconhecidas, surpreendendo-se com o conteúdo de algumas. A dinâmica dos encontros também era diferente, a comunidade estando mais envolvida nas celebrações, bem diferente da experiência que possuía dentro da Igreja Católica, onde era sempre o mesmo grupo responsável pelas orações, enquanto todas as outras pessoas somente acompanhavam assistindo. A acolhida da comunidade evangélica foi muito calorosa, considerando-se a depressão pela qual passava, tal fato foi muito importante, acabava de encontrar um grupo que lhe dava o suporte emocional necessário para enfrentar suas dificuldades. Converteu-se, causando um grande problema, pois o marido, bem como a família dele, não aceitava a mudança de Maria, deixando suas filhas no meio do conflito, sem saberem como encarar a situação, estabelecendo-se uma divisão, de tal modo que quando ela saía para os cultos ninguém a acompanhava, revertendo-se o quadro quando todos saíam para as celebrações católicas, ficando sozinha na casa. Somente passando a viver no assentamento, cerca de nove anos atrás, é que a vida da família começou a encontrar um eixo comum. As filhas, que antes estavam sempre doentes, passaram a ter uma saúde mais forte, isto no pouco tempo passado ali a convite do sogro. Este fato, mais a possibilidade de levarem uma vida mais tranqüila e estável, estimularam a decisão de virem morar definitivamente no lote do sr. Sidiney. A família continuava dividida por causa da sua opção religiosa, apesar de Maria não freqüentar os cultos todas as semanas, em parte por causa da dificuldade geral de locomoção, de outro lado pela necessidade de estarem sempre cuidando da terra, pois precisavam produzir o suficiente para o sustento de todos. Começou a participar das atividades comuns do assentamento, das reuniões da cooperativa e até mesmo das celebrações religiosas, descobrindo que a Igreja Católica também

podia oferecer um culto dinâmico como o encontrado na Evangélica, estimulada pela forma total com que a comunidade participava das orações, fazendo leituras e reflexões diretamente da Bíblia, um ambiente de grande amizade. Na verdade, como os demais, ela estava descobrindo a diversidade interna da Igreja Católica, através da Teologia da Libertação. Chegou a freqüentar a Igreja da Assembléia de Deus, estimulada pela presença, atual, de fiéis desta religião no assentamento, mas afirma não ter gostado do tipo de pregação ali feita⁸⁷. Todas estas novas experiências, somadas ao grande peso que sentia por achar-se responsável pela divisão da família, estimularam seu retorno à religião Católica, dizendo-se muito satisfeita, pois a dinâmica da comunidade católica dentro do assentamento é muito diferente daquela vivenciada nos bairros das cidades em que moraram. Encontrou entre os católicos aquilo que os evangélicos lhe tinham oferecido, a possibilidade de ler a Bíblia para obter palavras de conforto, de participar ativamente das celebrações, com a grande vantagem de não mais provocar atritos familiares, tudo acompanhado de uma melhora muito grande na qualidade de vida⁸⁸.

Os filhos do sr. Sidiney que conheci, Wagner e Lia, bem mais tímidos do que a cunhada, não falaram muito sobre a história da família, afirmando ser o pai a pessoa adequada para recordar destes fatos, pois foi ele que efetivamente participou da conquista do lote. Wagner cresceu dentro do assentamento, fez seus primeiros estudos na escolinha do mesmo, que depois precisou terminar na cidade, concluindo o segundo grau. Lia chegou no assentamento na mesma época que Maria, havia perdido o emprego em todas as casas que trabalhava como doméstica, não tendo mais condições de manter-se. Não se estenderam muito em nenhum dos assuntos que tentei abordar, comentaram um pouco sobre os problemas tidos com o padre de Sumaré, forçando as pessoas a se locomoverem até o bairro do Rosolem, em Hortolândia, comunidade na qual o

⁸⁷ A diversidade existente entre as Igrejas evangélicas, históricas, pentecostais e neopentecostais também é uma realidade.

⁸⁸ Características do trabalho de uma Igreja que se fez povo, através do trabalho das CEBs, da CPT e da Teologia da

movimento se organizou e onde eram sempre recebidos pelo padre. O mais interessante no depoimento dos irmãos foi a percepção que possuem sobre a convivência dentro do assentamento, contrariando todos os outros entrevistados, afirmaram que antigamente as pessoas eram menos unidas, sendo muito difícil juntar todos para uma conversa, mas que agora as coisas funcionavam melhor, contando com a participação geral. Acredito que tal opinião, fornecida espontaneamente, revela um pouco da história do grupo, marcada justamente pelo momento inicial da mobilização, quando todos estavam juntos colaborando para alcançarem um objetivo comum, justamente o período do qual os dois não se lembram, pois eram muito novos para vivenciá-lo diretamente, recebendo estas informações através do sr. Sidiney. Desta época eles se lembram da ausência do pai, que continuava trabalhando na cidade durante a semana, deixando a família no acampamento, juntando-se a eles nos finais de semana, uma atitude reveladora da cautela com que o sr. Sidiney encarou a luta no seu primeiro momento, preferindo ter algum tipo de segurança garantida para os seus, caso todo movimento desse errado. O momento seguinte, de organização do assentamento, foi bastante conturbado, marcado pelas tentativas, infrutíferas, de iniciar atividades que atendessem à subsistência de todos, devendo também proporcionar alguma renda, necessária para cobrir outros gastos. Evidentemente que este não foi o período mais tranquilo nas relações entre os assentados, principalmente pelo fato de que agora estavam reavaliando os valores da luta, cada um tentando encontrar uma solução individual para o trabalho com os lotes, pois a cooperativa estava começando a ser organizada, portanto não podia fornecer nenhum tipo de orientação mais exata. É o período das primeiras memórias que ambos possuem do assentamento. Posteriormente cada família começou a organizar a própria produção, depois do fracasso das tentativas com a cooperativa, pelas diversas razões já descritas anteriormente, chegaram os novos moradores trazendo a experiência da fruticultura, atividade

que proporcionou certa estabilidade, diminuindo os conflitos, fortalecendo os laços de vizinhança, organizando pequenos grupos de moradores na comercialização de produtos comuns. É a fase mais recente da história do assentamento, da qual os irmãos também participaram. Maria acredita, mesmo tendo se mudado para o lote do Sr. Sidiney na mesma época dos dois irmãos, que antes as pessoas eram mais unidas, todas as decisões eram tomadas em conjunto, algo que já não acontece, mas afirma ser isto um bom sinal, revelador da melhora na situação geral, já não precisando recorrer sempre ao suporte de todo o grupo, cada família sendo capaz de providenciar o seu sustento.

3.9. Encontro com dois dirigentes atuais: Luisão e Luís

Consegui falar com duas lideranças atuais do assentamento, Luisão (Luís Sinésio da Silva), tesoureiro da cooperativa, e Luís, o presidente. O primeiro manteve uma postura mais aberta durante a entrevista, ao contrário do segundo, que parece ter ficado bastante desconfiado dos objetivos da minha pesquisa, atitude diminuída aos poucos durante as nossas conversas. Acredito que tal diferença de postura se deva não somente aos temperamentos opostos, mais tímido de Luisão, mais impositivo de Luís, mas ao fato de que este deve sentir diretamente o peso das críticas feitas pelos demais moradores do assentamento, pessoas com as quais sabia que eu já havia conversado. Realmente todos os assentados entrevistados apontaram problemas na gestão atual da cooperativa, em certo momento alguns manifestaram o desejo de que as eleições para coordenação chegassem logo, esperando uma produtividade maior da próxima gestão.

Luisão contou-me um pouco da história de sua família, com origens humildes, vindos do Paraná para Sumaré em 1975, criados dentro do catolicismo, já envolvidos com o trabalho na CEB da região em que viviam, ele freqüentando o grupo de jovens da Igreja, os pais

colaboradores ativos no trabalho junto à comunidade. Da atuação na CEB de Hortolândia e Sumaré, resgatou as leituras da Bíblia realizadas, principalmente o tema da busca pela Terra Prometida, a caminhada do povo hebreu, lembrando que o trabalho feito pelos agentes religiosos foi muito importante, servindo para despertar neles a consciência sobre sua situação de vida. Participou do movimento que originou a conquista do grupo I, quando tinha cerca de 18 anos, mas sua família somente conseguiu um lote no Assentamento II, primeiramente em uma terra temporária, conseguida em negociação com o governo, a qual acabou se tornando definitiva. A família de Luís vivia na região, participando das lutas de formação dos assentamentos, mas não se tornaram moradores de nenhum deles logo no início, ocupando um dos lotes do segundo grupo cerca de três anos após o estabelecimento destes na área, mas afirmou terem desenvolvido uma participação ativa ali, culminando em sua eleição para o cargo de presidente da associação.

Ambos falaram sobre o relacionamento com as pessoas de outras religiões, os moradores recentes do assentamento. Luisão afirma que a convivência é boa, sem nenhum grande conflito, pois todos aprenderam a criar um ambiente de respeito às crenças individuais, sem o emprego do proselitismo religioso por nenhum dos lados. Chegou a fazer um curso dado pelo MST no Rio Grande do Sul, no qual foram questionados diversos valores, inclusive os religiosos, refletindo sobre a existência ou não de Deus, debate que acabou reforçando sua fé, pois o objetivo destes não era transformar os presentes em ateus, mas somente provocar-lhes o desejo de buscarem respostas para as questões que surgirem, assim como os argumentos necessários para a defesa das suas idéias. Luís também comentou sobre a necessidade de estabelecer relações de cordialidade com todos no assentamento, fato que o teria estimulado a conhecer mais sobre as outras religiões, realizando algumas leituras. Utiliza estes conhecimentos nos seus debates com os moradores, ressaltando o fato de muitas vezes a pessoa não possuir o mesmo conhecimento que ele sobre a história da própria religião, citando o exemplo de um assentado, membro da Assembléia de Deus,

que não sabia a história do rompimento de Edir Macedo com o seu cunhado, fundador de outra Igreja. Procura convencer as pessoas através destas informações que possui, tentando fazê-las colaborarem com a sua administração. Realmente nossa conversa acabou enveredando na linha da história da Igreja Católica, sobre a qual mostrou possuir bastante clareza, comentando seu passado de aliança com as classes dominantes, sendo interessante ressaltar os gestos que utilizou para enfatizar a sua opinião, dizendo que a Igreja teve seus momentos altos e baixos, indicados com o subir e descer das mãos, sendo os momentos de subida ligados aos em que ela esteve mais próxima do povo, quando descia as mãos mostrava-a como portadora dos interesses das camadas mais poderosas. Todo este esforço de elaboração reflete uma tentativa de colocar-se como diferente dos demais assentados, atitude que ele sempre manteve, quando procurava ressaltar ser o mais jovem proprietário de um lote particular, tendo começado a frequentar o curso de Educação Física na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Campinas, abandonado por falta de recursos financeiros. Mas também era a tentativa de reafirmar sua autoridade diante de um elemento diferente, um pesquisador, já que somente lhe fui apresentado depois de ter realizado diversas entrevistas, através de contatos que não passaram pela atual coordenação, deste modo ele procurava mostrar conhecimento sobre a minha área de pesquisa, ação na qual gastou a maior parte do tempo de nossa conversa, sendo bastante esquivo quanto à sua história dentro do movimento.

Ao contrário da sua história anterior, atualmente Luisão não é um católico praticante, não frequentando as celebrações e atividades religiosas realizadas no assentamento, procurando comparecer naquelas que relembram alguma data mais significativa para o grupo. Na sua concepção Deus está sempre presente em sua vida, acreditando que seu trabalho é uma maneira de estar constantemente louvando e agradecendo. Apesar de perceber que a união do grupo já não é a mesma do início, fala que o grupo ainda possui laços fortes, os quais voltam a surgir nos

momentos críticos, principalmente quando é preciso ocorrer a unificação de esforços das famílias para comercializar algo plantado por todos, surgindo ligações conforme um grupo plante goiabas, milho, acerola ou qualquer outro produto. O presidente da cooperativa concentrou-se, depois de ultrapassar a fase inicial de nossa conversa, na questão social do assentamento, da necessidade de incentivar a participação política, afirmando que as pessoas não devem ficar paradas, simplesmente rezando, mas que é preciso envolver-se com a luta concreta. Entende que a situação atual do assentamento reflete uma união menor do que a existente no começo do movimento, creditando tal realidade ao fato de que, o tipo de discussão feita por eles no início da luta, somente agora começa a ganhar espaço em outras tentativas de mobilização popular, por terem possuído uma visão muito avançada para aquele momento. O único exemplo fornecido desta análise foi sobre a forma de organização das passeatas, em fileiras duplas, como pode ser visto nas caminhadas promovidas pelo MST, que seria um modelo seguido hoje por todos os grupos, mas não identificou nenhum deles claramente. Tentava formular um conjunto de análises, visando justificar a posição que ocupa atualmente no assentamento, como prova da sua capacidade para administrar a cooperativa, atualmente com a imagem muito abalada entre os moradores, querendo mostrar, como afirmou claramente, que a situação atual de desunião se reflete em todo tipo de atividade do grupo, mesmo as de cunho religioso. Fez uma pequena referência à questão da não aceitação dos assentamentos na região, lembrando dos problemas tidos com os padres, tanto os de Sumaré como os de Hortolândia no seu entender, que não queriam assumir o compromisso de integrar o grupo nas comunidades, atribuindo tal postura ao fato de serem cidades com um perfil conservador. Não se deteve muito neste assunto, uma postura constante no seu depoimento, nunca abordando longamente nenhuma questão que fosse ligada diretamente à sua participação no movimento, dedicando-se a temas mais gerais, como a história da Igreja Católica, ou a formação da Assembléia de Deus. Apesar de sempre estar

disposto a conversar, nunca está disposto a expor-se demasiadamente, reflexo da imagem de ineficiência da cooperativa, atribuída aos seus dirigentes, mesmo que os demais moradores assumam parte da responsabilidade pela não participação nas atividades coletivas já tentadas, todos parecem acreditar que a realidade poderia ser um pouco diferente se houvesse algum outro tipo de iniciativa da gestão atual⁸⁹.

⁸⁹ Ainda que ninguém saiba dizer quais seriam estas iniciativas, muito menos a forma de estimular a participação de todos.

4. Os assentados atuando dentro da esfera religiosa

Certamente esta pesquisa não pretende esgotar as questões que a suscitaram e outras surgidas no seu decorrer. Mas acredito ser possível, com as informações recolhidas e que foram aqui apresentadas e discutidas, realizar uma série de afirmações, procurando apresentar claramente as respostas obtidas, à luz da perspectiva teórica que orienta todo este projeto.

Começarei tentando responder a uma das questões apresentadas ao final do capítulo 1.3., sobre como é possível que a referência religiosa principal de grande parte dos assentados permaneça sendo a da Igreja Católica, mesmo quando lembramos dos conflitos que ocorreram entre os seus representantes institucionais oficiais e os membros do movimento aqui estudado. Tal fato se revela verdadeiro quando analisamos os casos dos agentes religiosos envolvidos no processo⁹⁰, bem como o das demais pessoas que, excetuando-se o caso da assentada budista, permanecem denominando-se católicos⁹¹. Acredito que a explicação situa-se em alguns elementos já apresentados anteriormente. Primeiramente existe a argumentação dos entrevistados de que, na verdade, estariam seguindo os verdadeiros ensinamentos da religião Cristã, conforme a Vontade Divina presente nos textos bíblicos, da qual a Igreja seria somente representante, levando-os a adotar a mesma prática dos Hebreus, da caminhada para alcançar a sua própria terra, depois de anos de privações, mostrando que a presença da instituição, através dos diferentes agentes, foi muito importante no processo de organização da luta, mas que as formulações feitas a partir das leituras dos textos bíblicos operaram dentro da esfera religiosa. No momento de formação do grupo de futuros assentados, a religião surgia como expressão desta esfera, ressaltando elementos que dela fazem parte, não enquanto uma igreja em particular, mas como

⁹⁰ Caso dos relatos de Ângelo, Segura e Cida, que abandonaram a vocação religiosa devido aos atritos com seus superiores.

⁹¹ Quer tenham uma participação maior ou menor na vida religiosa da comunidade. Relembrando também o caso da

uma nova forma de interpretação da tradição religiosa a qual todos estavam habituados, pois a visão a surgir naquele momento não era a mesma que haviam praticado até aquele momento dentro da Igreja Católica, crença na qual todos os assentados entrevistados afirmaram terem sido criados, mas redescoberta através de uma nova perspectiva, com o trabalho feito pela Teologia da Libertação. Estavam sendo apresentados, por agentes ligados diretamente à Igreja Católica, a uma outra possibilidade de vivência religiosa, que enfatizava a autonomia dos fiéis, fornecendo um sentido sagrado para os eventos marcantes em suas vidas até aquele momento. Não se configurava como a mesma religião praticada nas paróquias das cidades, conforme o Sr. Sidiney chegou a afirmar, que contavam com o suporte dos padres, diferente da situação vivida pelos moradores do Assentamento II. As atividades realizadas para a mobilização daquelas pessoas surtiram um efeito maior do que o planejado. Não houve o abandono total do aprendizado das diversas discussões bíblicas, mas sim uma apropriação dos ensinamentos que estavam mais alinhados com as expectativas reais de cada um. Ao valorizar a conquista da autonomia, de libertar-se dos laços do autoritarismo praticado pelos patrões⁹², estimularam a independência nas tomadas de decisão, que também esteve presente quando a proposta coletiva começou a dificultar, conforme acreditavam, as atividades de cada família. Ninguém estava ali para trocar um padrão pela autoridade do dirigente, segundo o Sr. Alcindo, pretendiam sim melhorar sua situação de vida, fugir da miséria, segundo o Sr. Sidiney. Foi o primeiro deles que fez a seguinte afirmação:

‘Tinha uma coordenação naquela época. Tinha assim: presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, e tinha os fiscais que falava né, que coordenava. Mas mesmo assim não deu certo. Põe um colega da gente pra... Pra começar a gente falava assim: ‘tudo isso

moradora, Maria, que foi reconvertida para o catolicismo.

⁹² O sentido genérico visa destacar as diferentes atividades, no meio rural e no urbano, que cada um dos envolvidos na luta já exerceu.

aqui é nosso”, não vai um mandar, não é igual uma firma. Numa firma não, você é obrigado a cumprir... a respeitar o coordenador né. E aqui não, um pensa de um jeito, faz de outro. É complicado. Então para não criar mais divergência, então falamos se achar melhor, comunitário ninguém queria mais (...) É, e outra, na hora de dividir também dava complicação. Quer ver, vamos supor, tem uma família aí que era só de dois, ou que era um só, como tem ainda aí que é o Luís Sinésio, sabe o Luís Sinésio né? (...) que é sozinho, outra família é três, quatro na casa. Então como é que vai fazer trabalhar comunitário? Não tem jeito. (...) Quer dizer que as pessoas que tem mais gente na casa, quem tem menos não tem que receber igual quem tem mais funcionário. Então fica complicado.” (Sr. Alcindo).

Percebe-se aqui a afirmação de um objetivo, que não estava definido no início do movimento, pelo menos não dentro das discussões que os agentes religiosos prepararam para a condução das reuniões, enfocando muito mais as leituras bíblicas, a importância da união na luta a ser empreendida, o fato de estarem fugindo de uma situação de exploração, onde o governo, os patrões e a polícia eram identificados com a ação repressora do Faraó do Egito sobre o povo Hebreu. Outra questão é sobre a participação atual dos moradores nas atividades religiosas do assentamento, relacionadas ao trabalho feito pelo casal Segura e Cida, conduzindo as celebrações nos finais de semana, catequizando as crianças, auxiliando o padre na missa mensal da comunidade. Entre os homens com quem conversei, a grande maioria, exceção do próprio Segura, não participa ativamente das celebrações religiosas do assentamento, afirmando-se como católicos, mas não assíduos em sua presença nestes encontros, nem mesmo na missa realizada mensalmente pelo padre de Sumaré. Entre as mulheres a participação maior é de dona Tereza, Maria Aparecida e, evidentemente, da Cida. O núcleo católico do assentamento permanece ativo, mas não com o mesmo entusiasmo do seu início, com a mesma disposição, produzindo uma

ironia, na medida em que as mesmas pessoas que haviam abandonado a vida religiosa anteriormente, sofrendo com as atitudes do padre de Sumaré, discordando do posicionamento de diversos membros da hierarquia religiosa católica, são atualmente as responsáveis pela condução das cerimônias na comunidade, mantendo a influência desta religião no assentamento. Como se a instituição religiosa os tivesse novamente recrutado para serem seus porta-vozes oficiais, prosseguem com o trabalho que executavam no início do movimento, ainda estimulados pelas interpretações da Teologia da Libertação. Só que agora os objetivos são outros, não é mais a mobilização para uma luta imediata, mas a divulgação daquele mesmo ideal, visando fortalecer os laços entre os moradores, não os deixando esquecer das suas primeiras discussões, dos seus objetivos iniciais. É marcante na história do Assentamento II de Sumaré a permanência das pessoas na mesma religião, apesar dos dois casos relatados, os quais possuem especificidades que os configuram como exceções dentro do grupo inicial de moradores. Mesmo com a proximidade de convivência com outras religiões, através dos novos moradores, e ainda que a participação atual dos membros do grupo inicial não seja tão intensa, estes continuam dizendo-se católicos. Mas é um outro tipo de catolicismo o que têm em mente, não aquele preso às determinações e posturas de uma instituição, que algumas vezes lhes foi até hostil, mas de uma das suas tendências internas, com um trabalho bastante diferenciado, sendo grandemente criticada pelos representantes mais altos da hierarquia católica⁹³. O trabalho feito na comunidade de base da região surtiu um grande efeito, estimulando a leitura dos textos bíblicos, encontrando neles outra interpretação, elaborando uma prática religiosa diferenciada, marcada pela busca das “promessas de Deus”. Não era mais possível esperar uma ação do Estado, a solução para o problema da fome

⁹³ Como o Cardeal Ratzinger, que conforme Löwy: “Na tentativa de responder ao desafio, Roma publicou, em 1984, uma *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da libertação”* assinada pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (dirigida pelo Cardeal Ratzinger) acusando a teologia da libertação de ser um novo tipo de heresia baseada na utilização de conceitos marxistas.”, *op. cit.*, 2000, págs. 81 e 82. O texto pretendia responder à formulação da “opção preferencial da Igreja pelos pobres”, feita na conferência de bispos da América Latina de Puebla, em 1979, que era uma tentativa de conciliação entre as diferentes tendências da Igreja latina.

passava pela ação, conforme a história vivida pelo povo Hebreu. Neste caso não se tratava simplesmente da instituição tentando reproduzir-se, ponto sobre o qual enfatizo justamente o exemplo dos seminaristas que se afastaram da vocação religiosa, aspecto ressaltado por Ângelo no seguinte trecho da sua fala:

‘Então além de mim, só pra completar, tinha outros seminaristas ali. Tem o Iran que foi embora em oitenta e três, logo depois, em oitenta e quatro, logo depois que o assentamento aconteceu, e tem os seminaristas de Nova Veneza, que era um grupo de uns 15 a 20 seminaristas, entre 50 seminaristas que tinha lá, que também entraram nesse ritmo de Teologia da Libertação, dos quais, destes 15, apenas uns dois ou três se ordenaram, os outros tão lá em Hortolândia ou tão nas cidades vizinhas aí que não foram ordenados padre também. (...) Quem não saiu na época saiu depois de padre, que tem uns dois ou três lá que se saíram, se ordenaram padre mas depois agora, três, quatro anos atrás, saiu autorização, então casaram e tão lá hoje. Mas teve uma grande debandada, com o negócio da Teologia da Libertação abriu um pouco as portas, talvez seja por isto que os bispos fala: ‘Opa aí! Cuidado pra não perder!’” (Ângelo).

Mesmo constatando-se que estes agentes ainda se mantêm fiéis à fé católica não quer dizer que estejam seguindo as determinações da hierarquia religiosa católica. A história da formação do Assentamento II de Sumaré, aqui relatada, revela que as pessoas estabeleceram um tipo de relação diferenciada com esta religião, marcada principalmente pela influência da Teologia da Libertação, estabelecendo uma maneira nova de encarar a prática da fé cristã, tão diferente da orientação tradicional predominante na Igreja Católica naquele momento, no qual a luta do grupo de assentados estava no seu início, que parece realmente configurar uma outra religião. Mas não era outra religião no sentido de possuir uma doutrina totalmente diferenciada, mas sim na reivindicação da interpretação que acreditam ser mais próxima da verdadeira

mensagem contida nos textos bíblicos da tradição católica. Este certamente foi um dos motivos das críticas recebidas pelos defensores da Teologia da Libertação, na medida em que representavam uma possibilidade de rompimento na unidade institucional da Igreja Católica, assim como, permitindo-me traçar um paralelo que não pretendo desenvolver profundamente⁹⁴, ocorreu no movimento da Reforma Protestante, o qual não somente criticava as posturas adotadas pela Igreja Católica daquele período, meados do século XVI, como propunha uma interpretação defendida como sendo mais fiel ao verdadeiro conteúdo da mensagem bíblica. Neste projeto Lutero tratou inclusive de cuidar da tradução para o alemão dos livros do Novo Testamento da Bíblia católica, que:

“Mais do que um projeto pessoal do monge rebelde, a ânsia de beber na fonte as palavras de Revelação configurou todo um movimento conhecido como *evangelismo*, transposição para os textos sagrados do procedimento dos humanistas face aos tesouros literários da Antigüidade Clássica.”⁹⁵

O espírito da Reforma Protestante envolvia portanto toda uma nova maneira de enxergar o mundo, marca do período do Renascimento, que também teria auxiliado na manutenção do próprio movimento de contestação da autoridade da Igreja Católica:

“Sem a Ilustração cristã, sem o espírito de rebeldia intelectual que ele suscitou e que a acompanhou, a Reforma luterana não teria provavelmente tido um destino muito diferente do das muitas outras tentativas anteriores de reforma do cristianismo: seria absorvida pela Igreja Católica ou isolada e exterminada como herética.” (Moraes, 1999, pág. 07)

O processo de formação do Assentamento II de Sumaré, reuniu elementos característicos deste movimento reformador, na medida em que também davam nova dimensão aos textos

⁹⁴ Trata-se somente de uma reflexão a ser indicada como proposição futura.

⁹⁵ MORAES, João Quartim de. **Erasmus e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo**, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999. (Primeira Versão, 81). Págs. 04 e 05.

bíblicos, difundiam uma pregação que encontrou eco naquele grupo de pessoas vivendo em situação de exclusão social, levando-os a atuar até mesmo contra as determinações dos membros em cargos mais elevados da hierarquia religiosa católica. Não propunham diretamente o rompimento com as estruturas institucionais da Igreja Católica, mas representavam a possibilidade de um movimento de contestação, alinhado a uma corrente teológica não majoritária entre os ocupantes de altos cargos nesta instituição. Entretanto, conforme já afirmado anteriormente, muitos destes agentes religiosos, envolvidos em conflitos com seus superiores hierárquicos, permanecem dizendo-se católicos até os dias de hoje, sendo inclusive os responsáveis pela manutenção desta fé no Assentamento II. A ação que atualmente executam não passa pela missão de fortalecimento institucional da Igreja Católica, mas sim pela vivência da sua fé de acordo com as interpretações bíblicas melhor adaptadas às necessidades do grupo, ou seja, passa pelo âmbito da esfera religiosa enquanto portadora de características distintas das demais. Aqui a religião não aparece simplesmente como uma mercadoria oferecida por alguma instituição, mas como algo que fornece sentido para o conjunto dos acontecimentos cotidianos da vida de uma pessoa, impulsionando a sua mobilização, revelando uma promessa de salvação a ser concretizada aqui mesmo no plano terrestre. Ao analisar o papel dos agentes religiosos na formação deste assentamento ficou evidenciado o desligamento que tal atuação possuía das orientações hierárquicas superiores, as quais pretendiam, muito diferentemente do desejado pelos seminaristas, um afastamento deste tipo de movimento. Mesmo que muitos setores desta Igreja já estivessem adotando a postura definida como a “opção preferencial pelos pobres”, tornada a linha mestra da conduta dos religiosos na América Latina, para que esta se concretizasse foi necessário ocorrer uma mudança de postura interna à instituição, resultante em grande parte do trabalho realizado pelos religiosos que assumiram as populações mais necessitadas, produzindo frutos de

tal maneira visíveis que já não poderiam mais ser ignorados pela sua alta hierarquia institucional. Como caracterizar tal mudança de atitude ainda é uma questão a ser melhor desenvolvida.

Voltando aos moradores do Assentamento II de Sumaré é possível realizar algumas considerações sobre este assunto. Quando retomamos a história do grupo envolvido na luta inicial pela posse da terra, seus conflitos com as autoridades, com os moradores da região, com os próprios membros do assentamento, encontramos a presença dos elementos religiosos. Lembrando novamente do poema de Dona Tereza temos alguns destes elementos claramente definidos, em palavras reveladoras de uma certeza na proteção pela fé que os movia, as orações realizadas, como nos diversos momentos onde afirma andar “com fé em Deus e Jesus no coração,” ou ainda “Quando Deus deixou a terra não deixou a escritura nem pra Maria e nem pro João...”, afirmando que todos rezavam juntos pedindo forças para agüentar a luta, proclamando em aspecto vitorioso: “Então nós enfrentou com fé e coragem no coração”.

Todo o poema revela a importância da fé, conforme a descrição emocionada de Dona Tereza, na luta pela formação do Assentamento II, mas aqui procurei ressaltar somente os trechos que falam diretamente sobre temas religiosos. Não se tratava para Dona Tereza de uma relação de troca com o seu Deus, na qual ela entrava com a fé cega esperando pela retribuição em forma de proteção. Era muito mais forte do que isto. Era a certeza de estar seguindo a vontade divina, de estar travando o bom combate, para utilizar uma imagem fortemente cristã. Considerando a hipótese que estivéssemos diante de uma relação de troca, um favor pessoal pela devoção absoluta, teríamos algo desconcertante no depoimento de Dona Tereza, que é a constatação de que a desocupação foi efetuada pela polícia, conforme também é relatado no seu poema, com a destruição de toda a estrutura do acampamento.

Não é somente o poema que confirma a expulsão do grupo II de Sumaré da primeira área ocupada, mas os demais relatos obtidos durante as entrevistas, bem como diferentes textos que

trataram sobre a questão dos assentamentos dos sem-terra, alguns dos quais já citados neste trabalho. Considerando-se que havia somente uma relação de troca em jogo este teria sido o momento de ruptura com tal acordo, quando uma das partes não teria cumprido as suas obrigações, permitindo que a outra se sentisse livre para abandonar o pacto. Mas a religião cumpria um papel maior do que este na trajetória da luta. Era o molde de toda uma forma de encarar a realidade que os cercava, definia o seu histórico de vida até aquele momento, revelando um paralelo com uma história sagrada, do povo Hebreu, apontando para o caminho futuro, de cumpridores dos desígnios divinos. Certamente poderíamos pesquisar o Assentamento II de Sumaré e encontrar pessoas com uma postura diferente da agora descrita, mas isto somente revela os diferentes desdobramentos da história destas pessoas: a desistência de muitos pelas dificuldades do trabalho na terra; a entrada de novos moradores, não participantes do movimento original, normalmente com experiências religiosas diferentes; além do conflito com o padre da região. Teríamos ainda que procurar dentro do grupo original os participantes efetivos das atividades de formação, que realmente procuravam tomar parte das decisões do grupo. Muitos preferiram fugir para o mato quando surgiram as primeiras dificuldades. Os que ficaram eram impulsionados por algo mais do que a coragem necessária para enfrentar as tropas de choque da polícia. Acreditavam ser uma luta mais do que justa, era a vontade divina sendo concretizada. Mesmo não estando atualmente todos engajados com a mesma vontade nas atividades religiosas do grupo outros motivos podem ser encontrados. A religião como mercadoria estaria entre eles? Para alguns casos certamente. Mas não são estes que compõem o quadro geral mais amplo. É preciso perceber primeiramente que este já é um assentamento antigo, muitos dos seus conquistadores já são senhores e senhoras de idade, sendo o grosso dos demais moradores aqueles que chegaram depois da luta, muitos destes parentes em algum grau dos membros originais da comunidade. Também é fato que muitos dos moradores mais antigos já morreram,

nem sempre deixando os seus lotes para algum parente, situação na qual o mesmo é repassado para uma nova família. Daí carecer de precisão as afirmações de caráter muito amplo partindo de uma observação geral sobre a realidade do assentamento hoje, pois esta é permeada de subjetividades que precisam ser cuidadosamente analisadas, para então chegar-se a uma definição que também considere o processo histórico de mudanças do grupo.

Portanto o Assentamento II de Sumaré que existe hoje não é o mesmo de quando ele foi fundado. Muitas experiências foram acumuladas, positivas e negativas, que reforçaram certos laços e enfraqueceram outros, pessoas entraram e saíram do grupo, os lotes ficaram pequenos para os seus moradores, obrigando muitos a procurar trabalho nas cidades vizinhas, utilizando o assentamento como dormitório. Este último aspecto é o caso principalmente dos mais jovens, nascidos dentro do assentamento, ou dos familiares que ali vieram viver depois da conquista, ou mesmo dos netos de um morador. Assim ocorre com o filho de Dona Tereza, Ciro, que trabalha na cidade mas estava construindo uma casa no lote da mãe, para onde iria se mudar depois da realização do seu casamento. O filho mais velho do Sr. Sidiney é casado com Maria e trabalha na cidade como mecânico, enquanto ela cuida do lote com a ajuda das filhas do casal. Os demais filhos do Sr. Sidiney também moram no seu lote. Podem ser considerados no mesmo caso o presidente e o tesoureiro da associação, Luiz e Luiz Sinésio, que participaram muito novos do processo de conquista da terra, mas agora estão construindo suas residências individuais, onde irão viver com as famílias que constituíram, mas dentro dos lotes originalmente designados para os seus pais. Na continuidade deste processo, que ocorre com outros moradores além dos aqui mencionados, podemos perceber a repetição de certos elementos da história de saída do meio rural para o urbano, a qual afetou a vida daqueles que lutaram pela formação do assentamento, começando agora a interferir com as perspectivas futuras dos seus filhos e netos, na medida em que os lotes não serão mais capazes de fornecer o sustento para todos. Acrescentando-se a este

fato as dificuldades próprias do trabalho agrícola, com sementes, adubos, cuidados com as pragas, problemas de transporte e comercialização, falta de financiamento na época apropriada, tudo contribuindo para a repetição do quadro clássico do meio rural brasileiro, que é a busca por melhores oportunidades no meio urbano. Muitos tentam evitar tal quadro adquirindo outros lotes, através das novas áreas vizinhas concedidas ao Assentamento II, depois logicamente de outro processo de reivindicação, mas é uma possibilidade limitada, uma vez que tais lotes também são disputados por pessoas de fora do grupo de moradores, ainda em processo de conquista da terra.

Não seria possível procurar as respostas às questões que orientaram este projeto de mestrado da simples observação do grupo de assentados. Para tentar perceber como a religião, especificamente a Católica, esteve envolvida no estímulo ao movimento dos sem-terra de Sumaré, dando-lhe um sentido de promessa divina, servindo como sustento do grupo nos momentos difíceis, é necessário conversar com os moradores mais antigos, do grupo inicial, tarefa nem sempre fácil, pois muitos passam os dias trabalhando no lote ou comercializando seus produtos. É evidente que os moradores mais recentes não participaram das reuniões da comunidade de base, do projeto da horta comunitária, da luta pela conquista da terra, das primeiras tentativas de trabalho na área conquistada, além dos diversos conflitos que ocorreram em todos estes anos, não possuindo nas suas vidas a mesma influência do trabalho feito dentro da perspectiva da Teologia da Libertação, lembrando que muitos não são católicos, mas de igrejas de denominações evangélicas, pentecostais ou neopentecostais. Neste ponto recorro a seguinte citação de Ivo Poletto:

‘O que ocorre é que parte significativa de nossa população vive a contradição da terra e as demais contradições sociais com uma motivação cristã, com uma vivência religiosa. Daí a necessidade de se fazer um aprofundamento para que a fé leve os cristãos ao enfrentamento político, e a luta política seja, ao mesmo tempo, uma explicitação de sua fé.

E que façam a luta política em conjunto, fraternalmente, com todas as pessoas que tenham as mesmas necessidades e aspirações, sem fazer proselitismo religioso.”⁹⁶

O fato de que os moradores iniciais do Assentamento II continuem denominando-se católicos encontra muitas possíveis explicações, as quais necessariamente precisam ser reforçadas por outras informações, que somente podem ser colhidas em novas entrevistas. Cabe aqui analisar as primeiras informações obtidas. A citação de Poletto, permeada de um fervor militante, na medida em que afirma a necessidade do aprofundamento da fé como mecanismo de enfrentamento político, esclarece alguns pontos da questão religiosa e os movimentos de luta pela terra. Refiro-me à afirmação da realidade do meio rural brasileiro sempre ter sido marcada pela presença da religião, especialmente a católica, sendo importante lembrar da seguinte passagem de Antônio Cândido, falando sobre a formação dos bairros rurais:

“Ao lado, e freqüentemente em lugar dessa prática centralizada pela vila, há a série considerável de práticas que têm por universo o grupo rural de vizinhanças. Sob este aspecto poderíamos definir o bairro (o que foi feito há pouco sob o aspecto econômico) como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais. Quer os mais amplos e organizados, geralmente com apoio na capela consagrada a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos, assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades.”⁹⁷

⁹⁶ POLETTTO, Ivo. As Contradições Sociais e a Pastoral da Terra. In: PAIVA, Vanilda (org.). **Igreja e Questão Agrária**, São Paulo: Loyola, 1985. Pág. 135.

⁹⁷ CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**, 7ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1987. Pág. 71.

A referência ao bairro rural, funcionando através de uma rede que envolve o trabalho, particularmente o auxílio nos momentos de dificuldades, e a religião, promovendo a união dos vizinhos nas datas festivas, remete-nos a um momento anterior da vida dos envolvidos com a luta pela formação do referido assentamento. Seria a indicação da experiência do trabalho com a terra que já possuíam, reafirmada em todas as entrevistas, o tipo de vida que foram forçados a abandonar para irem tentar a sorte nas cidades. Também reforça outra afirmação comum para os entrevistados, de que foram criados dentro do catolicismo, a religião dos seus pais e que continuam a seguir. Dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) a mística, forma como denominam as práticas religiosas que desenvolvem, possui um papel essencial, não somente mobilizando para a luta como reforçando os laços que mantêm as pessoas na mesma, organizando também a vida dentro dos assentamentos, pois reforça os valores que devem ser comuns para os seus membros, sendo neste caso predominantemente os apregoados pela religião católica, conforme podemos observar neste trecho de uma entrevista, publicada em forma de livro, de João Pedro Stedile à Bernardo Mançano Fernandes:

‘BERNARDO: A mística é uma prática que o movimento desenvolve. De certa forma, é seu alimento ideológico, de esperança, de solidariedade. A mística, para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente. Está certa essa interpretação?’

JOÃO PEDRO: Está, mas ela é mais do que isso. Até por influência da Igreja, tínhamos a mística como um fator de unidade, de vivenciar os ideais, mas, por ser uma liturgia, vinha muito carregada. Com o passar do tempo – tudo é um processo de construção – fomos nos dando conta de que se tu deixas a mística se tornar formal ela morre. A mística só tem sentido se faz parte da tua vida. Não podemos ter momentos exclusivos para ela, como os Congressos ou Encontros Nacionais ou Estaduais. Temos de praticá-la em todos os

eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento, queremos que esse sentimento aflore em direção a um ideal, que não seja apenas uma obrigação. Ninguém se emociona porque recebe ordem para se emocionar; se emociona porque foi motivado em função de alguma coisa. Também não é uma distração metafísica ou idealista, em que todos iremos juntos para o paraíso. Se for assim, então vamos chorar, como se faz em muitas seitas religiosas. Já os carismáticos, estes usam a mística para um ideal inalcançável. No caso, ela não se sustenta, da mesma forma que esse movimento carismático não dura a vida inteira. As pessoas se dão conta do engodo, que pode durar até 20 anos ou 30 anos, mas não sobrevive na história da humanidade. Diferentemente, fomos construindo maneiras de fazer mística a partir de uma maior compreensão. Antes só imitávamos: “A Igreja usa determinada liturgia mística para manter a unidade em torno do projeto do Evangelho”. Quando forçávamos a cópia, não dava certo porque as pessoas têm de ter o sentimento voltado para algum projeto. A partir dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas.”⁹⁸

A análise de Stedile revela as duas faces da vivência religiosa dentro deste movimento social. Primeiramente ele afirma que a mística deve fazer parte da vida do indivíduo, não podendo ser relegada a um plano secundário, no qual ficaria arquivada para ser utilizada em ocasiões especiais, é preciso que seja a expressão de um sentimento, o ideal transformador defendido pelo movimento como um todo. Neste aspecto ele remete diretamente à questão própria da esfera religiosa, entendida como algo que fornece um sentido à vida do crente, uma explicação aos seus problemas mas também uma fonte de inspiração para as soluções. Em segundo lugar vem justamente a possibilidade de transformação que a mística pode representar,

⁹⁸ STEDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente — A trajetória do MST e a luta pela**

orientando as suas práticas para um ideal concreto de ação, não para um fim metafísico. É quando a religião vai encontrar seu espaço na vida cotidiana do indivíduo, na medida em que é através dela que este consegue compreender o alcance das propostas do movimento, é a motivação da sua fé estimulando-lhe a permanecer na luta, pois além do aspecto de justiça social defendido também se incorpora uma noção da “Vontade Divina”, colocada ao lado do excluídos da sociedade capitalista contemporânea. A junção destas duas faces da mística religiosa produz a união necessária ao grupo, para que se organize, faça a primeira ocupação, resista e comece a trabalhar coletivamente na terra que for conquistada. O ideal do movimento é expresso através da linguagem religiosa, mas dentro das características próprias da religião católica, não de maneira meramente utilitária, mas como parte do sentido da interpretação que os agentes envolvidos nesta luta fornecem às suas próprias crenças. Este último ponto deve ser reafirmado considerando-se o seguinte fato, já discutido aqui em outro momento e ressaltado no início da fala transcrita de Stedile, que é justamente a influência marcante da Igreja dentro deste movimento, de instituição presente na origem da sua organização, sendo que no caso em discussão nesta pesquisa os grupos foram formados, do Assentamento I e do Assentamento II de Sumaré, dentro das comunidades de base da Igreja Católica, lideradas por seminaristas e alguns padres da região, em atividades cotidianas executadas nos bairros. A religião não foi incluída dentro do movimento como um fator facilitador da sua atuação, ela faz parte da sua “gênesis”, fornecendo inclusive os seus primeiros quadros de dirigentes. A maneira atual de lidar com a religiosidade nos grupos de formação, acampamentos e assentamentos revela a disposição para o ecumenismo, apesar das críticas feitas à certas denominações religiosas⁹⁹, mas onde todos são aceitos desde que partilhem

terra no Brasil, 1ª ed., São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. Págs. 130 e 131.

⁹⁹ No texto citado anteriormente Stedeli está criticando especificamente os movimentos carismáticos católicos. Mas em outra entrevista, que pode ser encontrada em ALTMAN, Breno, BRENER, Jayme & ARBEX, José. *João Sem-terra. Atenção*, n. 06, p. 06-13, 1996, ele afirma que o MST não gosta muito do discurso das Igrejas Evangélicas, identificadas com uma pregação de conformismo e imobilismo.

do ideal identificado como o maior: a busca coletiva pelo fim da miséria e da fome, através da conquista da terra.

Dentro do assentamento o ecumenismo possui o sentido da aceitação das diferentes crenças religiosas, posição que acaba levando à necessidade de se conviver com posturas diferentes sobre o projeto inicial de trabalho coletivo na terra. Este é um fato entre os moradores, os que chegaram depois da luta são seguidores de denominações pentecostais, possuem outra perspectiva para o trabalho com a terra, onde ao mesmo tempo em que ajudaram todo o grupo no início da fruticultura, não participam das atividades da cooperativa, nem das reuniões do grupo. Cada família cuida do seu próprio lote, isolados, sem se intrometerem nos assuntos coletivos, conforme afirmado por Luizão:

“A gente sempre respeitou aqui todas as religiões. No início eram poucas, só tinha uma Adventista do Sétimo Dia e uma Assembléia de Deus, mas tem muitas outras religiões aí. A gente convive né, é tranquilo com eles né, cada religião tem a sua particularidade mas a gente respeita eles né. Hoje tem os adventistas, a família do Seu Alfredo, é uma questão da igreja o sábado pra eles, eles guardam, então todo mundo respeita, ninguém vai lá questiona o dia, vai lá bater palma que ele não atende. Então o pessoal aprendeu a respeitar isso daí, então já sabe o Seu Alfredo, se tem uma festa de sábado, alguma coisa, não adianta contar, tem que respeitar a religião dele. A gente sempre soube conviver com isso. Ano passado mesmo quando teve a festa de quinze anos (do Assentamento II de Sumaré) fez a, como é que chama? Celebração ecumênica né. Várias religiões, então todos os pastores de outras igrejas, né, das igrejas aí das pentecostais vieram, fez junto com a gente o culto ecumênico né, a gente sempre fez questão né de resguardar. E tem hoje a comunidade católica, tá fundada né, (...) e tem a comunidade de base, Divino Espírito Santo, todo domingo os cristãos se reúnem na escola para a celebração, uma vez

por mês tem a missa né. Então o pessoal nunca perdeu essa questão da religião dentro da luta da terra, nunca, sempre andou junto, a gente sempre teve orgulho.” (Luizão)

Percebe-se que a prática ecumênica no assentamento acabou indo na mesma direção da resolução dos demais problemas coletivos do grupo, aceitar as opiniões diferentes, aprendendo a conviver com elas, mesmo implicando no abandono de algumas das idéias norteadoras da organização inicial do movimento, como as que envolveriam a participação de todos os assentados. Outro elemento da fala de Luizão é a reafirmação de que a religiosidade sempre fez parte da luta do grupo, uma dimensão nunca esquecida, mesmo atualmente não funcionando com as mesmas características originais, dado não somente à diversidade de religiões ali presentes, mas também pelo fato de que houve uma mudança concreta nas características do assentamento. Tal afirmação se relaciona à observação feita anteriormente, de que os membros do assentamento são outros, os primeiros moradores continuam vivendo ali, mas suas famílias cresceram, chegaram novas famílias, com experiências diferentes, que não tomaram parte da tal ‘história oficial da luta pela terra’ deste grupo. Isto se deve a fatores sobre os quais os assentados não possuem controle, como a desistência de algumas famílias, a entrada de novos grupos conforme previsto pela lei estadual¹⁰⁰, estabelecendo a convivência de pessoas com experiências diferentes de vida, possuindo em comum apenas o histórico da vida anterior no meio rural, o qual tiveram que abandonar pela vida no meio urbano. No restante tudo contribui para o aparecimento das diferenças, pois as pessoas que participaram da organização inicial do grupo contaram com todo o trabalho dos padres e seminaristas, as experiências de mobilização e conflito com a polícia, formando o sentimento de estarem reunidos pelos mesmos valores e objetivos. Claro que isto não quer dizer, em hipótese alguma, que os moradores novos não tenham passado por grandes dificuldades até decidirem retornar para o campo. O ponto em discussão aqui é outro. Diz

¹⁰⁰ Já apresentada no capítulo 3.7., discutindo as entrevistas de Dona Tereza e seu filho Ciro.

respeito às experiências que determinaram a organização do movimento pela conquista da terra, lembrando que os moradores mais antigos receberam a cessão das mesmas no dia 18 de agosto de 1985, mas que a primeira ocupação daquela área ocorreu no dia 17 de maio, tornando necessário destacar que a já mencionada lei nº 4.957, regulamentadora da concessão de terras em São Paulo, foi publicada em 30 de dezembro de 1985, depois portanto do processo das lutas dos grupos I, II e III dos sem-terra de Sumaré¹⁰¹. Também é preciso mostrar que todos os grupos surgidos em Sumaré foram resultados das experiências dos anteriores, ou seja, o grupo I gerou o II o qual originou o III, quando um primeiro conjunto de pessoas conseguia ser assentado outro já estava se organizando para ocupar uma nova área, pois eram muito numerosos para ficarem na mesma região¹⁰². Os novos moradores não passaram por todas estas experiências, tomaram parte de outro momento, quando o Estado procurou assumir o controle do processo de reforma agrária, estabelecendo as regras para a concessão de lotes, as quais determinavam inclusive, conforme também já foi mostrado anteriormente, o pagamento de um valor previamente estipulado, pela permissão de exploração e a posterior concessão da terra, mas permanecendo o governo na posição de outorgante das mesmas. Então se percebe uma tentativa de supressão destes movimentos populares pelo Estado, naquela época através da criação de novas leis, que procuram ressaltar o papel deste para o estabelecimento de tais oportunidades de sobrevivência aos trabalhadores sem-terra, conforme determinado na seguinte passagem:

“Art. 1º – O Estado desenvolverá planos públicos de valorização e aproveitamento de seus recursos fundiários, para:

I - promover a efetiva exploração agropecuária ou florestal de terras, que se encontrem ociosas, subaproveitadas ou aproveitadas inadequadamente;

II - criar oportunidades de trabalho e de progresso social e econômico a trabalhadores

¹⁰¹ Considerando que o grupo III começou a se reunir em abril de 1985, sendo assentados em 19 de março de 1986.

rurais sem-terras ou com terras insuficientes para a garantia de sua subsistência.”

Percebe-se então que são assentados com um perfil diferenciado, provavelmente com outros objetivos em mente. Pode-se pensar estarem mais próximos da postura capitalista de trabalho com a terra, o que seria reforçado considerando-se que praticam religiões pentecostais e neopentecostais, as quais defendem mais ardorosamente idéias de progresso individual, através da Teologia da Prosperidade, doutrina que:

“...reinterpretando ensinamentos e mandamentos do Evangelho, encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros e de satisfação de desejos de consumo dos fiéis mais pobres, a grande maioria, como para a demanda (infinitamente menor) dos que almejavam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e felicidade.” (Mariano, 1999, pág. 149).

Seria um ponto que ajudaria a entender também a procura pela via individual de acesso à terra, através da inscrição em um programa oficial de distribuição de lotes rurais, ao invés de se engajarem em algum movimento coletivo, o que demandaria a aceitação das decisões e valores do grupo. Mas o ideal de desenvolvimento pessoal não é oposto à possibilidade de convivência pacífica, até de ajudar aos vizinhos, fato ocorrido com a fruticultura. Novaes, apesar de não tratar no texto que irei citar especificamente de trabalhadores rurais sem-terra organizados em um movimento social, mostrou como os agricultores católicos e pentecostais se diferenciam na sua participação política, com os segundos sempre afirmando “...seu apartamento das ‘coisas do mundo’...”¹⁰³, mas partilhando de uma postura comum:

“Há uma certa ironia que acompanha as expressões ‘tempo de eleições’ e ‘promessa de políticos’. Mas há também a consciência de que este é um tempo a ser aproveitado. É

¹⁰² Maiores informações podem ser encontradas nos trabalhos já mencionados de Tarelho (1988) e Fernandes (1999).

¹⁰³ NOVAES, Regina Reyes. **Os Escolhidos de Deus — pentecostais, trabalhadores & cidadania**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER, n° 19). Pág. 126.

neste momento que os pedidos devem ser feitos. (...) Os *ricos* precisam dos *pobres* nesta época, e desta situação conjuntural deve-se tirar proveito imediato ou a médio prazo...

A conversão à Assembléia de Deus não muda esta visão, e nem ao menos estas atitudes. Por exemplo: a festa de inauguração da instalação de energia elétrica nas vésperas das eleições, promovida pela facção que já detinha a prefeitura, foi feita na casa de um *crente*, segundo as informações porque esta casa ficava em lugar de fácil acesso.” (Novaes, 1985, pág. 127)

No trabalho de Novaes se tratava de uma comunidade de trabalhadores rurais, não de um movimento social conforme já afirmei, mas fornece algumas pistas para o entendimento da situação vivida pelos moradores do Assentamento II. Temos aqui em discussão uma situação de mudança de consciência, através do trabalho feito pelos agentes religiosos. Não quer dizer que todos os membros do grupo tenham modificado sua maneira de encarar a participação política, mas muitos realizaram tal mudança, como o Sr. Sidiney mostrou ao afirmar que antigamente as pessoas não sabiam votar, inclusive seu próprio pai, o qual indicava como o melhor candidato o primeiro a aparecer na fazenda trazendo algum tipo de presente, até mesmo uma bola de futebol, que era trocado pelos votos. O que este assentado descreveu foi a mesma prática registrada por Novaes, da troca de favores durante o período eleitoral no meio rural, quando as pessoas tentam conseguir algum tipo de benefício individual dos políticos, considerando-se ser somente durante tais momentos que eles aparecem nessas regiões. É quando o comportamento tradicional dizia ser o momento em que os pobres adquiriam importância. A concepção do Sr. Sidiney sobre a participação política foi moldada pelas suas experiências posteriores, depois que entrou para o movimento da comunidade eclesial de base, participando do projeto da horta comunitária, ajudando a fundar o PT regional, começando a trabalhar em campanhas eleitorais. Foi o trabalho realizado dentro da perspectiva da Teologia da Libertação, pelos agentes religiosos em contato

com aquele grupo, através das interpretações de leituras bíblicas, que acabaram possibilitando o desenvolvimento de um olhar crítico para a história anterior de cada um. O desenvolvimento deste olhar não foi trabalhado anteriormente com os novos moradores.

Percebe-se para o caso do Assentamento II o resultado de anos de experiência de trabalho coletivo, positivos e negativos. No aspecto positivo teríamos o processo que conduziu à formação do movimento, através das reuniões de leitura e interpretação da Bíblia, as negociações com os órgãos do governo, o estabelecimento nas terras conquistadas, a formação da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Sumaré II, chamada simplesmente de cooperativa. São experiências que fortaleceram o sentimento de unidade do grupo. Mesmo as desistências ocorridas ao longo da luta, fatores que poderiam ser desestimulantes, acabaram solidificando a união dos que persistiram no enfrentamento, pois passavam a depender cada vez mais uns dos outros. Ao falar do lado negativo refiro-me às experiências que não deram os resultados esperados, que provocaram alguns desentendimentos entre os moradores. Seriam os fatos que ocorreram após a conquista, quando a produção coletiva acabou sendo abandonada como projeto geral comum, pelos diferentes motivos até aqui expostos: o desejo que cada um possuía de regular o próprio tempo de trabalho; as dificuldades de dividir igualmente as tarefas e os possíveis lucros obtidos com a produção; os problemas particulares de cada um, entre estes a necessidade de trazer outros membros da família para viver dentro do assentamento. Temos aqui um conflito claro entre o ideal coletivo e o individual. Apesar de ambos partilharem essencialmente do mesmo objetivo, fuga da miséria, os caminhos traçados eram diversos e acabaram entrando em confronto. Produzir coletivamente implicava na sujeição a um tipo de organização do trabalho que muitos não diferenciavam da situação que haviam vivido antes, pois passava pela necessidade de estipular horários e metas a serem cumpridos, e os resultados obtidos não ficariam diretamente sob o controle de cada morador, dependendo do que fosse determinado

nas reuniões da associação. As dificuldades encontradas para comercializar a produção, de obter financiamentos para os novos plantios, eram maiores na medida em que precisavam ser feitas coletivamente, gerando um gasto maior e também a procura de um mercado que absorvesse a colheita. Inicialmente eram 36 famílias no assentamento, divididas em quatro grupos com nove famílias cada. A área do assentamento era dividida em cinco partes, uma era trabalhada por todos e as outras eram destinadas uma para cada um dos grupos de nove famílias. Foi este o sistema abandonado, optando-se pela divisão em lotes familiares.

Mesmo a experiência fracassada do trabalho coletivo demonstra o resultado da formação inicial do grupo, pois a decisão de mudar o sistema produtivo do assentamento também foi tomada conjuntamente, tendo sido identificada como uma vontade geral, que teria se processado de maneira tranqüila conforme os entrevistados afirmaram. Já disse em outro momento que este fato também revelou um projeto individual de cada assentado, o qual não estava diretamente previsto no início do processo de mobilização, quando o principal objetivo era o problema imediato do desemprego e da fome dentro do grupo. A solução deste levou ao afloramento dos demais ideais, que também se mostraram coletivos, no sentido de representarem a vontade da maioria, havendo então a opção pela produção familiar. Mesmo não sendo esta a realidade com a qual muitas das lideranças do grupo haviam sonhado, não a invalida enquanto experiência de vivência de uma prática de coletividade, na medida em que o incentivo para a ação, para o pensamento independente, acabaram conduzindo o grupo à opção individual. A aceitação desta escolha também foi um aprendizado, principalmente aos seus líderes, que mais se esforçaram para o sucesso da cooperativa, tendo que vê-la ser posta de lado depois de tanto tempo dedicado à sua organização. Foi mostrado que atualmente os moradores não encaram a associação com bons olhos, desconfiam da competência dos seus coordenadores, havendo uma grande diminuição na disposição para a participação nas atividades que ainda são coletivas, como a manutenção da

estrutura da escola do assentamento. Sobre estas observações gostaria de citar uma passagem retirada de um livreto escrito pelos membros da associação, pouco tempo depois do assentamento ser formado:

‘Parece que às vezes as pessoas pensam que lavrador é bobo, parece que as pessoas pensam que só porque uma pessoa não sabe ler, ela também não sabe pensar, que ela não tem valor nenhum para a sociedade.’¹⁰⁴

Mais adiante no mesmo texto:

‘Como a gente não aceitou a proposta a imprensa caiu de pau (sic) em cima da gente, dizendo nós tava (sic) sendo usado por políticos, mais uma vez parece que as pessoas pensam que trabalhador rural é bobo, mas o que a imprensa fez foi “queimar” a gente junto a opinião pública, assim as ajudas em alimento começaram a escassear e como a gente tava (sic) acampado sem produzir a gente ficou sozinho.’ (Pág. 09)

Nas duas passagens os assentados estavam comentando o processo de negociação da área onde hoje é o assentamento com a Ferrovia Paulista Sociedade Anônima (FEPASA), a qual primeiramente tentava afirmar que aquelas terras já estavam destinadas para a construção de um terminal graneleiro, escondendo o fato de que na verdade este já existia em uma região próxima à disputada¹⁰⁵. Na segundo foi a tentativa da empresa de acabar com o grupo, oferecendo emprego como cortadores de eucalíptos, pelo qual receberiam um salário mínimo e uma casa para morar, pagando um aluguel no valor de 18% do salário ganho. O grupo seria dividido, para trabalhar em diferentes áreas dos bosques da FEPASA. A manobra foi percebida, ainda mais considerando que muitos não conseguiriam passar no exame médico admissional exigido, pois eram velhos ou doentes, somando-se ao fato de que outros já haviam tentado arrumar um emprego na empresa

¹⁰⁴ Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Sumaré - II. **“Terra não se ganha, terra se conquista” – A caminhada do movimento dos sem-terra de Sumaré II**, mimeo. Pág. 05.

¹⁰⁵ O terminal estava abandonado, sendo apenas questão de colocá-lo em funcionamento.

antes do movimento ser organizado, mas não conseguiram nada, agora repentinamente surgiam vagas para todos. Os membros do grupo sabiam realmente o que desejavam: terra para plantar, acabando com o problema da fome, do desemprego e da moradia. Tal postura não mudou. Quando chegou o momento revelaram a expectativa de trabalharem por conta própria nos lotes, depois das tentativas fracassadas de produção coletiva. A formação que tiveram foi realmente fundamental em todo o processo.

Conclusão

Terminar um trabalho traz uma sensação ambígua de alívio e de frustração. Primeiro sentimos o peso da responsabilidade diminuir, conforme nos damos conta que tudo está chegando ao fim. Mas logo ressurge a percepção do muito ainda por ser feito, de que justamente no momento em que as nossas idéias começam a encontrar um caminho coerente de expressão precisamos encerrar o trabalho. É como ter que finalizar um quadro, somente para cumprir o prazo da sua entrega, no auge da inspiração, quando o pintor descobriu o caminho a ser seguido entre a composição das cores, do desenho e das expectativas do cliente. Faz-se então urgente colocar um fecho em todas essas reflexões, levando à necessidade de se retomar alguns pontos, fundamentais para o projeto de pesquisa, e também algumas observações e hipóteses que foram desenvolvidas.

A premissa teórica desta pesquisa procurou relacionar alguns conceitos de três autores principais, Gramsci, Weber e Berger, tanto como suportes para os meus próprios conceitos, como para refutar certos pontos de vista, principalmente os que limitam a visão da esfera religiosa às ações de reprodução institucional da Igreja Católica, fixando a postura meramente mercadológica dentro de qualquer medida tomada por estas instituições. Comecei discutindo as afirmações de Gramsci que procuram prender a atuação da Igreja, principalmente a católica, à manutenção da ordem política vigente, desde que garanta a sua influência junto ao povo, chegando a afirmar que toda mudança realizada por alguma corrente, não detentora de poder institucional, acaba sendo absorvida pela ordem hierárquica, como estratégia de manutenção da unidade. Minha crítica afirma que tal posicionamento, limitado ao contexto italiano que o autor analisava, nos faz perder a perspectiva da transformação que os indivíduos podem realizar, pois supõe que os agentes religiosos sempre irão optar pelas determinações da instituição. Neste sentido ressaltai a

participação dos seminaristas e das noviças na formação do grupo do Assentamento II, mostrando os conflitos que tiveram com seus superiores, representantes regionais da hierarquia católica com sede em Roma, levando a grande maioria destes agentes religiosos a abandonar a vocação religiosa. Tais conflitos não terminaram depois destes episódios, essas pessoas ainda sofreram a hostilidade do padre da região, ressaltada pelas lembranças dos entrevistados, uma situação que somente melhorou com a vinda de outro padre para a paróquia de Sumaré, alguém que também havia participado, de maneira menos intensa, da formação do grupo, conhecido por todos ali. Tais observações não tinham o objetivo de invalidar as análises feitas por Gramsci sobre o caso da Itália, apenas procuravam relativizar tal postura interpretativa para o caso brasileiro, adotada por alguns autores.

Gramsci admira a capacidade da Igreja Católica de assimilar diferentes tendências, algumas diametralmente opostas, no seu interior, mantendo a aparência de unidade. Mas ele acredita que tal virtude também escondia a sua maior fraqueza, justamente a incapacidade de lutar contra forças que atuem de maneira organizada, levando aos movimentos que romperam com a tão propalada unidade católica, como seria o caso da Reforma Protestante. Para o autor a ação que garante a reprodução desta instituição seria a educação, na formação de escolas e universidades, voltadas para o ensino não somente das ciências, mas da própria doutrina cristã. Gramsci acredita firmemente que toda ação da Igreja visa sua manutenção institucional, mesmo quando ela se opõe ao Estado seria pelo fato deste se configurar, conforme as especificidades do momento, como um entrave aos seus interesses. Por isto foi afirmado que a maior contribuição deste autor seria sobre o conceito de hegemonia, como esta é conquistada, e o de intelectual orgânico. Agora é possível salientar a utilidade destes conceitos, uma vez que já foi apresentada e discutida a história do Assentamento II de Sumaré. Percebemos na formação do grupo a atuação de diversos destes intelectuais, trabalhando junto com as massas, envolvidos diretamente na

organização da luta popular, fornecendo modelos de interpretação da realidade. A particularidade foi a maneira como implantaram um projeto único, conquistando a hegemonia através dos valores comuns para todos os envolvidos, agentes religiosos ou leigos, que seria justamente a formação católica na qual foram criados. Partindo dos elementos comuns foi possível elaborar uma nova interpretação, orientada pelos agentes religiosos, cumprindo seu papel de intelectuais orgânicos, os quais revelaram a possibilidade da leitura direta dos textos bíblicos, aspecto em certo sentido muito mais forte do que a interpretação fornecida aos conteúdos discutidos, já que para muitos era o primeiro contato direto com o livro sagrado católico. Durante as reuniões de discussão era como se finalmente estivessem descobrindo o sentido maior da religião professada por toda a vida, realmente como uma novidade, já que antes estavam limitados aos folhetos distribuídos durante as missas. O projeto se tornou hegemônico para o grupo, pois representava os anseios coletivos, não somente os dos seus dirigentes¹⁰⁶, principalmente pelo fato de que o desemprego, a falta de moradia, a fome, a miséria, eram sentidos pelos agentes leigos, moradores dos bairros, pois os seminaristas e padres envolvidos não passavam por tais necessidades dentro das suas ordens religiosas. Neste caso os agentes religiosos, aqui encarados como cumpridores do papel do intelectual, estavam dando uma ordenação ao projeto indeterminado de transformação social existente, ainda que desconhecido pela grande maioria, na forma do sentimento impulsionador da tomada de alguma atitude para modificar aquela situação de carência total.

Entramos então na perspectiva weberiana, pela qual foi afirmado o papel central da atuação da Igreja Católica na formação do movimento inicial de conquista da terra, fornecendo todo o sentido da sua organização, através da compreensão de que a religião transfere a sua hierarquia própria para a estrutura da comunidade que a sustenta, assim como as suas interpretações sobre a realidade humana, levando o grupo a enxergá-la através da doutrina

¹⁰⁶ Conforme a concepção gramsciniana, de que tal projeto hegemônico seria imposto às camadas populares, na

religiosa que professam. Neste sentido foi novamente reafirmado o papel central das discussões bíblicas, tomando contato com uma outra interpretação da história do povo hebreu. Utilizei a concepção de “ação comunitária”, para enfatizar o processo de união dentro do grupo, que não estava centralizado na figura de uma liderança carismática, mas em uma noção de atuação conjunta, onde cada um assumia a responsabilidade pelo todo, pelos companheiros. Evidentemente que algumas pessoas acabaram se destacando mais do que outras, mas isto ocorria pelas características individuais de cada um, como a capacidade de argumentação diante das autoridades, a iniciativa para executar as tarefas necessárias, não se tratando de um movimento que segue um líder carismático, no qual este se coloca como o possuidor das verdades. O caminho era discutido coletivamente, ainda que houvesse a presença de coordenadores estes somente cumpriam o papel necessário de organizar as reuniões, articular as demandas e propor a votação ao final de tudo. Um outro aspecto discutido, partindo da análise weberiana sobre a esfera religiosa, foi o tipo de religiosidade vivida pelas camadas camponesas, que por dependerem grandemente das condições naturais para a obtenção do seu sustento, desenvolveriam uma religiosidade ética rigorosamente formalista. A religiosidade dos trabalhadores sem-terra de Sumaré partia de uma nova maneira de interpretar a doutrina tradicional da Igreja Católica, passando pela influência da Teologia da Libertação, de tal maneira que acabaram construindo uma outra forma de expressão da sua fé, que os diferencia essencialmente das comunidades nos meios urbanos, como se estivéssemos presenciando outro rompimento dentro da Igreja Romana. Só que jamais houve o projeto de realizar mais uma ruptura como foi com a Reforma Protestante. O grupo permanece se denominando católico e procurando o apoio de um padre para as suas atividades religiosas. Desenvolveram um tipo de religiosidade ética, fundada na certeza de que estão cumprindo os desígnios sagrados da Vontade

medida em que certo grupo conseguisse transformar seus projetos particulares na vontade geral.

Divina presente nas Escrituras, como se fossem os novos mandamentos. Destaquei que o aspecto simbólico, ritualístico, ainda deixa seu traço, em atitudes como a da menina Luciana que entregou o pão ao soldado, esperando conseguir evitar o despejo, repetindo um gesto bíblico, de partilhar o alimento, imagem que remete ao ritual católico da comunhão. A intenção da minha observação era apontar a proximidade com um outro tipo de maneira de encarar a religião, em que esta era entendida como promessa de salvação, articulando a vivência anterior com a nova interpretação dada aos textos bíblicos. Enfatizo que se o gesto da menina não impediu o despejo pelo menos evitou que este ocorresse de maneira violenta. Os que não partilhavam da mesma certeza, da mesma fé, abandonaram a luta, sendo necessário lembrar novamente da imagem dos que literalmente correram para o mato, conforme as recordações do Sr. Alcindo.

A participação das mulheres na organização do grupo foi de grande importância, em muitos casos sendo necessário enfrentar até mesmo a resistência dos familiares, aspecto que se encaixa em um dos elementos marcantes da religiosidade das camadas negativamente privilegiadas definidos por Weber. Mas acentuei que tal fato não implicou na redefinição dos tradicionais papéis de gênero, pois as mulheres assentadas acumulam também uma dupla ou tripla jornada de trabalho, ajudando a organizar a luta ao mesmo tempo que cuidavam da alimentação de todos, trabalhando com a terra e na comercialização dos produtos, mas ainda realizam todo o trabalho doméstico, inclusive o cuidado com as crianças.

O terceiro referencial foi retirado de Berger, partindo-se da definição do lugar da religião na sociedade moderna, a qual estaria limitada à esfera familiar, uma vez que viveríamos em um mundo onde as instituições religiosas teriam perdido seu espaço, não contando mais com a presença defensora do Estado. Neste sentido ocorreria a configuração de um mercado religioso, no qual as diferentes religiões teriam que competir pela adesão dos possíveis fiéis, apresentando suas doutrinas como produtos para satisfazerem certas necessidades, anseios pessoais, problemas

familiares. Ressaltei ser o problema desta concepção que ela acaba limitando nosso olhar sobre a esfera religiosa, pois reduz todas as ações realizadas pelos diferentes agentes envolvidos na sua constituição a estratégias de reprodução institucional, mesmo quando Berger faz uma ressalva para dizer que não podemos questionar a sinceridade dos motivos religiosos de uma pessoa, qualquer atitude que seja tomada dentro desta esfera termina no objetivo central de vencer a concorrência, garantindo a sobrevivência do seu próprio grupo. Levantei uma série de objeções bem como de pontos que são deixados de lado pela perspectiva reprodutivista e mercadológica de análise das diferentes religiões. O fato é que encarar as ações das instituições religiosas como simplesmente voltadas para a sua sobrevivência, acaba pressupondo existir um grupo de pessoas orientando tais ações, dedicando seu tempo para analisar os aspectos a serem ressaltados em cada momento, conforme as necessidades da sociedade. Tal hipótese não ajudaria a explicar, por exemplo, a manutenção do posicionamento contrário da Igreja Católica às práticas de contracepção não naturais, ou ao aborto, em um país como os Estados Unidos da América¹⁰⁷, onde ela ocupa um lugar muito menor no quadro de adesões religiosas, que lá é marcadamente protestante. Este tipo de posicionamento estaria contrariando justamente a lógica da sobrevivência em um mercado saturado, pois não se estaria indo ao encontro dos anseios da maioria da população, ainda mais em tempos de Aids. A explicação para a manutenção destas posturas pela Igreja Católica, não somente nos EUA mas em todos os países do mundo, se encontra nos elementos da sua doutrina, na forma como interpreta os textos bíblicos. Ela define toda uma moral, modos de agir, que procuram estar em conformidade com os elementos centrais da fé que defende, contrastando com as posturas defendidas pela sociedade moderna. É justamente o seu conteúdo propriamente religioso, conforme afirma Weber, da revelação e da mensagem específica que traz, ordenando os valores, a ética, estabelecendo dogmas e crenças.

¹⁰⁷ O mesmo país que Berger observa em suas análises.

Outro ponto da minha argumentação foi o de procurar mostrar que, como instituição, a Igreja Católica não se diferencia das características definidas como necessárias para todas elas, conforme apresentadas por Weber. Precisa de uma estrutura administrativa hierárquica, capaz de coordenar as suas ações em âmbito mundial, conduzindo à necessidade de obter recursos financeiros, fundamentais a concretização de qualquer tipo de atividade dentro da sociedade capitalista dominante espalhada pelo globo, tais como o pagamento de passagens para as realizações de missões em diferentes regiões, citando apenas o elemento essencial deste tipo de ação, sem falar da manutenção biológica indispensável a cada ser humano, garantida essencialmente com a compra de alimentos. No aspecto institucional não podemos esperar que a Igreja se diferencie de qualquer outra organização, pois aquilo que a torna singular é sua pertença a outra esfera da vida social, a religiosa, cujas características não podem ser simplesmente colocadas no segundo plano de qualquer pesquisa que procure estudá-la.

Na análise das entrevistas realizadas procurei deixar claro como minha postura teórica e metodológica se adequam. Ressaltava na introdução deste trabalho a importância da motivação inicial a toda pesquisa, que deveria então ser encaminhada de maneira científica, seguindo os padrões estabelecidos. Afirmei a necessidade de não encararmos as pessoas entrevistadas como “objetos de estudo”, mas sim como “agentes”, pois eles protagonizaram os eventos que estamos colocando em foco. As análises das entrevistas procuraram justamente obedecer este critério, ao mesmo tempo em que forneciam subsídios para o debate teórico, visando justificar os posicionamentos insistentemente defendidos ao longo do texto. Acredito ter ficado demonstrado o papel essencial dos agentes religiosos para a formação do Assentamento II de Sumaré, quer seja como militantes ou organizadores dos encontros da comunidade eclesial de base, coordenando as leituras e discussões dos textos bíblicos. A Teologia da Libertação foi de fundamental importância, destacada por todos os ex-membros de ordens religiosas entrevistados, pois indicava

a necessidade do trabalho junto aos mais necessitados, ajudando-os a se organizarem, procurando alternativas para o atendimento das suas necessidades, dando outra dimensão interpretativa aos textos contidos na Bíblia católica.

Um aspecto importante na história do Assentamento II, para esta pesquisa, foi a afirmação dos membros que participaram da conquista da terra, definindo-se como católicos, ressaltando a formação familiar dentro desta religião. A permanência do grupo original como fiéis às crenças católicas foi uma questão fundamental, pois serviu para ressaltar os efeitos do trabalho realizado com o grupo, não simplesmente como estratégia de sobrevivência de uma instituição, mas fornecendo outra perspectiva às suas vidas, literalmente alterando o seu rumo. Mas este fato não quer dizer que as pessoas simplesmente se adequaram a um plano traçado pelas lideranças do movimento. A autonomia incentivada na leitura dos textos bíblicos surtiu outros efeitos, como os conflitos que acabaram levando ao abandono do cultivo coletivo nos lotes. A realidade do Assentamento II hoje é muito diferente do seu início. As antigas lideranças continuam sendo referências, principalmente para receber os frequentes visitantes, mas também por ainda tentarem organizar as atividades que permanecem sendo de interesse coletivo, como: a manutenção da escola, a distribuição de água e a chegada das linhas telefônicas. Entretanto prevalece a autonomia de cada família, quer seja no comparecimento às atividades e celebrações comuns, como na plantação e comercialização dos produtos. A presença institucional da Igreja ocorre através da ida mensal do padre para a missa rezada na comunidade, somente depois dos muitos conflitos aqui contados, solucionados pela chegada de alguém que esteve envolvido com a luta inicial do grupo. O fato reforçou a noção das diversas tendências internas da Igreja Católica apresentadas por Löwy, já que todo o problema terminou com a chegada de outro representante da mesma instituição, de postura mais aberta aos assentados. Mas a chegada do novo padre não foi consequência deste conflito, pois na comunidade de Sumaré tal conflito não possuía grande

importância. O que houve foi uma nova designação para o antigo padre, que subiu dentro da hierarquia religiosa católica, determinando sua transferência para outras funções, tornando necessária a vinda do novo pároco. Mas isto não assegurou que todos os moradores passassem a freqüentar regularmente as celebrações, conforme destacado na análise das entrevistas, onde muitos assentados, particularmente os homens, revelaram não serem assíduos nos encontros realizados. Destaquei que mesmo sem o apoio do padre o trabalho das antigas lideranças continuou dentro da fé católica, mantendo vivas as práticas de leituras bíblicas, das orações, uma perspectiva na qual a religião é encarada como algo maior do que a instituição a organizá-la ou os seus representantes oficiais.

A postura analítica adotada nesta pesquisa implica em considerarmos aquilo que a esfera religiosa pode nos dizer sobre ela mesma, partindo das suas características principais. Neste sentido cito o seguinte texto, do teólogo Alfonso García Rubio¹⁰⁸:

“Se a teologia deve dizer a sua palavra própria sobre o ser humano, é porque a imensa riqueza de conhecimentos sobre o homem acumulada pelas diversas ciências antropológicas não diz e não pode dizer *tudo* sobre o homem. As ciências humanas respondem sempre parcialmente, como é próprio do método científico, à pergunta sobre o ser humano. Existem outras dimensões da realidade humana que possuem também a sua própria inteligibilidade, diferente daquela meramente científica. A mesma coisa deve ser afirmada a respeito da razão filosófica com a sua capacidade para superar a fragmentaridade do conhecimento científico sobre o ser humano, obtendo uma visão metaempírica do mesmo.” (Rubio, 1989, pág. 65).

Manter-se aberto para enxergar diferentes possibilidades de interpretação também não deve ser o papel do cientista? Não quer dizer haver a necessidade de assumir o discurso religioso

¹⁰⁸ RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, São Paulo:

como verdadeiro, mas é preciso reconhecer as suas especificidades e o fato de estarmos diante de algo mais do que um produto oferecido em um mercado competitivo, principalmente quando constatamos ser a busca por estas explicações uma necessidade perene dos seres humanos ao longo da história. Também não fica descartada a existência de uma mercantilização da religião, mas este processo ocorre dentro de uma esfera que possui grande diversidade interna. Destaco o seguinte comentário de Otávio Velho¹⁰⁹:

“Os dois rochedos que ameaçam a nau dos estudos da religião parecem ser, por um lado, o risco do estudioso, por motivo de crença, comportar-se como um “nativo” e, por outro, a falta de reconhecimento da relevância do estudo da religião ou de reconhecimento da sua irreducibilidade por parte de nosso meio secularizado.” (Velho, 1998).

Tornar-se um nativo no texto indica o processo pelo qual o pesquisador estaria perdendo a objetividade do conhecimento crítico que deve produzir, assumindo uma postura além da observação. Sobre este aspecto Velho afirma que “...o estudo da religião é terreno propício para indicar a absoluta impossibilidade, em muitos casos, de manter uma postura de mera observação.” (Idem). O outro ponto indica justamente que muitas vezes perdemos de vista o específico a ser estudado na esfera religiosa, não reduzido às características que definem as demais esferas da vida social. Acrescento a observação de que a lógica de mercado faz parte deste ambiente, mas lembrando que os desenvolvimentos das ciências também obedecem às determinações dos donos do capital, das agências financiadoras dos diferentes Estados, conforme demonstrado por Boaventura de Souza Santos¹¹⁰. Os pontos destacados por Velho estão intimamente relacionados, pois dizem respeito à possibilidade de ser totalmente objetivo em uma pesquisa com parâmetros científicos, pois se de um lado há o risco do tornar-se nativo, do outro

Paulinas, 1989.

¹⁰⁹ VELHO, Otávio. **O que a religião pode fazer pelas ciências sociais?**, trabalho apresentado na mesa redonda MR03 ‘Religião, sociedade e ciências sociais’, das VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina,

pode-se perder o essencial da observação por se estar demasiadamente preso aos parâmetros definidos pelo rigor científico, que certamente moldam a visão de mundo de quem os possui tanto quanto o fiel é moldado pela sua crença religiosa. É preciso começar por reconhecer:

“...haver, hoje, por exemplo, mais ganhos do que perdas no abandono de uma distinção forte entre reflexão e prática. E admitir que para que esse exercício de soltar as amarras intelectuais frutifique, os nossos critérios de rigor e de disciplina terão que ser mexidos.” (Velho, 1998).

Certamente esta pesquisa não é o espaço adequado para a redefinição dos critérios citados dado os seus limites, mas foi uma discussão presente em toda minha argumentação teórica, de modo que foi necessário procurar outros referenciais semelhantes¹¹¹. Na ação dos entrevistados ocorre a unificação da ação que é necessária para a sobrevivência na sociedade capitalista, através da organização da produção familiar, da busca de alternativas mais viáveis de comercialização, com a religiosidade motivadora da luta pela conquista da terra e que permanece orientando os valores individuais, os quais regulam a convivência diária dentro do assentamento. Houve uma atitude utilitarista com relação à religião por parte dos moradores, que participaram mais fervorosamente das celebrações no momento em que precisavam organizar a conquista da terra, assumindo uma atitude mais distante quando a situação familiar encontrou certa estabilidade. Mas outros moradores permanecem ativos na celebração daquela fé que os ajudou na caminhada empreendida até serem assentados definitivamente. Quais são os fatos que ajudam a explicar o distanciamento de uns e a permanência de outros? Não foi possível me deter especificamente nesta questão, o que posso fazer é indicar algumas possibilidades partindo das informações obtidas até o momento. A hipótese mais provável diz respeito ao reestabelecimento de um padrão

São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998, texto preliminar.

¹¹⁰ Ver citação no capítulo 1.3.

¹¹¹ Ressaltando algo que o próprio Otávio Velho afirmou no mesmo texto: ‘Semelhança não é nem oposição, nem

de vida tradicional, pelo menos dentro de uma sociedade tradicionalmente dominada pelos homens, que voltam a reafirmar a posição de mantenedores do grupo familiar. Ocorre então a divisão do trabalho familiar mais comum, com o homem assumindo as responsabilidades pelo sustento, fato que neste caso indica o trabalho na terra e comercialização, deixando os serviços do cuidado da casa e dos filhos para a mulher. Já foi demonstrada a ocorrência, dentro do assentamento, da também tradicional dupla, ou até mesmo tripla, jornada de trabalho das mulheres, que assumem as tarefas já mencionadas além de auxiliarem no cuidado com a terra, na comercialização da produção familiar, encontrando tempo para organizar as atividades da comunidade religiosa. Sobre esta situação ainda resta muita luta a ser travada pelas assentadas, procurando vencer as barreiras dos papéis tradicionais de gênero em nossa sociedade. As mulheres são certamente as mais participativas nas atividades religiosas dentro da comunidade, coordenando as celebrações, dando aulas de catequese para as crianças. Os homens dedicam-se ao trabalho no lote, descansando no tempo livre de que dispõem. Não quero dizer que o trabalho que executam seja leve, apenas ressalto que dedicam a maior parte do seu tempo à resolução dos problemas particulares da terra destinada para suas famílias, deixando as demais atividades aos cuidados das mulheres, inclusive as que reforçam o sentido da participação religiosa dentro do Assentamento II. Tais colocações não dizem nada muito concreto, indicam um caminho futuro à reflexão que certamente precisa ser melhor pesquisado, principalmente lembrando-se de mais um elemento desta questão, que é a continuidade da participação ativa de alguns homens nas celebrações.

Acredito existir mais um elemento a ser considerado nos comentários anteriores, que se refere justamente às minhas observações durante as visitas ao assentamento. Refiro-me ao tipo de moradia de cada um dos entrevistados, nas quais encontrei um certo padrão que é importante

identificação, mas uma *proximidade*, construída, que pode ser tanto fonte de desconforto, quanto de iluminação.”.

ressaltar. Os moradores que permanecem envolvidos com as atividades coletivas do grupo são os que possuem as residências em pior estado de conservação, algumas vezes incabadas, com quintais invadidos pelo mato. As casas melhor construídas, com acabamento inclusive de pintura, piso vitrificado, são as dos assentados que se distanciaram destas atividades comuns. Este fato é facilmente perceptível em uma visita à comunidade, pois até mesmo a aparência externa das moradias é diferenciada. Não foi possível analisar o efeito desta constatação entre os moradores, mas certamente é um elemento que revela os diferentes níveis de prosperidade ali existentes, conforme as opções feitas na divisão do tempo disponível para cada atividade, indicando também qual é considerada prioridade. A maioria colocou o desenvolvimento do bem-estar familiar em primeiro lugar, ponto revelado inclusive no momento em que abandonaram a produção coletiva, insuficiente para atingir os padrões de subsistência esperados, o qual incluía uma moradia bem acabada e a liberdade de comercializar aquilo que conseguiram plantar. O continuar a participar de todas as atividades coletivas acaba aparecendo como um sinal certo de instabilidade familiar, refletida nas condições gerais de habitação. Realmente verifiquei durante a minha pesquisa que as pessoas envolvidas nestas atividades são as que ainda possuem as maiores dificuldades na comercialização da sua produção, precisando encontrar um destino novo para esta a cada colheita. Fica claro haver, dentro do grupo, algum tipo de associação entre as dificuldades pessoais e o envolvimento no trabalho coletivo. As celebrações religiosas são parte importante destas atividades comuns e poderiam acabar sendo consideradas como mais uma distração na luta pela subsistência, fator que surtiria o efeito indireto do abandono da assiduidade entre estes assentados. É preciso registrar que tais fatos também demonstram a seriedade com que as lideranças do grupo encaram o trabalho de coordenação, dividindo o tempo escasso, restante após o cultivo, entre outras ações consideradas essenciais, sacrificando muitas vezes o cuidado da própria família. Relembro o caso de Trapolim, que dividiu as tentativas de cultivo em seu lote

com a militância sindical, ajudando a organizar diversos grupos, obrigando-o a deixar o cuidado da terra com seus filhos, que não possuíam experiência neste tipo de trabalho. Qualquer opinião que se forme a respeito desta situação reflete uma análise marcada por valores pessoais, pois como podemos dizer qual atividade é a mais importante? O sustento da família, procurando atingir um certo nível de conforto, ou dedicar-se a uma causa social, ajudando outras famílias a saírem da miséria, mesmo que isto implique em um certo sacrifício individual, mas o qual não significa estar-se abandonando os seus entes, apenas que estarão vivendo uma situação que não será tão estável quanto a dos seus vizinhos? Como pedir a um pai e uma mãe que não se dediquem integralmente ao sustento de seus filhos? Como condenar a atitude efetivamente militante de quem fica indignado com a persistência da pobreza em nosso país? Temos aqui uma mediação de valores pessoais, altamente subjetivos, nos quais entram em cena sentimentos que são despertados diferentemente em cada indivíduo diante das situações vividas e presenciadas.

De que maneira podemos encarar os valores mencionados no parágrafo anterior? São eles totalmente diferentes para cada pessoa? A resposta pode ser encontrada no retorno ao histórico da luta de formação do assentamento. A união do grupo ocorreu pela identificação de uma situação comum de carências, contando com o trabalho de pessoas ligadas à Igreja Católica, estando todos dispostos a buscar uma alternativa concreta à solução dos seus problemas. Eram fracos desunidos, sem poder para reivindicar qualquer coisa às autoridades do Estado. O estabelecimento da comunidade eclesial de base revelou a eficiência da pressão feita em conjunto, pois foi quando as realidades individuais começaram a mudar. Depois de muitas lutas conseguiram atingir aquele objetivo que se tornara o principal: retornar a viver do trabalho com a terra. Ao alcançarem certa estabilidade como grupo as diferenças pessoais começaram a ressurgir, processo que determinou a adoção da divisão familiar dos lotes. Mesmo neste fato, que levou ao abandono da proposta inicial do movimento, há um elemento da vontade comum, agora identificada justamente por

estas mudanças desejadas por todos. O projeto coletivo do momento era o de viabilizar a produção individual de cada família. Os que ainda acreditavam na idéia inicial acabaram derrotados pelas diversas dificuldades encontradas, principalmente sobre a organização do trabalho, na qual aparecia o problema do ritmo dos envolvidos, conforme as declarações colhidas nas entrevistas. A prática das decisões tomadas coletivamente prevaleceu até mesmo na mudança para o trabalho individualizado. Diante disto a provável resposta às questões iniciais deste parágrafo seria um não, de que tais valores não são tão diferentes entre os envolvidos no movimento aqui estudado, reforçada pela atitude sempre cultivada de acatarem as decisões tomadas em conjunto. Temos presente as diferenças evidentes que existem entre as lideranças e os liderados. Os primeiros carregam mais fortemente a ideologia do movimento, pois são os que obtiveram uma formação mais específica, que se interessaram mais profundamente pelas discussões realizadas no início do trabalho dos seminaristas na comunidade, assumindo um compromisso pessoal com a organização não somente daquele grupo, mas de outros que também precisassem do mesmo tipo de apoio que receberam. É o que ocorre com o discurso socialista do MST, assumido pelos seus coordenadores como uma necessidade, conforme podemos identificar no fragmento seguinte de um texto proferido em palestra por João Pedro Stédile¹¹²:

“O problema da agricultura é tão amplo e tão complexo, que evidentemente vai-se ter que levar em conta as realidades regionais. São impressionantes as diferenças regionais que existem num país continental como é o Brasil. Evidentemente que a reforma agrária vai ter que se adequar às características de cada região. Mas necessariamente ela vai ter um caráter socialista.

¹¹² STÉDILE, João Pedro, *A questão agrária e o socialismo*, in: STÉDILE, João Pedro (coordenador). **A Questão Agrária Hoje**, 2ª ed., Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1994.

Primeiro, porque ela vai ter que afetar a burguesia como um todo. Não é apenas desapropriar um latifundiário que criava meia dúzia de bois. Hoje, os grandes proprietários de terra são a grande burguesia que manda no país.(...)

O segundo motivo para que ela seja socialista é que tem que reorganizar a produção de maneira diferente, e de uma maneira que interessa a toda a classe trabalhadora. Vamos ter que discutir o que é que o povo brasileiro precisa comer, e isso é que vai ser produzido. (...) Ela passou a adquirir um caráter revolucionário –, se é que se pode dizer assim – porque ela, de um lado interessa a toda a classe trabalhadora, e por outro lado, ela atinge toda a classe que está no poder.

Então, nós imaginamos que vai ser impossível implantar o socialismo no Brasil se não fizer a reforma agrária, ao mesmo tempo que não se consegue a reforma agrária sem implantar o socialismo.” (Stédile, 1994, págs. 320 e 321).

Nenhuma liderança entrevistada durante esta pesquisa expressou desta maneira os seus ideais, nem mesmo as que depois acabaram ajudando na fundação do MST no estado de São Paulo. Há este discurso oficial, mas ele esbarra nas necessidades diárias de sobrevivência dentro de cada assentamento, deixando claro a diferença de prioridades, pois para a maioria dos que aqui chamei de liderados o principal é assegurar a manutenção do bem-estar familiar, conforme a história do Assentamento II de Sumaré deixa claro. Neste assentamento não foi possível identificar nenhum tipo de discurso sobre a necessidade do socialismo, nem mesmo entre as suas lideranças reconhecidas. O que permanece é o discurso da necessidade de transformação da estrutura social injusta do nosso país, solucionando definitivamente o problema da fome, do desemprego e da moradia, justamente apontados por Segura como as três grandes questões nacionais, às quais incorpora o acesso à educação e saúde. Os demais assentados assumem a postura de liderados, ressaltada também quando afirmavam no início de nossas conversas que não

eram os mais adequados para falarem sobre a história do grupo, indicando como fontes mais precisas os moradores identificados como sendo as lideranças do movimento. Neste posicionamento desligam-se também das atividades coletivas, pois seu papel como participantes teria chegado ao fim, cabendo aos que desempenharam a função de coordenadores continuarem com a luta iniciada, só que agora deveriam procurar por um novo grupo. No novo momento que viviam cabia-lhes a tarefa de produzir para o sustento familiar. Isto é ainda mais verdadeiro para as pessoas que também acabaram deixando de participar das celebrações religiosas dentro do assentamento, identificadas com a situação inicial de mobilização e aprendizado necessários à conquista da terra, as quais já não eram indispensáveis para a manutenção das obrigações cotidianas. Os intelectuais orgânicos do movimento continuam exercendo e sendo responsabilizados pelas mesmas atividades que exerciam quando o iniciaram.

Sobre a interferência da religião, no momento inicial da luta e na organização da vida dentro do assentamento, ficou evidenciada a presença de vários agentes, atuando de maneira diferenciada junto ao grupo. Houve os seminaristas e as noviças, influenciados grandemente pela Teologia da Libertação, que trabalharam diretamente na organização do movimento, muitos deles participando ativamente das primeiras ocupações, vivenciando também os confrontos com a polícia e as negociações com as autoridades representantes do Estado. A grande maioria acabou abandonando a vida religiosa, dedicando-se a atividades políticas e sociais, como foi o caso de Ângelo, temos também o casal Segura e Cida, que fizeram uma adesão total ao movimento, passando a viver em um lote do assentamento. Fica claro que o movimento não teria ocorrido espontaneamente, partindo de uma iniciativa da própria comunidade, pois estas pessoas não conseguiam perceber uma maneira de elaborar estratégias capazes de os retirar da situação de miséria que viviam. Muitos destacaram que estavam sem perspectiva nenhuma. Já tinham saído do campo para a cidade, dos seus estados de origem, principalmente do Rio Grande do Sul,

vieram morar no estado de São Paulo, onde acreditavam que finalmente dariam um fim à luta pela obtenção da subsistência. A ação dos agentes ligados diretamente aos valores religiosos católicos tornou possível a luta, através de um trabalho de releitura das mensagens bíblicas e da fé comum a todos. Depois houve um afastamento gradual das atividades religiosas por alguns assentados, especialmente os homens, pelos motivos aqui debatidos.

Haveria mais algum aspecto a ser destacado no final deste trabalho? Apenas reafirmo a riqueza dos estudos da esfera religiosa, cujos desdobramentos costumam pegar os cientistas sociais e demais analistas, senão de surpresa, pelo menos sem estarem devidamente preparados para observá-los. Percebendo também que esta observação das religiões acaba nos revelando muito sobre nós mesmos, os valores pessoais, familiares e de grupo que carregamos, influenciando decisivamente no direcionamento do nosso olhar. Otávio Velho fornece a seguinte possibilidade na tentativa de solucionar esta questão:

“Ao invés de extrair do exposto a noção de que diferentes culturas correspondem diferentes epistemologias, sugere um “cross-epistemological thinking” através do qual os etnógrafos podem experimentalmente usar outras epistemologias para interrogar a sua e outras sociedades. (...) E o exemplo revela o lugar central da religião, com ou sem aspas, nessas grandes questões. Revela, também, que de fato a religião pode ter muito a nos oferecer, instrumental e existencialmente. Não em face de uma essência imutável, presente desde sempre, mas em face de um momento. Um momento talvez caracterizável, de forma mais geral, como sendo de mudança profunda de paradigma societário, como quer Colin Campbell (1997).” (Velho, 1998).¹¹³

¹¹³ A referência feita por Velho é do seguinte texto citado na bibliografia do seu artigo: CAMPBELL, Colin. *A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma Nova Teodicéia para um Novo Milênio*, **Religião e Sociedade**, vol. 18, nº 1, 1997.

Meu envolvimento pessoal com a pesquisa ajudou-me a compreender um pouco a perspectiva dos agentes religiosos, pois em cada nova visita tomava contato com alguém que tinha tanto para contar sobre uma experiência concreta de transformação da condição social de um grupo de pessoas. É difícil não se deixar levar pela emoção corrente do poema de Dona Tereza. Pela persistência com que todos os moradores encaram e procuram sobrepujar as dificuldades presentes. Na forma como acataram e, apesar de todas as mudanças, ainda acatam as decisões tomadas coletivamente. Tudo tornava o exercício de objetividade exaustivo, sendo necessário empenhar-me em uma fiscalização constante.

Aos assentados entrevistados, de certa maneira também co-autores desta pesquisa, já que foram os protagonistas da história aqui relatada, fica a expectativa de levar adiante o trabalho com a terra, procurando a sobrevivência familiar nas dificuldades da comercialização diária de seus produtos. Eles permanecem divulgando aquela história que lhes foi contada, do povo de Israel, para todos que visitam o Assentamento II de Sumaré, na qual “...a perspectiva religiosa e a perspectiva política se entrecruzam continuamente.” (Rubio, 1989, pág. 406), mesmo que nem todos continuem mobilizados para as questões mais amplas, que ainda motivam a organização de novos movimentos populares, de sem-teto e sem-terras.

Bibliografia

- ALTMAN, Breno, BRENER, Jayme & ARBEX, José. *João Sem-terra. Atenção*, n. 06, p. 06-13, 1996.
- Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA). **Sem-Terra – As músicas do MST**, São Paulo: Peres, 1996.
- Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento de Sumaré - II. **“Terra não se ganha, terra se conquista” – A caminhada do movimento dos sem-terra de Sumaré II**, mimeo.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, Praça, Coração – A articulação do campo religioso católico**, São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP-CER, 2000. (Religião e Sociedade Brasileira, 8).
- BERGAMASCO, Sônia M., NORDER, Luis A. Cabello. **O Que São Assentamentos Rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos; 301).
- BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado - Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião**, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1985. (Coleção sociologia e religião, 2).
- BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e Poder – Ensaio de eclesiologia militante**, Petrópolis: Vozes, 1981. (Coleção Perspectivas).
- CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**, 7ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- Comissão Pastoral da Terra. **A Luta Pela Terra – A Comissão Pastoral da Terra 20 Anos Depois**. São Paulo: Paulus, 1997
- D'INCAO, Maria Conceição & ROY, Gérard. **Nós Cidadãos – Aprendendo e ensinando a democracia**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida Religiosa (O Sistema Totêmico na Austrália)**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1998. (Debates; 52).
- _____. **O Sagrado e o Profano – A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST formação e territorialização**, 2ª ed., São Paulo: Hucitec, 1999,
- FERRARI, León. Sobre Hóstias, Cópulas, Bispos e Divorciados, **Revista Adusp**, n. 06, p. 49-50, 1996.
- FREI BETO. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 5ª ed., Ed. Brasiliense: 1984. (Coleção Primeiros Passos).
- GAIGER, Luiz Inácio Germany. **Agentes Religiosos e Camponeses Sem-Terra no Sul do Brasil - Quadro de Interpretação Sociológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. (Perspectivas do Homem, v. 35, Série Política).
- GURVITCH, G. La Magie, la Religion et le Droit. In: **La Vocation Actuelle de la Sociologie**. Paris: PUF, 1963. (V. II).
- LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez Editora & Editora Autores Associados, 1991. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 39).
- _____. **A Guerra dos Deuses - Religião e política na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MACHADO, Vitor Barletta. **Da Crença à Ação Política (Revisão Bibliográfica, Sobre a Atuação da Igreja Junto aos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Brasileiros)**. Campinas, 1997. Monografia – Universidade Estadual de Campinas.

- MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1919 – 1985)**, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais - Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**, São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 6ª ed., São Paulo: HUCITEC, 1986. (Ciências Sociais; 16).
- _____. **Os Camponeses e a Política no Brasil – As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**, 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 1995.
- MONTEIRO, D. T.. **Os Errantes do Novo Século**. São Paulo: Novo Século, 1974.
- MORAES, João Quartim de. **Erasmus e Lutero: Teologia e Reforma do Cristianismo**, Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999. (Primeira Versão, 81).
- NOVAES, Regina Reyes. **Os Escolhidos de Deus – Pentecostais, Trabalhadores e Cidadania**. São Paulo: Marco Zero, 1985. (Cadernos do ISER; 19).
- _____. **De Corpo e Alma – Catolicismo, Classes Sociais e Conflitos no Campo**, São Paulo, 1987. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Bernardo do Campo/São Paulo: Imprensa Metodista, 1974.
- PAIVA, José Maria de. **A Imagem que a Igreja Tem da Realidade Brasileira - Um Estudo Através das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's**. Campinas, 1985. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.
- PAIVA, Vanilda (org.). **Igreja e Questão Agrária**. São Paulo: Loyola, 1985. (Seminários Especiais, Centro João XXIII de Investigação e Ação Social).
- POKER, José Geraldo Alberto B. **A Prática da Vida e os Desencontros da “Libertação”**. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.

- _____. **Reinventado a Vida. Uma Análise da metodologia Empregada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) para Implantar Forams de Cooperação em Assentamentos de Reforma Agrária.** São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.
- POLETTTO, Ivo. As Contradições Sociais e a Pastoral da Terra. In: PAIVA, Vanilda (org.). **Igreja e Questão Agrária**, São Paulo: Loyola, 1985.
- ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja Contra Estado (Crítica ao Populismo Católico)**. 1.ed. São Paulo: Kaíros, 1979.
- RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, São Paulo: Paulinas, 1989.
- SANTIAGO, Gabriel Lomba. **As CEB's Frente ao Estado e a Igreja**. Campinas, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**, Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. **Um Discurso Sobre as Ciências**, 6ª edição, Portugal: Afrontamento, 1993.
- SILVA, Sérgio S.. **Valor e Renda da Terra (O Movimento do Capital no Campo)**. São Paulo: Polis, 1981. (Teoria e História; 10).
- STÉDILE, João Pedro, *A questão agrária e o socialismo*, in: STÉDILE, João Pedro (coordenador). **A Questão Agrária Hoje**, 2ª ed., Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1994.
- STEDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**, 1ª ed., São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- TARELHO, Luiz Carlos. **Da Consciência dos Direitos à Identidade Social: Os Sem-terra de**

- Sumaré.** São Paulo, 1988. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- TEIXEIRA, Faustino L. C. **A Gênese das CEB's no Brasil - Elementos Explicativos.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.
- TROELTSCH, Ernest. Igreja e Seitas. **Religião e Sociedade**, 14/3, ISER/CER, 1987.
- VANDERLEEuw, G.. La Religion dans son Essence et ses Manifestations. **Phénoménologie de la Religion.** 2^a ed., Paris, 1970.
- VELHO, Otávio. **O que a religião pode fazer pelas ciências sociais?**, trabalho apresentado na mesa redonda MR03 'Religião, sociedade e ciências sociais', das VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998, texto preliminar.
- WEBER, Max. **Economia y Sociedad.** 2^a ed., 11^a reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1997.